

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Programa de Pós-graduação em Administração
Curso de Mestrado Acadêmico em Administração

Angelica Carina de Andrade Farias

**SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL: ESTUDOS DE CASOS NA CONSTRUÇÃO
CIVIL DE CAMPINA GRANDE - PB**

João Pessoa

2014



ANGELICA CARINA DE ANDRADE FARIAS

**SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL: ESTUDOS DE CASOS NA CONSTRUÇÃO
CIVIL DE CAMPINA GRANDE - PB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Administração no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba.

Área de Concentração: Gestão Estratégica, Trabalho e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Leonardo Cunha Callado

João Pessoa

2014

*F224s Farias, Angelica Carina de Andrade.
Sustentabilidade empresarial: estudos de casos na
construção civil de Campina Grande-PB / Angelica
Carina de Andrade Farias.-- João Pessoa, 2014.
125f.
Orientador: Aldo Leonardo Cunha Callado
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA
1. Administração. 2. Gestão estratégica. 3.
Construção civil. 4. Sustentabilidade empresarial. 5.
Indicadores de sustentabilidade. 6. Grid de
Sustentabilidade Empresarial (GSE).*

UFPB/BC

CDU: 658(043)

**SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL: ESTUDOS DE CASOS NA CONSTRUÇÃO
CIVIL DE CAMPINA GRANDE - PB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Administração no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba.

Área de Concentração: Gestão Estratégica, Trabalho e Sociedade

Dissertação aprovada em: 21/02/2014

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aldo Leonardo Cunha Callado
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. André Gustavo Carvalho Machado
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Gesinaldo Ataíde Cândido
Universidade Federal de Campina Grande

A minha amiga, meu exemplo, minha guia, minha razão de viver, minha mãe. Obrigada por acreditar em mim, por ser a luz da minha vida, minha companheira de luta, de vitórias, esse título também é seu, porque a senhora é realmente uma Mestre.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradecer ao Senhor da minha vida, aquele que me ofereceu o fôlego da vida, que guiou meus passos, iluminou meus caminhos, abençoou meus planos, aquele a quem devo cada batida do meu coração, que é o rei dos reis, o autor da minha história. Ao meu Deus, toda a gratidão, toda honra.

Agradeço a minha amada família, a minha base, da qual tive que me afastar, e só nós sabemos o que essa distância significou, mas, foram compreensivos, me apoiaram e acima de tudo, respeitaram minhas decisões. Mais especificamente agradeço a minha tia Severina, mulher forte e guerreira; a meu primo Alexandre, exemplo de homem, honestidade e honra; e a meu namorado, Tássio, que trouxe paz e amor para minha vida.

Agradeço a minha mãe Fátima, minha companheira de estudos e viagens, a ela devo tudo que sou como pessoa e profissional. Só nós duas sabemos a força do nosso amor, e eu só tenho dizer lhe obrigada pelo apoio financeiro, pelo colo amigo, por não me deixar sozinha, pelo cuidado e dedicação, por acreditar nos meus sonhos, mesmo quando eu já havia desistido, e mais ainda, obrigada por existir.

Agradeço a meu orientador Prof. Dr. Aldo, que pacientemente se dedicou a este trabalho, contribuindo com sua experiência, me mostrando os caminhos que levariam a uma rica fonte de conhecimento, um exemplo de professor.

Agradeço aos professores membros da banca, Prof. Dr. André e Prof. Dr. Gesinaldo, pela disposição em contribuir com o trabalho, os conselhos e dicas preciosos, que espero ter colocado em prática. Além disso, ao Prof. Dr. André agradeço pelos conhecimentos transmitidos em sala de aula, pelo profissionalismo e atenção; e ao Prof. Dr. Gesinaldo, que também foi meu primeiro professor na graduação, em Campina Grande, agradeço por me receber em sua sala de aula, como aluna especial, bem como pela dedicação e disponibilidade em me atender.

Agradeço a coordenação do PPGA, que com maestria conduz o programa, refletindo segurança e respeito em todos os seus alunos.

Agradeço as empresas participantes, em todas fui bem recebida por profissionais que dedicaram seu tempo, confiaram em minha pessoa, e sem os quais essa pesquisa não seria possível.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que me apoiou financeiramente durante boa parte do meu mestrado.

Agradeço aos meus colegas da Turma 37, pelo aprendizado, pelas risadas, pela convivência, pelo apoio, e pela amizade que levarei para a vida. Mais especificamente, agradeço a Juliana Vale Ribeiro, uma pequena guerreira, uma amiga de lágrimas, de estrada, madrugadas de estudos, choros e risos, e que juntas sobrevivemos ao mestrado.

Agradeço a um casal de amigos, Daniela e Adelfran, que me receberam em seu lar quando precisei, e como vizinhos me ajudaram a diminuir a solidão, amigos para a vida.

A todos os meus sinceros agradecimentos, que Deus os abençoe.

RESUMO

A sociedade esteve, por um longo período, com a ideia de desenvolvimento restrita ao progresso econômico. Defendia-se que a geração de riquezas seria por si só, responsável pela manutenção da vida humana e pela melhora da sua qualidade. No entanto, o que se assistiu em diversos países foi à concentração de renda, a degradação ambiental e o aumento da pobreza. Assim, o Desenvolvimento Sustentável passou a ocupar papel estratégico nas discussões, apresentando conceitos que visavam garantir o atendimento das necessidades da atuação geração, bem como das gerações futuras, associados principalmente às dimensões ambiental, econômica e social, e que não podem ser desprezados, tão pouco trabalhados de forma isolada. Nesse cenário, as organizações são chamadas a participar ativamente, considerando o seu importante papel na sociedade, mais especificamente pelo seu poder de impactar em diversas áreas essenciais a vida. Dentro de diversos setores empresariais, a construção civil tem papel crucial no auxílio dos objetivos sustentáveis globais propostos. O referido setor é grande consumidor de recursos naturais, emprega milhões de trabalhadores e interfere no desenvolvimento do país. Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi de analisar o desempenho da sustentabilidade de empresas que integram o setor da construção civil de Campina Grande – PB. Para alcançá-lo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, de objetivo exploratório e descritivo, em um estudo de casos múltiplos, formado por 3 (três) empresas. Utilizou-se da entrevista estruturada, da observação direta participante, da pesquisa documental e do questionário como instrumentos para coleta de dados. Além disso, o modelo Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE), proposto por Callado (2010), foi o método escolhido para analisar os dados, sendo uma perspectiva integradora que possibilita caracterizar os aspectos da sustentabilidade de várias empresas. Os resultados revelam que duas empresas apresentaram desempenho considerado satisfatório, que as identificam como detentoras de bom desempenho econômico, boa interação social e comprometimento ambiental. Por outro lado, uma empresa apresentou bom desempenho econômico, mas não possui boa interação social e não está comprometida com os aspectos ambientais. Cabe destacar, que na dimensão ambiental, nenhuma das empresas pesquisadas demonstrou preocupação em com a análise entre o ciclo de vida dos seus produtos em relação ao meio ambiente. Entretanto, as três empresas desenvolvem ações e/ou programas voltados a redução de resíduos. Em relação à dimensão econômica, nenhuma das pesquisadas possui gastos com benefícios aos seus funcionários, no entanto, todas obtiveram aumento na participação de mercado e no volume de vendas, referentes aos últimos três anos, além de se preocuparem em realizar rotineiras avaliações dos seus resultados. Na dimensão social, as empresas pesquisadas não apresentaram preocupação em relação a empregabilidade e ao gerenciamento de fim de carreira, no entanto, todos os seus empregados possuem contratos de trabalho legalmente formalizados e, não há em seu histórico registro de acidente de trabalho fatal.

Palavras-chave: Sustentabilidade empresarial; Construção civil; Indicadores de sustentabilidade; Grid de Sustentabilidade Empresarial

ABSTRACT

Society had been, for a long period, relating the idea of development to economic progress only. It used to be defended that the generation of wealth would be alone responsible for the maintenance of human life and that it would improve its quality. However, what is seen in many countries is the concentration of wealth, environmental degradation and increasing poverty. Thus, sustainable development has come to occupy a strategic role in the discussions, presenting concepts which aimed to ensuring that the needs of the present generation as well as future generations would be fulfilled, mainly linked to the environmental, economic and social, which can neither be neglected, nor worked in isolation. In this scenario, organizations are encouraged to participate actively considering their important role in society, more specifically by its power to impact on several key areas of life. Within several business industries, the construction industry plays a crucial role in helping the global sustainable goals proposed. That industry is a large consumer of natural resources, employs millions of workers and interferes with the development of the country. Thus, the objective of this research was to analyse the sustainability performance of companies in the construction industry of Campina Grande - PB. To reach the objective, it was developed a qualitative, exploratory and descriptive research, executed as a multiple case study, consisting of three (3) companies. It was used structured interview, intensive direct observation, documentary research and questionnaires as tools for data collection . Moreover, the Grid Corporate Sustainability (GSE) model, proposed by Callado (2010), was chosen to analyze the data, because it is model which holds an integrating perspective that allows characterizing the sustainability aspects of various companies. The results reveal that two companies had satisfactory performances, which identify them as having good economic performance, social interaction and good environmental commitment. Moreover, one company provided good economic performance, but lacks good social interaction and is not committed to the environmental aspects. It is worth noting that, regarding the environmental dimension, none of the surveyed companies showed concern with the analysis of the life cycle of their products in relation to the environment. However, the three companies develop actions and/or programs which aimed to reducing waste. Regarding the economic dimension, none of the surveyed spent money on benefits to their employees, however, all obtained an increase in market share and sales volume for the last three years, and cared to perform routine evaluations of their results. In the social dimension, the surveyed companies had no concern for employability and career end management, however, all employees have employment contracts legally formalized, and there is no historical record of fatal work accident.

Keywords: Business Sustainability, Construction , Sustainability indicators ; Grid Corporate Sustainability

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linha do Tempo dos Eventos que Marcaram a Evolução do Desenvolvimento Sustentável.....	25
Figura 2 - <i>Formal Framework for Conceptions of Sustainability</i>	30
Figura 3 - Mapeamento das Visões sobre Desenvolvimento Sustentável.....	31
Figura 4 - Posicionamento Espacial no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE).....	53
Figura 5 – Fluxograma do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE).....	65
Figura 6 - Posicionamento Espacial das empresas no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais Sistemas de Indicadores de Sustentabilidade Empresarial.....	41
Quadro 2 - Indicadores das Dimensões Ambiental, Econômica e Social do GSE.....	46
Quadro 3 - Grupo de Indicadores e Categorias de Desempenho.....	48
Quadro 4 - Resultados de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS).....	50
Quadro 5 - Intervalos dos Resultados de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) Referentes às Três Dimensões.....	50
Quadro 6 - Resultados e Interpretações dos Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) Referente às Três Dimensões.....	51
Quadro 7 - Resultados, Interpretações e Significados do Escore de Sustentabilidade (ESE)..	52
Quadro 8 - Resultados e posicionamentos espaciais do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE).....	53
Quadro 9 - Relação Entre os Objetivos Específicos e os Instrumentos e Coleta de Dados.....	63
Quadro 10 - Características das Empresas Participantes da Pesquisa.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Escores de Desempenho nos Indicadores Ambientais das Empresas	72
Tabela 2 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Ambientais	73
Tabela 3 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Ambientais	77
Tabela 4 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Ambiental (EPS_A)	78
Tabela 5 - Escores de Desempenho em Indicadores Econômicos das Empresas.....	79
Tabela 6 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Econômicos	79
Tabela 7 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Econômicos.....	84
Tabela 8 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Econômica (EPS_E).....	85
Tabela 9 - Escores de Desempenho em Indicadores Sociais das Empresas.....	85
Tabela 10 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Sociais	86
Tabela 11 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Sociais.....	90
Tabela 12 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Social (EPS_S)	91
Tabela 13 - Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE) das Empresas Pesquisadas	91
Tabela 14 - Interações entre os Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) e Escores de Sustentabilidade Empresarial (ESE).....	92

LISTA DE SIGLAS

ABRAMAT	Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção
CBIC	Câmara Brasileira da Indústria da Construção
CDS	Comissão de Desenvolvimento Sustentável
CIPA	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CMMAD	Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
EAD	Educação a Distância
EPS	Escore Parcial de Sustentabilidade
ESE	Escore de Sustentabilidade Empresarial
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FIEP	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
GRI	<i>Global Reporting Initiative</i>
GSE	Grid de Sustentabilidade Empresarial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NR	Norma Regulamentadora
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PBQPH	Prêmio Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Habitat
PBQP-H	Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade na Habitação
PGRS	Programa de Gestão de Resíduos Sólidos
PIB	Produto Interno Bruto
PlanHab	Plano Nacional de Habitação
PNB	Produto Nacional Bruto
PNUMA	Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SGA	Sistema de Gestão Ambiental

SIPAT

Semana Interna de Prevenção de Acidentes

UNCTAD

Conferência das Nações Unidas sobre Comercio e Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS	20
1.1.1 Objetivo geral:	20
1.1.2 Objetivos específicos:	20
1.2 JUSTIFICATIVA	20
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2 REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	24
2.1.1 Resgate histórico, principais eventos e acontecimentos	24
2.1.2 Conceitos, abordagens e classificações	28
2.2 SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	33
2.3 MENSURAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	38
2.3.1 Conceitos de indicadores de sustentabilidade empresarial	38
2.3.2 Modelos de mensuração de sustentabilidade empresarial	41
2.4 MODELO DE MENSURAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL ADOTADO NESTE TRABALHO: GRID DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL ...	45
2.5 A SUSTENTABILIDADE NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL	54
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	59
3.1 MÉTODO DA PESQUISA	59
3.2 SELEÇÃO DOS CASOS E DOS SUJEITOS DE PESQUISA	61
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	62
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	64
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	67
4.1 PANORAMA DO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA PERSPECTIVA NACIONAL E PARAIBANA	67

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS PARTICIPANTES DA PESQUISA E DOS SEUS ENTREVISTADOS.....	69
4.2.1 Empresa A	70
4.2.2 Empresa B	70
4.2.3 Empresa C	71
4.3 APLICAÇÃO DO GRID DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL	71
4.3.1 Etapa I: Cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade	71
4.3.1.1 EPS da dimensão ambiental.....	72
4.3.1.2 EPS da dimensão econômica	78
4.3.1.3 EPS da dimensão social.....	85
4.3.2 Etapa II: Cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade.....	91
4.3.3 Posicionamentos no Grid de Sustentabilidade Empresarial	92
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6 REFERÊNCIAS	99
Anexo A - CARACTERÍSTICAS DOS INDICADORES	107
Anexo B – QUESTIONÁRIO INFORMAÇÕES SOBRE OS INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE	115
Apêndice A - CARTA DE CONVITE AS EMPRESAS	122
Apêndice B – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO REPRESENTANTE DA EMPRESA.....	123
Apêndice C – CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA.....	124

1 INTRODUÇÃO

A incorreta utilização dos recursos naturais, o aumento das desigualdades sociais, bem como a inconsistência de economias mundiais, são apenas alguns dos eventos que estão cada vez mais presentes na sociedade atual. O advento do capitalismo permitiu que as distâncias diminuíssem, e oportunizou o desenvolvimento em campos específicos. Entretanto, alguns valores e conceitos importantes foram sendo abandonados, enquanto outros passaram por um processo de transformação, possibilitando a emergência do poder econômico como determinante nas relações, sem a devida preocupação com a manutenção da vida, tampouco com a qualidade da mesma. Dessa forma, o conceito de desenvolvimento sustentável apresenta novas e diferentes perspectivas ao atual cenário, a partir do momento em que se começa a desenvolver mundialmente uma consciência mais humanizada, pautada na dignidade da sobrevivência.

De acordo com Veiga (2010), as raízes do desenvolvimento sustentável estão associadas principalmente aos campos da Economia e da Ecologia, entre os anos 60 e 80, quando alguns desastres ambientais e econômicos (a exemplo da Crise do Petróleo) chamaram a atenção do mundo para a necessidade do desenvolvimento de uma relação de convivência mais harmoniosa entre homem e natureza, tornando-se, então, o incentivo inicial das discussões dessa problemática, inclusive, a partir de uma visão global, baseada em relatórios e conceitos que comprovaram os limites do crescimento.

Além disso, a realização de eventos, a fundação de instituições e publicações associadas à temática contribuíram para a promoção dessa nova conscientização, bem como alertaram a sociedade e os líderes mundiais para a necessidade urgente de mudança, a exemplo do surgimento do Clube de Roma, em 1972, que retratou o aceleração dos problemas ambientais. Também como contribuinte a discussão do tema, Maurice Strong, no ano de 1973, apresentou o conceito de Ecodesenvolvimento, responsável por relacionar a necessidade de crescimento econômico e a preservação ambiental, causando, assim, grande impacto no paradigma econômico dominante da época (BROWN, 2003).

O conceito mais conhecido de desenvolvimento sustentável foi elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), em 1987, no Relatório Brundtland, e referia-se ao atendimento das necessidades das gerações presentes, garantindo, também o atendimento das necessidades de gerações futuras (BELLEN, 2006; DIAS, 2011; STEURER *ET AL.*, 2005).

Segundo Bellen (2006), o conceito de desenvolvimento sustentável está relacionado à nova maneira da sociedade e do ambiente se relacionarem, ambos objetivando sua continuidade. Assim, o espaço e os recursos disponíveis devem ser respeitados por todos aqueles que deles dependem, bem como preservados para que seja garantida sua existência no futuro. O mais importante nos conceitos relacionados à área é o fato de alertarem em relação à necessidade e a limitação dos recursos.

Na década de 1990, a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), também conhecida como Rio-92, trouxe à tona a discussão sobre o desenvolvimento sustentável com as perspectivas econômica, social e ambiental, centrada na participação de autoridades mundiais e representantes da sociedade civil. Dada a importância, relevância e expectativa acerca do tema, os participantes do evento logo passaram a incorporar os planos e projetos ali defendidos em seus discursos. Porém, as palavras traduziam-se em preocupação na sua operacionalização e em como se adaptar frente às mudanças exigidas.

Desse encontro resultou a publicação de documentos, acordos e a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável (CDS), sendo-lhe atribuída a responsabilidade de monitorar os progressos para um futuro sustentável e orientar os países no estabelecimento de metas e planos para que tal desenvolvimento fosse concretizado.

E para que a ideia de desenvolvimento sustentável receba a credibilidade e o engajamento necessários, o Estado ocupa papel central, sendo-lhe atribuído à responsabilidade de tomar atitudes que coordenem as relações de todos os atores sociais envolvidos. Além do Estado, as empresas também vêm ocupando um papel central nessa discussão, pois, como defendido por Perrow (1992), elas absorveram a sociedade, podendo até mesmo serem consideradas suas substitutas. Dessa forma, acredita-se que a iniciativa privada participa desse processo como peça fundamental à sua concretização, uma vez que possui forte influência social, ambiental e econômica no planeta.

As transformações e mudanças ocorridas no contexto que envolve as empresas resultaram em maiores exigências sobre seu desempenho e sobrevivência. Diante disso, é requerido agora que elas cumpram diversas normas, possuam múltiplos valores, apresentem relacionamento ético junto aos *stakeholders*, demonstrem constante atualização tecnológica, além de inovação dos processos e produtos (GARVARE; JOHANSSON, 2010).

Azapagic e Perdan (2000) retratam o papel das empresas na sociedade, considerando que elas podem ser vistas como fontes de exploração e degradação dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que possuem importância na geração de riquezas e no desenvolvimento. Portanto, enquanto bem social, sua participação na sustentabilidade não pode ser ignorada, na medida em que podem contribuir ao seu favorecimento ou prejuízo desse processo. Dessa forma, o papel das empresas na sustentabilidade pode tanto ser positivo quanto negativo, devendo seus gestores desenvolver com ética as suas funções, para que as contribuições da sua atividade impactem positivamente em todas as suas partes interessadas, de modo a garantir qualidade de vida.

Para verificar o crescimento organizacional, não diferente da medição realizada em nações, eram utilizadas medidas que se traduziam em termos meramente econômicos onde o importante eram números positivos. Uma visão quantitativamente inspiradora que motivava os gestores à busca por aumentar os resultados de seus índices e indicadores, vislumbrando economistas e governistas, mas que, de fato, não representavam, além dos resultados meramente econômicos, os impactos sociais e ambientais gerados. Como propõe Sachs (2007), o desenvolvimento sustentável só é possível de acontecer a partir da interação entre as dimensões social, econômica e ambiental. Ou seja, as medidas de desempenho organizacional devem considerar o *triple bottom line* como guia, a invés de tratar isoladamente apenas uma das referidas dimensões.

As novas atitudes empresariais estão associadas aos valores da sociedade em que estão inseridas. Assim, de acordo com Székely e Knirsch (2005), as organizações, independentes de seu porte, vêm incluindo em seus planos estratégicos as ações sustentáveis, o que significa, entre outras medidas, adotar práticas éticas que possam lhe gerar uma reputação positiva e valorização financeira.

Além disso, essas ações tornam-se possíveis graças às pressões que as empresas vêm recebendo por parte de seus *stakeholders* em fazer as coisas certas, o que também está influenciando investidores e consumidores de todo o mundo, que passaram a analisar os balanços sociais e guias de cidadania, bem como motivando a retenção de talentos para fazerem parte do seu quadro funcional (BRØNN; VIDAVER-COHEN, 2008).

Cirelli e Kassai (2010) definem que uma empresa é sustentável quando gera riqueza e patrimônio aos acionistas, preservam o meio ambiente e afetam positivamente a vida de todos aqueles que com ela interagem. Desse modo, as antigas formas de avaliação baseadas em números e medidas econômicas já não são eficazes para a sobrevivência num

novo tempo, onde, também se avaliam, os impactos intangíveis e não monetários gerados pelas suas atividades.

O setor da construção civil emprega milhões de trabalhadores, é formado por milhares de empresas. Com números tão significativos para um país é impossível deixar de se pensar, com uma visão mais atual, na força que elas exercem sobre a sociedade, nas consequências sobre a vida daqueles que, direta ou indiretamente, possuem algum tipo de relação com as mesmas. Assim, suas ações devem ser constantemente avaliadas, a fim de proporcionar retorno e um conjunto de informações para que se identifique quais são as contribuições e os prejuízos que geram à sociedade.

E para que a sustentabilidade empresarial seja medida, verificada, e oriente os gestores em relação às decisões e ações, pode-se utilizar os indicadores. Para Carvalho e Barcellos (2010), a verificação da sustentabilidade ocorre através do uso de indicadores que podem ser definidos como uma medida usada para quantificar um conceito teórico, traduzindo estatisticamente as suas condições. Para ser considerado eficaz, deve ser confiável, útil e não muito caro de se operacionalizar, além disso, possuir sua base voltada à teoria, ser sensível às mudanças, facilitar o entendimento ao público especializado, atualizável e desagregável (CARVALHO; BARCELOS, 2010).

Os indicadores de sustentabilidade visam exatamente guiar uma avaliação da operacionalização da sustentabilidade. Para Callado (2010), a criação dos indicadores de sustentabilidade possibilita acompanhar as mudanças ocorridas no processo produtivo e verificar se estão alcançando eficazmente os aspectos relevantes ligados às dimensões social, ambiental e econômica com o desenvolver de suas atividades. Além disso, os indicadores de sustentabilidade servem como um meio de comunicação entre a empresa e seus *stakeholders*, quando através dos seus resultados, os mesmos são informados de qual a real situação organizacional e, assim, avaliar as suas ações.

Callado (2010) desenvolveu um modelo de sustentabilidade empresarial composto de 43 indicadores, distribuídos nas dimensões ambiental, econômica e social. O modelo foi chamado Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE) e se propõe a ser utilizado por diversas empresas, de diferentes atividades. Através da integração dos seus resultados atribui características acerca da sustentabilidade das atividades desenvolvidas.

Assim, o problema que orienta essa pesquisa está descrito no seguinte questionamento:

Qual o desempenho da sustentabilidade empresarial de empresas que integram o setor da construção civil de Campina Grande – PB?

1.1 OBJETIVOS

Para melhor operacionalizar a questão de pesquisa, estabeleceram-se os seguintes objetivos:

1.1.1 Objetivo geral:

Analisar o desempenho da sustentabilidade de empresas que integram o setor da construção civil de Campina Grande- PB.

1.1.2 Objetivos específicos:

1. Aplicar o Grid de Sustentabilidade Empresarial nas empresas selecionadas;
2. Identificar, nas empresas pesquisadas, as ações adotadas que se relacionam com a sua sustentabilidade;
3. Caracterizar a sustentabilidade apresentada pelas empresas pesquisadas.

1.2 JUSTIFICATIVA

O tema Sustentabilidade tem sido fonte de exploração e tem promovido uma revolução nas empresas, além de ser um assunto presente nas agendas de executivos, dada a sua eminência, e graças às atuais exigências para que elas se adaptem a um meio onde não são mais toleradas atitudes individualistas e desagregadoras ao meio ambiente, à economia e à sociedade. Portanto, o importante agora é desenvolver ações que compreendam os limites dos recursos naturais, respeitem os valores humanos, alcancem o seu principal objetivo, o lucro, através de uma gestão eficiente. Assim, o tema sustentabilidade se torna objeto de estudo e chama a atenção pela proximidade que oferece aos pesquisadores que a ele se dedicam, pela possibilidade de contribuição a sociedade.

Uma das atividades de maior impacto na sociedade é a da construção civil, por consumir grande parte dos recursos naturais disponíveis (como a água) e produzir um enorme volume de resíduos que agridem o meio ambiente, bem como pela sua representatividade econômica (SILVA *ET AL.*, 2011; SHEN *ET AL.*, 2010; JOHN, AGOPYAN, 2003). No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), esse setor é formado por aproximadamente 64 mil empresas, empregam dois milhões de trabalhadores,

movimentam R\$ 224 bilhões de reais anualmente, o que representam 8,3% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional.

Além disso, segundo Lauriano e Tello (2011), o setor vem sendo fomentado com diversos fatores que proporcionam seu crescimento, como o aumento da renda familiar, aumento da oferta de crédito, incentivos governamentais em relação a desoneração de impostos, além dos programas habitacionais do governo federal. Com os benefícios e incentivos recebidos, com a atenção e programas governamentais específicos, com números tão significativos para um país em desenvolvimento, não se pode desprezar a representatividade desse setor para a sociedade, mais especificamente no que diz respeito à sua contribuição para a sustentabilidade.

A escolha do setor da construção civil para a realização dessa pesquisa se justifica pela sua importância na economia brasileira, mais especificamente em relação à cidade de Campina Grande-PB, que atualmente vive um “boom” imobiliário, e que recebe de forma significativa as influências do desenvolvimento de ações dessa atividade. O setor é responsável por diversos impactos à sociedade, que estão relacionados tanto a aspectos positivos, quanto a aspectos negativos.

Acerca dos impactos positivos, Lauriano (2013) defende que o setor hoje é considerado chave para o crescimento do Brasil, uma vez que estamos às portas de eventos internacionais (Copa do Mundo - 2014, Olimpíadas - 2016) que exigem infraestrutura necessária às suas realizações, gerando emprego e renda, atraindo investimentos internacionais e incentivando a formação profissional e o empreendedorismo brasileiro. Além disso, incentivos do Governo Federal fomentam o setor, revelando a sua função social, e promotores de impactos na sociedade brasileira, estimulando e facilitando a aquisição de casa própria, melhorando a qualidade de vida da população brasileira.

No que diz respeito aos impactos negativos, o setor vem chamando a atenção pela precariedade em relação à saúde e à segurança dos seus trabalhadores, bem como pelo grande volume de recursos naturais e de energia elétrica utilizados, e pelo alto volume da produção de resíduos. De acordo com Tello e Ribeiro (2012), o meio ambiente é o mais afetado por este tipo de atividade, que parte desde a extração de suas matérias-primas, até o fim da vida útil dos seus empreendimentos.

Apesar da relevância que possui, o setor ainda recebe pouca atenção dos pesquisadores, quando se trata de sustentabilidade em uma perspectiva tridimensional (das dimensões ambiental, econômica e social), pois normalmente apenas a dimensão ambiental é

explorada, como nos estudos de Tello e Ribeiro (2012), Lauriano e Tello (2011), Zuo *et al.* (2012) e Florez *et al.* (2013).

Identificou-se, durante a pesquisa bibliográfica, que os trabalhos existentes na área necessitam ser mais amplos. Sob essa perspectiva, acredita-se que os resultados desta pesquisa poderão auxiliar os gestores, a partir da avaliação do seu atual *status*, a estabelecer novas ações que possam de fato contribuir com a sustentabilidade global, através da difusão das práticas positivas e da eliminação das negativas, ou incentivando-os a tomar atitudes que conduzam a empresa nesse caminho.

A verificação da sustentabilidade tem sido um desafio e o uso dos indicadores tem auxiliado gestores que, através do seu uso, são capazes de relatar a eficiência e eficácia das ações que estão sendo tomadas, possibilitando também retratar as suas limitações, de modo a permitir que se trace um panorama da atual condição do objeto de estudo, bem como indicando aspectos passíveis de melhoria. O Grid de sustentabilidade, como modelo de mensuração de indicadores de sustentabilidade empresarial, na sua perspectiva tridimensional, pode auxiliar a alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa

A sustentabilidade é um tema que interessa à sociedade, pois possibilita um envolvimento que a convida a se engajar na busca pela igualdade social, uma economia equilibrada e um meio ambiente saudável. Nesse momento, as organizações possuem um papel fundamental, que não pode ser desprezado, tão pouco esquecido. A sua responsabilidade deve ser assumida, admitida e praticada de forma positiva, através de ações que fortaleçam o *triple bottom line*.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho está estruturado em 5 (cinco) capítulos. Inicialmente, apresentou-se um capítulo de caráter introdutório, no qual discorreu-se sobre o problema da pesquisa, os objetivos (geral e específico) e a justificativa.

No segundo capítulo, Fundamentação Teórica, serão apresentadas as principais referências teóricas, fruto de uma revisão da literatura, que abordam os temas aqui discutidos, distribuídos nas seguintes seções: Desenvolvimento Sustentável; Sustentabilidade Empresarial; Mensuração da Sustentabilidade Empresarial; Modelo de Mensuração da Sustentabilidade Empresarial Adotado neste trabalho (Grid de Sustentabilidade Empresarial); Sustentabilidade no Setor da Construção Civil; e Considerações Finais.

No terceiro capítulo, Aspectos Metodológicos, discorre-se sobre a metodologia que orientou o desenvolvimento desta pesquisa, na seguinte distribuição: Método da Pesquisa; Seleção dos Casos e dos Sujeitos de Pesquisa; Instrumentos de Coleta de Dados; e Análise dos dados.

O quarto capítulo, Apresentação e Análise dos Resultados, demonstra as principais características das empresas pesquisadas, bem como os resultados obtidos por elas. Está organizado da seguinte forma: Panorama do Setor da Construção Civil na Perspectiva Brasileira e Paraibana; Caracterização das Empresas Participantes da Pesquisa e de Seus Entrevistados; e Aplicação do Grid de Sustentabilidade Empresarial.

O quinto capítulo, Conclusões, apresenta as observações conclusivas do estudo, as implicações práticas, limitações da pesquisa, e sugestões para futuros estudos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esse capítulo apresenta os principais conceitos resultantes de uma revisão da literatura, associados às temáticas de Desenvolvimento Sustentável, Sustentabilidade Empresarial e os seus Indicadores, assuntos que fundamentam este trabalho.

2.1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

2.1.1 Resgate histórico, principais eventos e acontecimentos

As raízes históricas do desenvolvimento estão relacionadas com à ideia de progresso. Para Bury (2008), progresso refere-se à mudança de um atual estado para outro, porém não se pode afirmar que esse movimento levará ao estado desejado, de modo a ocorrer ou não o progresso.

A partir da Revolução Industrial, no século XVII, os processos produtivos, até então predominantemente artesanais, passaram a promover a noção de progresso baseado na produção mecânica e em massa, provocando superlotação nas cidades, instaurando um quadro de profundas mudanças econômicas e sociais em toda a sociedade.

De acordo com Calegare e Silva Junior (2011), a revolução industrial era acreditada como promotora do progresso em todas as áreas necessárias à manutenção da vida humana. No entanto o desenvolvimento ficou restrito ao progresso econômico, por este ter sido considerado a força que iria romper o subdesenvolvimento.

Com a visão limitada a respeito do progresso e desenvolvimento, reduzida a termos econômicos, outros aspectos foram sendo desprezados, e o avanço financeiro não atendeu às expectativas, como corrobora Sachs (1995), ao afirmar que as promessas de um bem estar generalizado feitas pelo desenvolvimento científico e técnico não foram cumpridas.

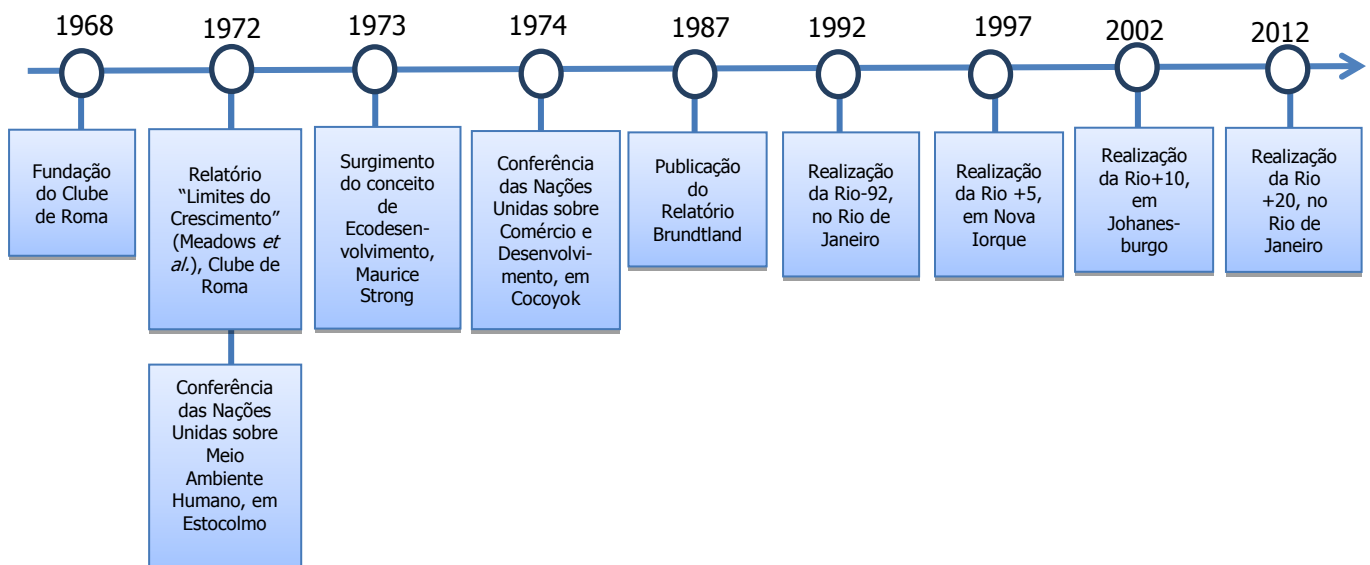
Para Banerjee (2003, p. 75), “os formidáveis planos para o progresso e pelos processos de modernização são, no mínimo, questionáveis”, referindo-se a expectativa positiva estabelecida que não se concretizou. O que, na verdade, se assistiu foi o aumento da concentração de renda, a degradação ambiental pelo uso indiscriminado dos recursos naturais e a acentuação das desigualdades.

Segundo Veiga (2010), até o início dos anos 60 não havia preocupação na distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico, pois as nações que haviam enriquecido (os chamados países do Norte) foram exatamente as que investiram em seus

processos de industrialização, enquanto que os países pobres (os chamados países do Sul) amargavam o avesso dessa situação. É nesse quadro contraditório que surge a margem para os debates internacionais sobre o desenvolvimento.

Assim, o conceito de Desenvolvimento Sustentável emerge abordando, de uma maneira holística, os problemas causados pelo crescimento econômico, estabelecendo uma nova ordem e novas regras para as relações homem, Estado e meio ambiente. Alguns eventos marcaram a evolução desse conceito, conforme é apresentado na Figura 1.

Figura 1 - Linha do Tempo dos Eventos que Marcaram a Evolução do Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Elaboração própria, 2013.

Inicialmente, a fundação do Clube de Roma, em 1968, formado por políticos e empresários, tinha como objetivo oferecer soluções aos problemas da época. Uma das suas principais ações foi a divulgação do relatório "Limites do Crescimento" (Meadows *et al.*, 1972), encomendado ao *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), que segundo Tayra e Ribeiro (2006), trouxe aspectos alarmantes acerca do possível colapso do ecossistema mundial, dada a insuficiência deste para continuar atendendo ao consumo desenfreado da população, chegando a prever, em tom catastrófico, o declínio da produção mundial, mortandade da população e o esgotamento dos recursos naturais. O relatório causou impacto nas discussões internacionais, principalmente nas relacionadas às questões ambientais.

No mesmo ano, em 1972, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, a primeira que contou com a participação de líderes mundiais em discussões sobre economia e meio ambiente (MELLO; OJIMA, 2004). Na ocasião, segundo Bellen (2006), as atenções voltaram-se, principalmente, para as questões relacionadas ao crescimento populacional e suas implicações, o processo de urbanização e industrialização. Como resultado do evento, foi divulgada a Declaração de Estocolmo, que constituiu o primeiro conjunto de princípios sobre questões ambientais, composta de 26 princípios que norteariam as relações entre homem e natureza, além de um plano de ação contendo 109 recomendações, e mais 5 resoluções que tratavam de questões mais específicas (QUENTAL *et al.*, 2011).

No ano de 1973 surge o conceito de Ecodesenvolvimento, proposto por Maurice Strong, que para Fernandez (2011) representa um compromisso valorativo entre os recursos naturais, o meio ambiente e a economia. Esse conceito associou o desenvolvimento à ecologia.

De acordo com Brown (2003), para que o progresso econômico ocorra de forma sustentável, a ecologia não pode ser desprezada, ou entrará em colapso, devendo existir uma relação positiva entre os ecologistas e os economistas, pois se vive num mundo em que a economia pressiona o sistema natural, e a conversão da mesma para uma Ecoeconomia requer esforços coletivos em que sinais de mercado respeitem a ecologia.

O ser humano não pode continuar consumindo desenfreadamente, nem todos os recursos naturais são renováveis e até aqueles que o são já apresentam dificuldades de plantio e conservação. Assim, o Ecodesenvolvimento surgiu a partir da necessidade de se reexaminar o conceito de desenvolvimento que imperava desde a Revolução Industrial.

Em 1974, aconteceu a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), em Cocoyok, promovida pelo Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (PNUMA). Na ocasião, foram avaliados os aspectos sociais e econômicos que levavam a degradação ambiental. Disso resultou a Declaração de Cocoyok, que fomenta a discussão sobre meio ambiente e desenvolvimento.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável ganhou mais notoriedade a partir da publicação do Relatório Brundtland, em 1987, também reconhecido como “Nosso futuro Comum” (QUENTAL *ET AL.*, 2011; MEBRATU, 1998). A publicação foi elaborada pela CMMAD, fruto de reuniões que visavam buscar alternativas para um desenvolvimento mais igualitário, realizadas pelo PNUMA, em parceria com as Comissões Regionais das Nações Unidas, que ocorreram durante o período de 1979 a 1987.

A definição de Desenvolvimento Sustentável apresentada nesse relatório foi pioneira e, até hoje, é considerada a mais reconhecida. Diz que “o Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades das gerações presentes sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (CMMAD, 1987, p. 46). Segundo Bellen (2006), é a partir da divulgação desse relatório que a atenção volta-se ao elemento humano. Anteriormente, as questões ambientais eram mais enfatizadas, agora, porém, um equilíbrio entre as dimensões ambiental, social e econômica é privilegiado.

Em 1992, ocorreu no Rio de Janeiro a CNUMAD, que ficou conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra. Na ocasião, reuniram-se autoridades políticas e entidades ambientais. Mebratu (1998) afirma que o maior legado do evento não foi propriamente a sua realização, mas sim a preparação para seu acontecimento, que durou quatro anos, durante os quais 4 encontros anteciparam as suas discussões. Cada país membro da Organização das Nações Unidas (ONU) deveria produzir um documento relatando as suas atuais condições acerca do desenvolvimento e do meio ambiente, além de elaborar planos de ação para correção dos pontos fracos, proporcionando, assim, estudos e debates prévios.

Além disso, durante o evento foram firmados alguns compromissos internacionais, a exemplo da Agenda 21 Global, a Declaração do Rio de Janeiro, a Convenção da Biodiversidade, a Convenção do Clima, bem como a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que tinha como objetivo estabelecer parcerias entre organizações não governamentais e as Nações Unidas, para elaborarem estratégias que colaborassem para o desenvolvimento sustentável global. De modo a garantir o cumprimento das metas e objetivos estabelecidos em 1992, foram criados os eventos, Rio +5, Rio +10 e o Rio +20.

De acordo com Lorenzetti (2002), o evento Rio +5, ocorrida em Nova Iorque, no ano de 1997, tinha como foco principal garantir o cumprimento da Agenda 21, através da identificação de lacunas que estivessem impedindo o seu sucesso. Em 2000, a CDS solicitou uma nova reunião, chamada de Cúpula do Milênio das Nações Unidas, ocasião na qual foram traçados os oito objetivos do milênio (acabar com a fome e a miséria, educação básica de qualidade para todos, igualdade entre sexos e valorização da mulher, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde das gestantes, qualidade de vida e respeito ao meio ambiente, todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento, combate a AIDS, a malária e outras doenças).

A Conferência Rio +10, realizada em Johannesburgo, no ano de 2002, também foi feita com o objetivo de avaliar a implementação da Agenda 21, mas o destaque ficou a cargo da incorporação de aspectos sociais às discussões, que possibilitaram a elaboração da Declaração de Johannesburgo e do Plano de Implementação de Johannesburgo.

A Conferência Rio +20 ocorreu no ano de 2012, na cidade do Rio de Janeiro e contou com a participação de 45 mil pessoas. Ao final do evento foi elaborado um documento, assinado por representantes de 188 países, sobre a cooperação internacional para o Desenvolvimento Sustentável. Além deste documento houve o registro de inúmeros compromissos paralelos e de ações entre empresários, sociedade civil e demais parceiros, sobre energia, transporte e outros campos específicos. Uma das maiores contribuições dessa conferência foi a participação de um grande número de Governos, líderes do setor privado e da sociedade civil como um todo, demonstrando a força que o tema Desenvolvimento Sustentável vem ganhando (ONU, 2012).

Os eventos e acontecimentos acima descritos contribuíram para a promoção e desenvolvimento da sustentabilidade, permitindo o engajamento de novos ramos da sociedade civil e do governo, e que mais pessoas conheçam essa nova ideia de progresso, ao passo que contribuíram para o alcance de resultados positivos. Aliás, é o engajamento desses novos elos que estão impactando no avanço do conceito e da popularização da sustentabilidade.

2.1.2 Conceitos, abordagens e classificações do desenvolvimento sustentável

Os conceitos de Desenvolvimento Sustentável, normalmente, buscam abordar basicamente elementos que garantam a manutenção da vida humana, seja na atualidade ou em um futuro distante, baseados, principalmente, em questões econômicas, ambientais e sociais, promovendo assim a igualdade, dignidade, distribuição de renda e preservação ambiental.

Bellen (2004) define Desenvolvimento Sustentável como um tipo de desenvolvimento que seja capaz de garantir às gerações, atuais e futuras, vida de qualidade, mantendo a sua base de sobrevivência, o meio ambiente. Já Steurer *et al.* (2005) referem-se ao Desenvolvimento Sustentável como um orientador, integrador de questões econômicas, sociais e ambientais, em todas as esferas da sociedade, quer seja a curto ou longo prazo.

A isso, Silva e Quelhas (2006) acrescentam a ideia do aprimoramento do conceito de Desenvolvimento Sustentável, de forma contínua, que reavalia a relação existente entre a sociedade, a economia e o meio ambiente, demonstrando a complexidade entre os fatores envolvidos, que estão em constante mutação.

A evolução e a popularização do tema permitiram o surgimento de diferentes abordagens e classificação. No entanto, o uso indiscriminado do termo é uma das críticas observadas na área (CALEGARE; SILVA JUNIOR, 2011), além da falta de consenso acerca do seu real significado (CHAVES; RODRIGUES, 2006; HOPWOOD *et al.*, 2005) e a observação da falta de um método científico que de fato oriente os pesquisadores e demais públicos interessados (CARVALHO, 2003).

Dessa forma, a incompreensão e a inconsistência, possibilitam que qualquer opinião sobre o tema seja considerada contributiva, sem possuir os devidos argumentos e justificativas (CHRISTEN; SCHMIDT, 2012), o que é arriscado e pode levar estudantes e interessados na área, a interpretar erroneamente o que de fato se pretende promover, interferindo negativamente na sua participação.

Para solucionar os problemas acerca das definições de sustentabilidade, Christen e Schmidt (2012) afirmam que existe a necessidade de se melhorar a compreensão do tema, principalmente pela força do seu poder de orientação, dado o apoio que tem adquirido na sociedade, o que permitirá a facilitação na hora de se colocar em prática, respondendo aos questionamentos do que é e como ser sustentável. Assim, apontam o uso da meta-abordagem para se compor uma teoria confiável, pois, a mesma é capaz de expor elementos conceituais que devem existir nas teorias de sustentabilidade (BURGER; CHRISTEN, 2011).

Seguindo este posicionamento, foi proposto por Christen e Schmidt (2012) o *Formal Framework for Conceptions of Sustainability*. Este *framework* trabalha em cinco módulos, através de um fluxo que contempla aspectos que vão desde a teoria à prática, permitindo demonstrar o que é e como ser sustentável. Os Módulos propostos no *Formal Framework for Conceptions of Sustainability* são explicados a seguir:

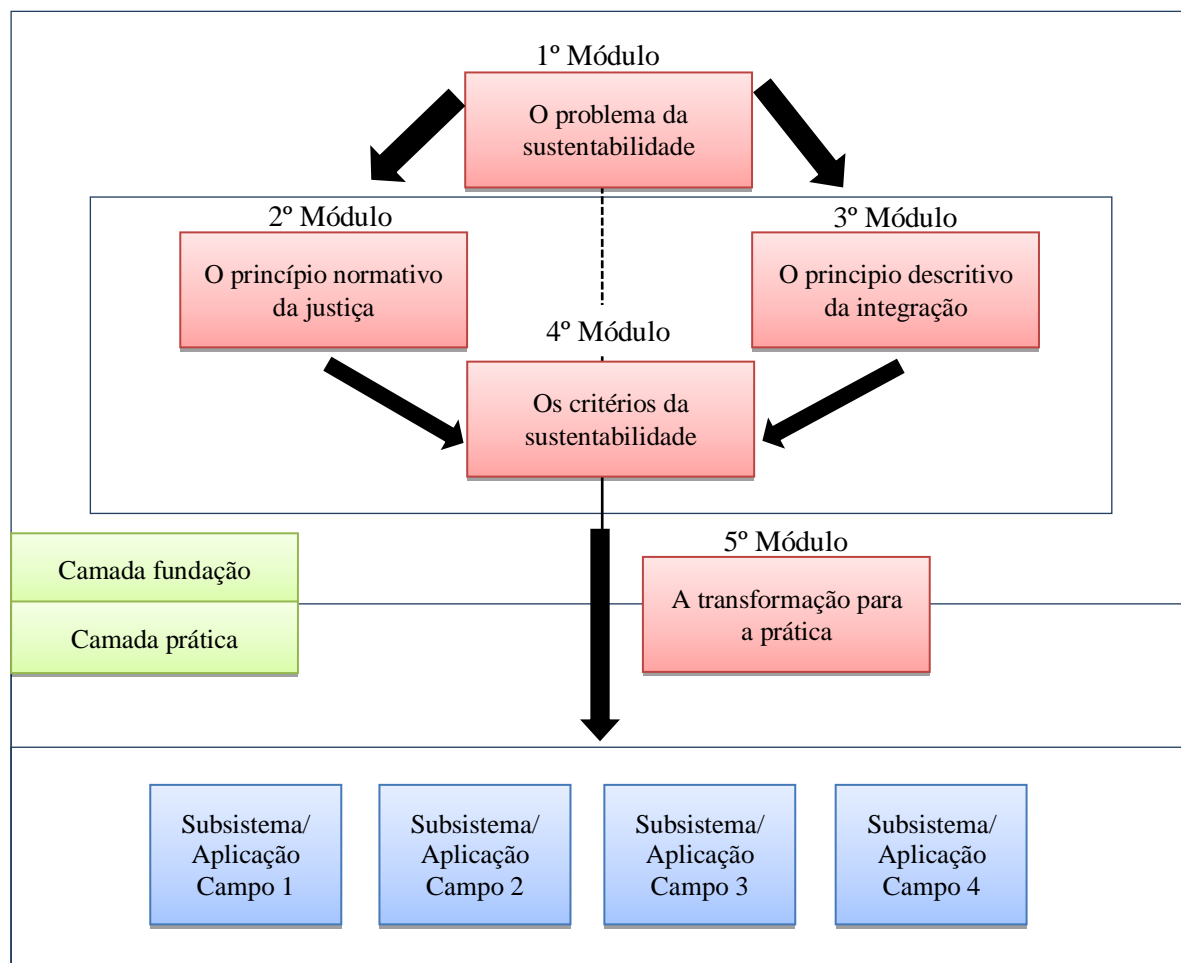
- 1º Módulo - O problema da sustentabilidade refere-se ao dilema proporcionado pelo desenvolvimento, no qual de um lado estão os seus objetivos e do outro, a estrutura social e natural disponíveis. Assim, é preciso traçar claramente quais são esses objetivos, compreendendo as restrições empíricas em sua realização. Os próximos dois módulos são os responsáveis pelo caráter formal do *framework*;

- 2º Módulo - O princípio normativo da justiça refere-se ao caráter igualitário e digno atribuído a todos os seres humanos. Nesse módulo é necessário identificar o tipo de justiça tratada no conceito (distributiva, política, etc.), validade universal (para os seres humanos de agora e do futuro), bem como a participação (incluindo as pessoas afetadas nos processos de decisão);

- 3º Módulo - O princípio descritivo da integração trata da interligação entre o social e o natural. Assim, “qualquer concepção abrangente de sustentabilidade deve ampliar o princípio integrador por uma descrição da natureza-sociedade-sistema, dentro do qual a vida humana acontece” (CHRISTEN; SCHMIDT, 2012, p. 405);
- 4º Módulo - Os critérios da sustentabilidade refletem aquilo que ela deve ter para que seja assegurada o seu acontecimento e manutenção. Assim, os autores explicam que uma “conta de critérios” deve estabelecer os requisitos mínimos à sustentabilidade, visualizados dentro de uma totalidade, equilibrando os critérios conflitantes;
- 5º Módulo - A transformação em prática trata da operacionalização da sustentabilidade. Para os autores “(...) implica uma alteração das partes interessadas da ciência para o público. Requer instrumentos, ou seja, certas regras e códigos de conduta para a execução da ideia de sustentabilidade” (CHRISTEN; SCHMIDT, 2012, p. 406).

A seguir demonstra-se o *Formal Framework for Conceptions of Sustainability*. Ver Figura 2.

Figura 2 - Formal Framework for Conceptions of Sustainability

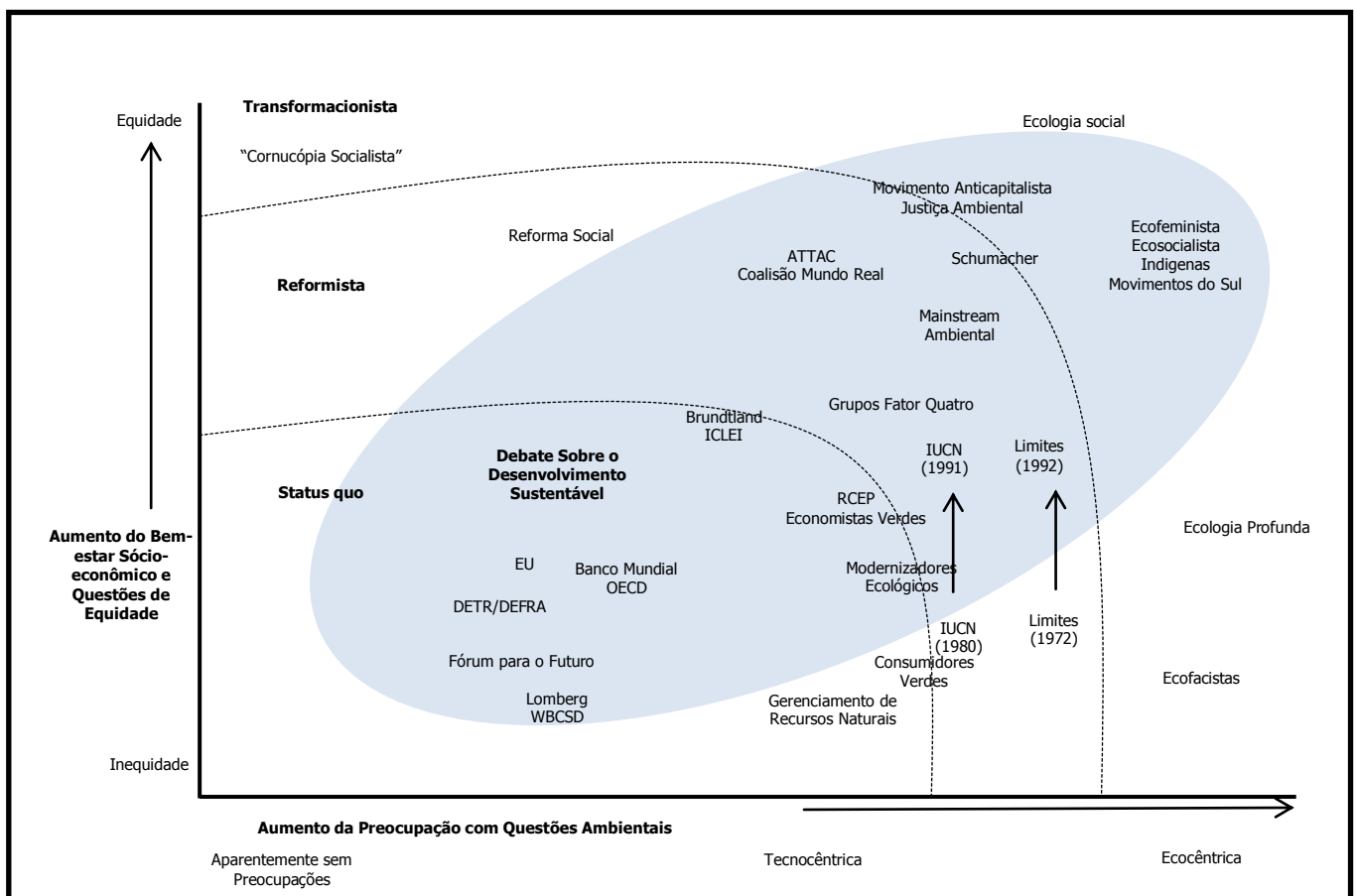


Fonte: Christen e Schmidt, 2012, p. 403.

O 5º módulo marca a passagem da camada de fundação, teórica, para a camada prática, de ação. Assim, a transformação entre camadas, que marca a passagem da teoria para a prática, exige que a conceituação teórica seja aplicada em diversos campos, como por exemplo, na saúde, nas políticas públicas e na cultura, onde cada subsistema poderá implementar a sustentabilidade respeitando seus próprios códigos.

Enquanto Christen e Schmidt (2012) se preocuparam em estabelecer os elementos que devem conter na conceituação da sustentabilidade, Hopwood *et al.* (2005) propuseram, para solucionar a confusão dos termos utilizados, um mapeamento dos conceitos já existentes, combinando questões ambientais, sociais e econômicas. Os autores abordam três visões gerais acerca do tema que podem ser classificadas em *Status Quo*, Reformista e Transformacionista, conforme apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Mapeamento das Visões sobre Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Hopwood *et al.*, 2005, p. 41.

As visões que estão localizadas como sendo *Status Quo*, admitem que mudanças são necessárias, porém a sociedade e o ambiente não representam problemas insuperáveis. Os principais proponentes dessa visão são os governos e as empresas que acreditam no desenvolvimento como forma de crescimento, este que, por sua vez é mais bem representado pelo crescimento econômico. Os seus defensores, em sua maioria possuem fraco comprometimento com a sustentabilidade ambiental, acreditando que o crescimento econômico compensa os demais problemas gerados. Além disso, apoiam mudanças no papel do governo, redução dos impostos, também cortes nos salários sociais, privatizações e uma menor regulação das relações de mercado, demonstrando assim a sua relutância em cumprir leis e regulamentos.

Os Reformistas acreditam que as raízes dos atuais problemas que assolam a sociedade estão localizadas nos desequilíbrios causados pela falta de conhecimento e informação, sugerindo que a tecnologia, unida à boa ciência e a disseminação de informações, produzirão as mudanças e modificações necessárias para que o desenvolvimento ocorra de forma sustentável, principalmente nos mercados e governos, sendo este último, juntamente com as empresas, detentores do papel central. Além disso, criticam as atuais políticas empresariais e governamentais, mas são cautelosos quanto ao possível colapso dos sistemas ecológicos e sociais, apresentando confiança em um futuro diferente, sendo dominados por acadêmicos, alguns representantes governamentais, órgãos públicos e especialistas de Organizações Não Governamentais (ONG's).

Os Transformacionistas atribuem à sociedade o papel de causadora dos seus atuais problemas, através do seu relacionamento entre os seres humanos e o meio ambiente, e consideram que somente pela força de uma profunda transformação é que se poderá evitar um colapso no futuro. Para eles, uma simples reforma não é suficiente, dado o enraizamento nas estruturas socioeconômicas, preocupadas principalmente com a sustentabilidade humana e ambiental, sendo especialmente comprometidos com a qualidade de vida e preservação ambiental.

As três visões acerca da sustentabilidade propostas por Hopwood *et al.* (2005) classificam os conceitos disponíveis de acordo com limitações, público adepto e elementos centrais. Dessa forma, conseguem listar conceitos mais específicos por dimensão, como os classificados na visão *Status Quo*, passando pelos defensores da disseminação do conhecimento, propostos pela Reformista, e chegando até a Transformacionistas, que considera a sociedade como a promotora de seus próprios problemas.

Para Carvalho (2003), o Desenvolvimento Sustentável anuncia um processo de mudança radical, no qual os recursos naturais, os investimentos, a orientação tecnológica e as mudanças institucionais se articulam para que as necessidades sociais e aspirações humanas, presentes e futuras sejam atendidas. Nesse processo, as organizações, pela capacidade de absorção humana e pelos impactos gerados na sociedade, ocupam papel central. Aspecto que será discutido na próxima seção.

2.2 SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

O Desenvolvimento Sustentável é um conceito que vem desempenhando papel constante e importante nas discussões acadêmicas, governamentais, e também empresariais. De acordo com Zamcopé *et al.* (2012), o conceito emergiu como uma ideia política internacional, tendo sido concebida, na última década, com uma especial atenção ao setor empresarial.

Hoje, sem considerar as organizações como parte significativamente representativa, o alcance do Desenvolvimento Sustentável se torna impossível, por causa de sua importância dentro da economia, e conseqüentemente influência sobre outras áreas que são essenciais à vida (BANSAL, 2002; AZAPAGIC, 2003; GRAY; BEBBINGTON, 2006).

Para Elkington (2012), a sociedade encontra-se progredindo para um futuro sustentável, iniciado por pequenos passos corporativos, na busca pelo zero, referindo-se a poluição, defeitos, lixo e deslizamentos éticos, corroborando que as organizações têm papel sustentável determinante. O desafio de desenvolver um mundo mais sustentável deve ser aceito pelas empresas, assumindo suas responsabilidades e dividindo com o Estado a maior parcela de contribuições.

Dyllick e Hockerts (2002) conceituam sustentabilidade empresarial como uma capacidade em alavancar o capital econômico, ambiental e social, contribuindo para o Desenvolvimento Sustentável em seu domínio político. Esse conceito, assemelha-se ao proposto por Munck *et al.* (2013), ao afirmar que a sustentabilidade empresarial é a representação do economicamente viável, o ambientalmente sustentável e o socialmente desejável, quando refere-se a sobrevivência das gerações presente e futuras.

Destaca-se o uso dos termos econômico, social e ambiental dos conceitos apresentados, dimensões que foram classificadas por Elkington (2012), quando afirma que o alcance da sustentabilidade empresarial exigirá drásticas mudanças nas atitudes organizacionais guiadas na linha do *triple bottom line*, ou seja, a renovação de planos e

estratégias que se baseiem nos pilares ambiental, econômico e social, propondo meios de abordar e operacionalizar a sustentabilidade no contexto empresarial.

A mudança do pensamento empresarial decolou a partir de uma base muito pequena, está acelerando a uma grande taxa, e está abrangendo cada vez mais a linha dos três pilares. Reconhecemos que ao nos movimentarmos na direção de uma economia global sustentável, acabaremos dependendo da motivação, da ambição e do desempenho da corporação – e da reestruturação dos mercados para os quais prestam serviços. (ELKINGTON, 2012, p. 142)

Alguns autores argumentam que normalmente as empresas são vistas como promotoras de degradação ambiental e de preocupações sociais, mas seu papel na criação de riqueza e impulsionadoras do desenvolvimento deve ser reconhecido, sendo então, imprescindíveis as suas contribuições a um futuro sustentável (AZAPAGIC; PERDAN, 2000; AZAPAGIC, 2003).

A noção de sustentabilidade empresarial designa a incorporação de preocupações ambientais, sociais, culturais e econômicas nas estratégias corporativas (EWEJE, 2011). As iniciativas de assumi-las estão surgindo por força de legislação, mas a incorporação de tais práticas vem ganhando espaço também de forma espontânea, mas não de maneira ingênua. Ao contrário, vêm sendo motivadas pelos benefícios que podem ser percebidos graças à adoção de determinada postura, a exemplo de redução dos custos de produção, redução dos custos com acidentes no trabalho, melhoria na reputação, facilidade de crédito e atração de investidores.

Russel (2007), a partir da realização de um estudo qualitativo, encontrou quatro entendimentos acerca da sustentabilidade empresarial que se relacionam ao entendimento econômico, social, ecológico e a uma abordagem holística. Essa variação demonstra a fragilidade de compreensão sobre o significado desse termo, sugerindo que existe uma discussão, assim como em relação ao conceito de Desenvolvimento Sustentável, também acerca da caracterização de uma empresa sustentável, cabendo a esta o desafio de se adaptar às novas exigências que lhe forem impostas, especialmente para a manutenção de suas estratégias, a fim de se manterem sua competitividade.

Essa falta de consenso dificulta novas ações e alimenta os debates, causando uma incerteza nos executivos, que devem escolher o conceito que melhor combine com os objetivos organizacionais, alinhados à estratégia da empresa, em resposta às suas demandas (MARREWIJK, 2003; ELKINGTON, 2012).

Mais especificamente, o gestor passa a ter papel central em seu trabalho, o que é comprovado por Eweje (2011), quando procurou identificar a percepção dos gestores sobre a sustentabilidade corporativa, e como resultado observou que os mesmos acreditam que tal postura pode contribuir positivamente para a sobrevivência da organização. Entretanto, na percepção destes, mostraram-se receosos acerca de como obter esse resultado, pois segundo o autor à medida que o debate avança, as dúvidas surgem sobre a sustentabilidade nos negócios, gerando insegurança em suas ações e atitudes, inclusive pela confusão, ainda existente entre os termos relacionados a sustentabilidade empresarial e responsabilidade social corporativa.

É interessante apresentar alguns equívocos identificados entre os conceitos de responsabilidade social empresarial e sustentabilidade empresarial, dado que alguns autores trabalham considerando-os sinônimos, a exemplo de Azapagic (2003) e Wilson (2003).

De acordo com Marrewijk (2003), existe uma distinção fundamental entre ambos, uma vez que no passado o termo sustentabilidade estava relacionado, apenas ao meio ambiente, enquanto a responsabilidade social empresarial abrangia apenas aspectos sociais. A responsabilidade social empresarial está relacionada com a comunhão entre as pessoas e as organizações, a transparência e ao diálogo com os *stakeholders*, enquanto a sustentabilidade empresarial relaciona-se com a criação de valor, gestão ambiental, meio ambiente, sistemas de produção e ao gerenciamento do capital humano (MARREWIIJK, 2003).

Os conceitos de responsabilidade social empresarial e sustentabilidade empresarial são distintos, porém relacionados, e ambos contribuem para o Desenvolvimento Sustentável (HEDIGER, 2010). O mesmo autor define sustentabilidade empresarial como um objetivo interno, que considera o estoque de capital e o valor da empresa, praticado através de uma gestão de ativos sustentável. Em contrapartida, a responsabilidade social empresarial relaciona-se a maneira como as empresas promovem seus recursos internos, contribuindo para o bem-estar de seus *stakeholders*.

Ainda tratando da responsabilidade social empresarial, uma definição que merece destaque é a proposta pelo Instituto Ethos (2003), ao indicar que ela está relacionada com a ética e a transparência na gestão, que refletem nas decisões, considerando seus impactos sobre o meio ambiente, a sociedade e seu próprio futuro. Essa nova forma de fazer negócios vem interferindo na competitividade, principalmente pelo direito de escolha dos consumidores, que estão se tornando mais conscientes e exigindo das empresas adaptação aos novos padrões e valores.

Wilson (2003) considera que a responsabilidade social empresarial, o desenvolvimento sustentável, a teoria dos *stakeholders* e a *accountability corporate*¹ são os pilares da sustentabilidade empresarial. O Desenvolvimento Sustentável contribuiu com a orientação de áreas que merecem atenção, assim como fornecimento de objetivos sociais comuns à sociedade civil, governos e sociedade na perseguição dos mesmos. A responsabilidade social corporativa foi responsável por apresentar os argumentos éticos para justificar a adoção das práticas sustentáveis pelos gestores. Já a teoria dos *stakeholders* sugeriu argumentos de negócios, enquanto que a *accountability corporate* forneceu subsídios para definir a relação dos gestores das empresas com a sociedade.

Dessa forma, o mesmo autor define responsabilidade social corporativa como um novo paradigma que representa a evolução da gestão e que reconhece a importância da rentabilidade, mas cuja adoção requer a incorporação de objetivos sociais, a exemplo da proteção ambiental, da justiça social e da equidade.

As corporações possuem papel central no desenvolvimento sustentável, suas práticas do passado conduziram o mundo ao sucesso econômico, mas a pobreza ainda é um quadro forte e presente em todas as suas partes (SHRIVASTAVA; HART, 1995).

Para Banerjee e Bonnefous (2011), quando se refere à sustentabilidade empresarial, está se mudando o foco de um discurso que anteriormente era baseado na sustentabilidade planetária. Na atualidade, considera-se que o planeta só será sustentável quando as empresas também conseguirem ser, através do investimento em questões ambientais e sociais, e que resultem em crescimento ou, no mínimo, viabilizem oportunidades para que assim aconteça. Dessa forma, os atores ainda visualizam o Desenvolvimento Sustentável de maneira estratégica, de modo que a correta gestão dos recursos possa gerar uma posição mais competitiva, desde que essa resulte numa melhor integração ambiental, social e econômica.

Shrivastava e Hart (1995) relatam quatro forças que são capazes de motivar as organizações a desempenhar suas funções de forma sustentável: I) As leis nacionais e internacionais, que estão cobrando cada vez mais medidas sustentáveis das corporações, reconhecendo seu papel como fundamental para a sociedade; II) A competitividade organizacional, que tem sido afetada pela conscientização dos consumidores e aumento da qualidade e número dos concorrentes, obrigando aquelas que desejarem se manter vivas no mercado a buscarem adequação às suas novas exigências; III) O imperativo ético brotado na

¹ De acordo com Wilson (2003) a *accountability corporate* refere-se a prestação de contas legais e ética pelos gestores em relação aos *stakeholders* organizacionais.

conscientização popular, revelando a sua responsabilidade moral com a sociedade; e IV) O investimento na preservação ambiental, que afeta as questões econômicas, provocando uma sucessão de impactos positivos a níveis globais.

Para Bansal (2005), as organizações devem exercer, em seus produtos, práticas e políticas, três princípios que são condições para o seu Desenvolvimento Sustentável:

- Integridade ambiental por meio da gestão ambiental corporativa: as empresas devem unir esforços para reduzir a sua “Pegada ecológica”². É praticamente inegável o impacto que causam ao meio ambiente, e para reduzir aqueles de caráter negativo, se faz necessário o controle e prevenção da poluição, bem como a realização de modificações na gestão de produtos, especialmente as relacionadas ao seu processo produtivo;

- Equidade social através da responsabilidade social corporativa: a organização deve agir defendendo mais que os direitos de seus acionistas, contribuindo positivamente para a sociedade. Assim, a responsabilidade social corporativa é encarregada de criar fortes vínculos entre as partes interessadas e a organização, possibilitando uma distribuição equitativa de benefícios a todos;

- A prosperidade econômica através da criação de valor: as organizações devem criar e capturar valor através dos bens e serviços que produzem e/ou oferecem, distribuindo esse ganho para seus consumidores, acionistas e empregados, em forma de qualidade, dividendos e salários.

Para Tachizawa e Pozo (2007):

A empresa sustentável passa a ser sinônimo de bons negócios e no futuro será a única forma de empreender negócios de forma duradoura e lucrativa. “ (...) A expansão da consciência coletiva com relação ao meio ambiente e a complexidade das demandas sociais que a comunidade repassa as organizações, induzem um novo posicionamento de empresários e executivos frente a tais questões” (TACHIZAWA; POZO, 2007, p. 37).

Marrewijk (2003) dedica-se a listar alguns desafios que as organizações sustentáveis devem enfrentar. Inicialmente, investimentos em uma gestão mais social, mais humanizada, que leve em consideração as reais necessidades das partes interessadas, promovendo um clima de confiança e respeito. Além disso, as empresas possuem uma forte ligação entre a sociedade e o Estado, se fazendo necessário deixar claramente especificadas o papel de cada um nessa “relação triangular”, na qual o da organização foi redefinido, favorecendo com que seus valores e costumes se confundam com as regras e morais da

² A Pegada Ecológica foi desenvolvida por William E. Rees e Mathis Wackernagel, o método calcula em hectares, a quantidade de terra e água produtivas que são necessárias por pessoa, cidade ou país para a obtenção dos recursos e absorção dos recursos gerados. Seu objetivo é avaliar as pressões que o consumo da população exerce sobre os recursos naturais do planeta (FEITOSA-LEITE; VIANA, 2009).

sociedade civil, devendo o Estado, através de normas e regulamentos, coordenar e fiscalizar essa relação.

No entanto, uma das maiores preocupações dos gestores está relacionada com a operacionalização do conceito de sustentabilidade empresarial. Na próxima seção, serão explorados os indicadores, que podem ser utilizados para avaliar a atual situação da sustentabilidade da empresa, bem como fornecer um guia de pontos fracos e merecedores de serem mais bem explorados.

2.3 MENSURAÇÃO DA SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

2.3.1 Conceitos de indicadores de sustentabilidade empresarial

Historicamente, os indicadores econômicos, a exemplo do Produto Interno Bruto (PIB) e do Produto Nacional Bruto (PNB), foram utilizados pelos governantes de países como medidas de desenvolvimento, demonstrando, assim, a importância atribuída à dimensão econômica do tripé da sustentabilidade, em detrimento da identificação e correção dos impactos sociais e ambientais negativos, gerados para que tais níveis de acumulação de riquezas fossem alcançados.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era um dos únicos índices que consideravam os aspectos sociais humanos. Porém, tais aspectos não eram interligados, discutidos em associação. Dessa forma, com o passar do tempo, os indicadores foram tornando-se mais específicos, mais complexos, sistemas foram desenvolvidos atendendo a objetivos e dimensões específicas.

De acordo com Carvalho e Barcellos (2010), os indicadores são dados estatísticos que possuem as características necessárias para se avaliar as condições e tendências de um determinado tema. Definição similar é apresentada por Malheiros *et al.* (2010a), quando os caracteriza, como uma medida que resume informações acerca de um determinado fenômeno.

Como complemento às definições anteriores, Bellen (2006) retrata que o objetivo dos indicadores é a agregação de informações, de forma quantitativa, de maneira que facilite sua significância, tornando a comunicação sobre eles mais compreensível. Assim, os indicadores podem ser definidos, para efeito dessa pesquisa, como um instrumento de avaliação que fornece informações acerca de algo que se deseja conhecer.

Para Bossel (1999), os indicadores são fontes de informações sobre os sistemas que estão sendo avaliados, necessários para orientar suas políticas e decisões e que devem representar todas as preocupações acerca dos seus vários aspectos, além de sua interação com o meio. Existem dois conjuntos de indicadores: I) aqueles que apresentam informações consideradas vitais, mostrando uma imagem do atual estado do sistema; e II) aqueles que trazem informações suficientes da contribuição do sistema para os seus dependentes. Dessa forma, os indicadores a serem utilizados para retratar o sistema serão determinados com base no seu real e completo conhecimento, considerando os seus interesses, necessidades e objetivos.

Durante a Conferência Rio-92, um dos desafios apresentados ao alcance dos objetivos propostos do evento foi a operacionalização do conceito de Desenvolvimento Sustentável, tendo sido a instrumentalização do termo considerada essencial para guiar as ações e facilitar o acompanhamento do progresso, a fim de assegurar sua realização.

Assim, os indicadores de sustentabilidade passaram a ganhar certa notoriedade, sendo-lhes atribuídos a responsabilidade de fazer a verificação da sustentabilidade de determinado sistema, país, atividade, corporação, e no mínimo, auxiliar na identificação das ameaças a este, devendo retratar a realidade, simplificando as informações relevantes (BELLEN, 2006).

Os indicadores de sustentabilidade devem buscar reunir o máximo de informações necessárias acerca do seu objeto de estudo, procurando adaptá-los. Já que não existe nenhum que seja definitivo, os indicadores devem possuir a característica de calibração (RABELO; LIMA, 2007).

Guimarães e Feichas (2009) resumem alguns pontos importantes que merecem ser destacados acerca das características dos indicadores de sustentabilidade:

(...) para que indicadores sejam instrumentos de um processo de mudança rumo ao conceito de desenvolvimento sustentável, eles devem congrega características que permitam: mensurar diferentes dimensões de forma a apreender a complexidade dos fenômenos sociais; possibilitar a participação da sociedade no processo de definição do desenvolvimento; comunicar tendências, subsidiando o processo de tomada de decisões; e relacionar variáveis, já que a realidade não é linear nem unidimensional (GUIMARÃES; FEICHAS, 2009, p. 310).

Os indicadores de sustentabilidade são poderosas ferramentas que possuem as funções de: I) Auxiliar na compreensão dos elementos que compõem a sustentabilidade, bem como de suas interligações; II) Auxiliar na comunicação; III) Tornar mais eficiente à gestão e planejamento da sustentabilidade; e IV) Fornecer informações que auxiliem na tomada de decisão e na avaliação das políticas (MALHEIROS *ET AL.*, 2010b).

A Agenda 21 dedica dois capítulos (8 e 40) para listar informações relevantes no que diz respeito a contribuições e preparação corporativa aos desafios futuros, demonstrando a crucial importância das mesmas, em parceria com Governo e sociedade, para os objetivos propostos. Nesse caso, a referida agenda também pode ser utilizada como um guia para as empresas que pretendem desenvolver seus programas de sustentabilidade.

Azevedo (2006) afirma que empresas sustentáveis são aquelas que, em suas decisões e ações, consideram os impactos econômicos, ambientais e sociais que poderão gerar. A avaliação dessas atitudes fica na responsabilidade dos indicadores de sustentabilidade empresarial.

De acordo com Gibson (2012, p. 21), “o uso de indicadores de sustentabilidade tem a promessa de mostrar a medida em que as atividades empresariais estão para esgotarem seus recursos”. Assim, o uso de indicadores que possam avaliar o atual *status* e as contribuições que empresas possam realizar na vida da sociedade torna-se de fundamental importância, principalmente se considerar os resultados positivos que podem ser alcançados, a partir da realização de ações que possibilitem a correção e melhoria do atual cenário.

Azapagic e Perdan (2000) relatam que:

(...) as mudanças históricas na forma como a indústria tem respondido aos desafios do desenvolvimento sustentável representam uma mudança de paradigma. É uma mudança de uma visão fragmentada do meio ambiente, com ênfase em uma etapa do ciclo de vida, para as soluções fim-de-linha, ou seja, para uma abordagem de ciclo de vida mais holístico que incorpore fatores econômicos, ambientais e sociais, levando para soluções mais sustentáveis. No entanto, um dos principais problemas para a indústria neste contexto é a forma de medir o seu progresso para o desenvolvimento sustentável (AZAPAGIC, PERDAN, 2000, p. 245).

Além disso, em relação aos *stakeholders* e os indicadores de sustentabilidade, Malheiros *et al.* (2012c) afirmam que:

“Os indicadores de sustentabilidade ocupam papel central no processo, pois podem ser usados como ferramenta de mobilização das partes interessadas, na análise e avaliação da sustentabilidade do desenvolvimento, bem como nos processos de educação e comunicação”. (MALHEIROS *ET AL.*, 2012c, p. 8)

O uso dos indicadores de sustentabilidade pode auxiliar as organizações no estabelecimento de uma boa relação com seus *stakeholders*, através da máxima transparência, proporcionando informações importantes ao processo de decisão, bem como oferecendo-lhes uma oportunidade de realizar uma auto avaliação acerca de suas contribuições efetuadas ou não.

2.3.2 Modelos de mensuração de sustentabilidade empresarial

O crescente interesse das empresas acerca de suas contribuições para a sustentabilidade, bem como as pressões recebidas pelos seus *stakeholders* levaram ao surgimento de diversos sistemas de indicadores que buscam auxiliar as organizações no atendimento dessas demandas.

Assim, no Quadro 1 apresentam-se alguns dos principais sistemas de indicadores de sustentabilidade empresarial conhecidos na atualidade.

Quadro 1 - Principais Sistemas de Indicadores de Sustentabilidade Empresarial

Modelos	Autores	Descrição	Dimensões e Indicadores
<i>General Framework</i>	Azapagic e Perdan (2000)	Impulsionados pela diversidade de sistemas de indicadores de sustentabilidade empresariais que estão a disposição para utilização, bem como pela possível confusão no seu uso, dificultando a utilização por parte dos gestores, atrapalhando o processo decisório, os autores propõem um quadro completo, geral e padronizado de indicadores a serem utilizados pela indústria, que possa ser aplicado em diferentes contextos. Assim, o quadro proposto pode ser usado como uma ferramenta estratégica, permitindo que a maioria dos indicadores incluídos possam ser aplicados a diferentes setores. Suas dimensões ainda possuem módulos, que podem ser aplicados ou não, de acordo com a disponibilidade dos dados e simplicidade de análise.	<ul style="list-style-type: none"> ▪Ambiental: módulo impactos ambientais (uso dos recursos, aquecimento global, camada de ozônio, acidificação, eutroficação, nevoeiro fotoquímico, toxicidade humana, ecotoxicidade e resíduos sólidos); módulo eficiência ambiental (material e intensidade energética, reciclagem de materiais, durabilidade do produto e intensidade do serviço); módulo ações voluntárias (sistemas de gestão ambiental, melhorias ambientais acima dos níveis e conformidade e avaliação de fornecedores); ▪Econômica: módulo indicadores-financeiros (valor acrescentado, contribuição para o PIB, despesas com proteção ambiental, passivos ambientais e investimentos éticos); módulo indicadores de capital humano (contribuição para o emprego, rotatividade de pessoal, despesas de saúde e segurança e investimento em desenvolvimento de pessoal); ▪Social: indicadores de ética (preservação dos valores culturais, inclusão dos stakeholders, envolvimento em projetos da comunidade, normas internacionais de conduta, relações empresariais, trabalho infantil, preço equitativo, colaboração em regimes corruptos e equidade intergeracional); módulo indicadores de bem-estar (distribuição de renda, satisfação no trabalho e satisfação das necessidades sociais).

<p>Índice de Sustentabilidade Empresarial - ISE</p>	<p>Metodologicamente desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas - FGV (2005)</p>	<p>A partir da percepção da necessidade de se adequarem as novas exigências do mercado, especificamente dos investidores, o ISE surge como um referencial para os investimentos socialmente responsáveis. Criado em 2005, o índice busca identificar a <i>performance</i> da sustentabilidade das empresas que fazem parte da BM&F BOVESPA, desenvolvido com o auxílio de associações, Organizações Não Governamentais (ONGs), além de representantes da própria instituição solicitante.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪Natureza do produto: impactos pessoais; impactos difusos; princípio da precaução; informação ao consumidor. ▪Geral: compromissos; alinhamento; transparência; corrupção. ▪Governança corporativa: conduta e conflitos de interesse; auditoria & fiscalização; propriedade; conselhos de administração. ▪Ambiental: política; gestão; desempenho; cumprimento legal. ▪Social: política; gestão; desempenho; cumprimento legal. ▪Econômico-financeira: política; gestão; desempenho; cumprimento legal. ▪Mudanças climáticas: política; gestão; desempenho; <i>reporting</i>.
<p><i>Global Reporting Initiative</i></p>	<p>GRI (2007)</p>	<p>O relatório GRI foi criado por meio de um processo participativo internacional, busca oferecer informações acerca da sustentabilidade empresarial, numa abordagem <i>multiskaholder</i>, aplicável a qualquer tipo de empresa, em qualquer país. Orienta as empresas na elaboração de relatórios de sustentabilidade, e para aqueles que adotam a estrutura proposta pelo GRI, deverão ser capazes de divulgar os resultados e consequências dos resultados apresentados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪Econômica: desempenho econômico; presença no mercado; impactos econômicos indiretos. ▪Ambientais: matérias-primas; energia; água; biodiversidade; produtos e serviços; conformidade; transporte; geral; emissões/ efluentes/resíduos. ▪Sociais: práticas laborais e trabalho digno; direitos humanos; sociedade; responsabilidade pelo produto.

<p>Grid de Sustentabilidade</p>	<p>Callado (2010)</p>	<p>O autor propõe um sistema de indicadores de sustentabilidade que permite diagnosticar, comparar e enquadrar os resultados de diversas empresas em um posicionamento. Esse posicionamento fornece informações mais detalhadas sobre a situação das empresas avaliadas. Para se obter o resultado são seguidas três etapas: o cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade Empresarial (EPS), o cálculo do Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE) e a integração dos EPS localizando as empresas no GSE</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪Ambiental: sistema de gestão ambiental; quantidade de água utilizada; processos decorrentes de infrações ambientais; treinamento, educação e capacitação de funcionários em aspectos associados ao meio ambiente; economia de energia; desenvolvimento de tecnologias equilibradas; ciclo de vida de produtos e serviços; quantidade de combustível fóssil utilizado por ano; reciclagem e reutilização de água; acidentes ambientais; fontes de recursos utilizados; redução de resíduos; produção de resíduos tóxicos; ISO 14001; qualidade do solo; qualidade de águas de superfície. ▪Econômicos: investimentos éticos; gastos em saúde e em segurança; investimento em tecnologias limpas; nível de endividamento; lucratividade; participação de mercado; passivo ambiental; auditoria; avaliação de resultados da organização; volume de vendas; gastos com benefícios; retorno sobre capital investido; selos de qualidade. ▪Sociais: geração de trabalho e renda; auxílio em educação e treinamento; padrão de segurança de trabalho; ética organizacional; interação social; empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira; política de distribuição de lucros e resultados entre funcionários; conduta de padrão internacional; capacitação e desenvolvimento de funcionários; acidentes fatais; contratos legais; stress de trabalho; segurança do produto.
---------------------------------	-----------------------	--	---

<p>Indicadores Instituto Ethos</p>	<p>Ethos (2013)</p>	<p>Os indicadores Ethos são utilizados para explicitar a responsabilidade social das empresas que o utilizam, no entanto, como afirmam os autores, os mesmos podem contribuir com a sustentabilidade empresarial, considerando os dois conceitos interdependentes. Além disso, foram elaborados com o intuito de auxiliar as empresas a incorporarem os princípios de sustentabilidade e responsabilidade social em suas estratégias de negócio. A divisão de seus indicadores ocorre como dimensão, tema, subtema e indicadores. Optou-se por listar as dimensões, com seus indicadores.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪Visão e estratégia: estratégias para a sustentabilidade; proposta de valor; modelo de negócios. ▪Governança e gestão: código de conduta; governança da organização; compromissos voluntários e participação em iniciativas de responsabilidade social empresarial/sustentabilidade; engajamento das partes interessadas; relações com investidores e relatórios financeiros; relatórios de sustentabilidade e relatórios integrados; comunicação com responsabilidade social; concorrência leal; práticas anticorrupção; contribuições para campanhas políticas; envolvimento no desenvolvimento de políticas públicas; gestão participativa; sistema de gestão integrado; sistema de gestão de fornecedores; mapeamento dos impactos de operação e determinação dos assuntos prioritários para a gestão. ▪Social: monitoramento do impacto dos negócios nos direitos humanos; trabalho infantil na cadeia produtiva; trabalho forçado (ou análogo ao escravo) na cadeia produtiva; promoção da diversidade e equidade; relação com empregados (efetivos, terceirizados, temporários ou parciais); relações com sindicatos; remuneração e benefícios; compromisso com o desenvolvimento profissional; comportamento frente a demissões e empregabilidade; saúde e segurança dos empregados; condições de trabalho, qualidade de vida e jornada de trabalho; relacionamento com o consumidor; impactos decorrentes do uso dos produtos ou serviços; estratégias de comunicação responsável e educação para o consumo consciente; gestão dos impactos da empresa na comunidade; compromisso com o desenvolvimento da comunidade e gestão das ações sociais; apoio ao desenvolvimento de fornecedores. ▪ Ambiental: governança das ações relacionadas às mudanças climáticas; adaptação às mudanças climáticas; sistema de gestão ambiental; prevenção da poluição; uso sustentável de recursos materiais; uso sustentável do recurso água; uso sustentável do recurso energia; uso sustentável da biodiversidade e restauração dos <i>habitats</i> naturais; educação e conscientização ambiental; impactos do transporte, logística e distribuição; logística reversa.
--	---------------------	---

Fonte: Elaboração Própria, 2013.

Os sistemas apresentados tiveram motivos diversos para o seu desenvolvimento, alguns foram criados para avaliações genéricas, outros foram moldados a partir das necessidades de seus usuários, mas todos tem em comum o objetivo de facilitar a operacionalização da sustentabilidade por parte das empresas, sendo inclusive facilitadores e recursos de comunicação entre os seus *stakeholders*.

Esses são apenas alguns exemplos de sistemas e instrumentos que mensuram a sustentabilidade a partir de uma perspectiva empresarial. O mais importante em sua utilização é saber identificar se existe algum específico para o tipo de atividade que a empresa desenvolve, se a sua composição atende aos objetivos da avaliação, bem como os aspectos longitudinais, de modo a cobrir completamente a atividade organizacional.

2.4 MODELO DE MENSURAÇÃO DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL ADOTADO NESTE TRABALHO: GRID DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

Nesta seção, é apresentado o modelo proposto por Callado (2010), que será utilizado para operacionalizar a pesquisa.

Callado (2010) desenvolveu o Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE) com o objetivo de “propor e testar um modelo para a mensuração da sustentabilidade empresarial concebido a partir da integração das dimensões ambiental, social e econômica da sustentabilidade” (CALLADO, 2010, p. 22).

Para orientar seu estudo, o autor partiu da formulação de um *framework*. Inicialmente estabeleceu as dimensões social, ambiental e econômica como caracterizadoras da sustentabilidade empresarial. Os indicadores foram analisados com base nas suas características consideradas, parâmetros de análise, indicadores de desempenho ambiental social e econômico, além dos seus métodos de mensuração, entre outros, considerando-os no âmbito empresarial.

Para compor o modelo, GSE, o autor realizou uma revisão da literatura e baseou-se em outros anteriormente propostos, a saber: Spangenberg e Bonniot (1998), Azapagic e Perdan (2000), Azapagic (2003), Azapagic (2004), Claro e Claro (2004), Searcy *et al.* (2005), Krajnc e Glavic (2005a), Krajnc e Glavic (2005b), *Global Reporting Initiative* (2006), Sydorovych e Wossink (2008) e Oliveira (2002) para que se elencassem os seus indicadores.

O Grid de Sustentabilidade Empresarial considera um total de 43 indicadores, sendo 16 da dimensão ambiental, 14 da econômica e 13 da social, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Indicadores das Dimensões Ambiental, Econômica e Social do GSE

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE	
DIMENSÃO AMBIENTAL	(I1) Sistemas de Gestão Ambiental (SGA) (I2) Quantidade de água utilizada (I3) Processos decorrentes de infrações ambientais (I4) Treinamento, educação e capacitação de funcionários em aspectos associados ao meio ambiente (I5) Economia de energia (I6) Desenvolvimento de tecnologias equilibradas (I7) Ciclo de vida de produtos e serviços (I8) Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano (I9) Reciclagem e reutilização de água (I10) Acidentes ambientais (I11) Fontes de recursos utilizados (I12) Redução de resíduos (I13) Produção de resíduos tóxicos (I14) ISO 14001 (I15) Qualidade do solo (I16) Qualidade de águas de superfície
DIMENSÃO ECONÔMICA	(I17) Investimentos éticos (I18) Gastos em saúde e em segurança (I19) Investimento em tecnologias limpas (I20) Nível de endividamento (I21) Lucratividade (I22) Participação de mercado (I23) Passivo ambiental (I24) Gastos em Proteção ambiental (I25) Auditoria (I26) Avaliação de resultados da organização (I27) Volume de vendas (I28) Gastos com benefícios (I29) Retorno sobre capital investido (I30) Selos de qualidade
DIMENSÃO SOCIAL	(I31) Geração de trabalho e renda (I32) Auxílio em educação e treinamento (I33) Padrão de segurança de trabalho (I34) Ética organizacional (I35) Interação social (I36) Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira (I37) Políticas de distribuição de lucros e resultados entre funcionários (I38) Conduta de padrão internacional (I39) Capacitação e desenvolvimento de funcionários (I40) Acidentes fatais (I41) Contratos legais

	(I42) Stress de trabalho
	(I43) Segurança do produto

Fonte: Callado, 2010, p. 81.

O GSE tem por objetivo localizar diferentes empresas em um determinado posicionamento espacial, a fim de retratar o desempenho em relação à sua sustentabilidade. A operacionalização do modelo ocorre em três etapas: I) Cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS); II) Cálculos dos Escores de Sustentabilidade Empresarial (ESE) e; III) Integração dos Escores Parciais de Sustentabilidade e posicionamento no GSE.

Etapa I: Cálculos dos Escores Parciais de Sustentabilidade

Na etapa I são calculados os EPS. Inicialmente atribui-se valores individuais para cada indicador, de cada empresa analisada, para tanto, são propostos três níveis de desempenho, sendo atribuído 1 (um) para o desempenho considerado inferior, 2 (dois) para o desempenho intermediário e 3 (três) para o desempenho superior. A equação para esse cálculo é:

$$\text{Desempenho da empresa} = \sum_{i=1}^n w_i p_i$$

Onde:

w_i = peso definido pelos especialistas ao indicador de desempenho (especialistas consultados por Callado, na elaboração do Modelo GSE)

p_i = nível de desempenho apresentado pela empresa no indicador

n = número de indicadores considerados

Assim, o autor preocupa-se em demonstrar os valores percebidos, a partir desse cálculo, para cada indicador. Destacando que o peso atribuído ao indicador foi proposto por 10 (dez) especialista, consultados por ele, quando elaborou o modelo GSE. Ver Quadro 3.

Quadro 3 - Grupo de Indicadores e Categorias de Desempenho

DIMENSÃO AMBIENTAL				
Indicadores (i)	Peso atribuído ao indicador (wi)	Níveis de desempenho		
		Desempenho inferior (1) (wi) x 1	Desempenho intermediário (2) (wi) x 2	Desempenho superior (3) (wi) x 3
Sistemas de Gestão Ambiental (SGA)	2,250	2,250	4,500	6,750
Quantidade de água utilizada	2,500	2,500	5,000	7,500
Processos decorrentes de infrações ambientais	2,250	2,250	4,500	6,750
Treinamento, educação e capacitação de funcionários em aspectos associados ao meio ambiente	2,750	2,750	5,500	8,250
Economia de energia	2,250	2,250	4,500	6,750
Desenvolvimento de tecnologias equilibradas	2,286	2,286	4,572	6,858
Ciclo de vida de produtos e serviços	1,857	1,857	3,714	5,710
Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano	2,000	2,000	4,000	6,000
Reciclagem e reutilização de água	2,500	2,500	5,000	7,500
Acidentes ambientais	2,571	2,571	5,142	7,713
Fontes de recursos utilizados	2,000	2,000	4,000	6,000
Redução de resíduos	2,000	2,000	4,000	6,000
Produção de resíduos tóxicos	2,143	2,143	4,286	6,429
ISO 14001	1,714	1,714	3,428	5,142
Qualidade do solo	2,286	2,286	4,572	6,858
Qualidade de águas de superfície	2,286	2,286	4,572	6,858
DIMENSÃO ECONÔMICA				
Indicadores (i)	Peso atribuído ao indicador (wi)	Níveis de desempenho		
		Desempenho inferior (1) (wi) x 1	Desempenho intermediário (2) (wi) x 2	Desempenho superior (3) (wi) x 3
Investimentos éticos	2,500	2,500	5,000	7,500
Gastos em saúde e em segurança	2,000	2,000	4,000	6,000
Investimento em tecnologias limpas	2,250	2,250	4,500	6,750
Nível de endividamento	1,857	1,857	3,714	5,571
Lucratividade	2,143	2,143	4,286	6,429
Participação de mercado	2,000	2,000	4,000	6,000
Passivo ambiental	2,000	2,000	4,000	6,000
Gastos em Proteção ambiental	2,143	2,143	4,286	6,429
Auditoria	1,857	1,857	3,714	5,571
Avaliação de resultados da organização	2,286	2,286	4,572	6,858
Volume de vendas	2,000	2,000	4,000	6,000
Gastos com benefícios	2,000	2,000	4,000	6,000
Retorno sobre capital investido	2,143	2,143	4,286	6,429
Selos de qualidade	2,000	2,000	4,000	6,000
DIMENSÃO SOCIAL				
Indicadores (i)	Peso atribuído	Níveis de desempenho		

	ao indicador (wi)	Desempenho inferior (1) (wi) x 1	Desempenho intermediário (2) (wi) x 2	Desempenho superior (3) (wi) x 3
Geração de trabalho e renda	2,429	2,429	4,858	7,287
Auxílio em educação e treinamento	2,000	2,000	4,000	6,000
Padrão de segurança de trabalho	2,250	2,250	4,500	6,750
Ética organizacional	2,375	2,375	4,750	7,125
Interação social	2,250	2,250	4,500	6,750
Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira	1,750	1,750	3,500	5,250
Políticas de distribuição de lucros e resultados entre os funcionários	2,429	2,429	4,858	7,287
Conduta de padrão internacional	1,714	1,714	3,428	5,142
Capacitação e desenvolvimento de funcionários	2,429	2,429	4,858	7,287
Acidentes fatais	2,571	2,571	5,142	7,713
Contratos legais	2,286	2,286	4,572	6,858
Stress de trabalho	2,143	2,143	4,286	6,429
Segurança do produto	1,857	1,857	3,714	5,571

Fonte: Callado, 2010, p. 82-84.

Além disso, foram atribuídos intervalos de valores associados aos EPS para cada uma das dimensões da sustentabilidade consideradas nesse modelo, que variam entre mínimo, médio e máximo. Os escores são calculados a partir da soma de todos os valores atribuídos ao desempenho dos indicadores naquela determinada dimensão, sendo obtidos a partir das seguintes equações:

$$\text{Escore}_{(\text{mín})} = \sum wi pi \times 1$$

$$\text{Escore}_{(\text{méd})} = \sum wi pi \times 2$$

$$\text{Escore}_{(\text{máx})} = \sum wi pi \times 3$$

Onde:

1= desempenho inferior

2= desempenho intermediário

3= desempenho superior

O autor demonstra os intervalos dos EPS, em cada dimensão do modelo proposto.

Ver Quadro 4.

Quadro 4 - Resultados de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS)

Dimensões	Intervalos de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS)		
	Escore Mínimo da Dimensão	Escore Médio da Dimensão	Escore Máximo da Dimensão
Ambiental	35,643	71,286	106,929
Econômica	29,179	58,358	87,537
Social	28,483	56,966	85,449

Fonte: Callado, 2010, p. 85.

Obtidos os EPS, que representarão o valor obtido por determinada empresa, na dimensão em específico, o próximo passo é atribuir-lhes valores de 0 ou 1, sendo 0 quando o escore da empresa for inferior ao escore médio da dimensão, e 1 quando for igual ou superior ao escore médio da dimensão. Ver Quadro 5.

Quadro 5 - Intervalos dos Resultados de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) Referentes às Três Dimensões

Dimensões	Intervalos de Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS)			
	Resultado das dimensões	Valor atribuído ao desempenho da empresa	Resultados das dimensões	Valor atribuído ao desempenho da empresa
Ambiental	$EPSA < 71,286$	0 (Zero)	$EPSA \geq 71,286$	1 (Um)
Econômica	$EPSE < 58,358$	0 (Zero)	$EPSE \geq 58,358$	1 (Um)
Social	$EPSS < 56,966$	0 (Zero)	$EPSS \geq 56,966$	1 (Um)

Fonte: Callado, 2010, p. 86.

Dessa forma, as empresas participantes podem receber, de acordo com os resultados do cálculo dos EPS, o valor de 0 ou 1, quando for 0 o seu desempenho será considerado insatisfatório, quando for 1 o seu desempenho será considerado satisfatório. Ver Quadro 6.

Quadro 6 - Resultados e Interpretações dos Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) Referente às Três Dimensões

Resultado da empresa	Interpretação	Valor atribuído ao Escore Parcial de Sustentabilidade (EPS)
Escore Menor que o Escore Médio da dimensão	Desempenho insatisfatório	0 (Zero)
Escore Maior ou igual do Escore Médio da dimensão	Desempenho satisfatório	1 (Um)

Fonte: Callado, 2010, p. 86.

Esses resultados serão utilizados na próxima etapa, como parte integrante do cálculo do ESE.

Etapa II: Cálculo do Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE)

Na etapa II é calculado o ESE, que representa o índice agregado de sustentabilidade de determinada empresa, obtido através da soma dos EPS das dimensões econômica, ambiental e social, conforme demonstrado na equação abaixo:

$$ESE = EPS_A + EPS_E + EPS_S$$

Onde:

ESE = Escore de Sustentabilidade Empresarial;

EPS_A = Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão ambiental;

EPS_E = Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão econômica;

EPS_S = Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão social.

Assim, as empresas pesquisadas agora podem ser classificadas em quatro faixas de sustentabilidade empresarial: Sustentabilidade Empresarial Insuficiente (ESE = 0), Sustentabilidade Empresarial Fraca (ESE = 1), Sustentabilidade Empresarial Relativa (ESE = 2) e Sustentabilidade Empresarial Satisfatória (ESE = 3). No Quadro 7 são apresentadas as descrições detalhadas de cada uma dessas faixas.

Quadro 7 - Resultados, Interpretações e Significados do Escore de Sustentabilidade (ESE)

Resultado	Interpretação	Significado
ESE = 0	Sustentabilidade Empresarial Insuficiente	Empresas que não possuem bons resultados em nenhuma das dimensões de sustentabilidade consideradas e que precisam desenvolver ações significativas em busca do desenvolvimento sustentável.
ESE = 1	Sustentabilidade Empresarial fraca	Empresas que possuem bons resultados em apenas uma das três dimensões de sustentabilidade considerada, mas que precisam direcionar esforços para melhorar sua posição em relação ao desenvolvimento sustentável.
ESE = 2	Sustentabilidade Empresarial Relativa	Empresas que possuem bons resultados em duas das três dimensões de sustentabilidade consideradas, mas que ainda precisam aprimorar seus esforços em busca de um melhor ajuste quanto ao desenvolvimento sustentável.
ESE = 3	Sustentabilidade Empresarial satisfatória	Empresas que conseguem conciliar bons desempenhos nas três dimensões de sustentabilidade consideradas, sugerindo certo equilíbrio de ações em relação ao desenvolvimento sustentável.

Fonte: Callado, 2010, p. 89.

O autor alerta para a generalização das faixas, devendo os gestores as utilizarem como referências, mas fazerem reflexões mais detalhadas e específicas, considerando todos os aspectos abordados e contemplados pelo GSE quando necessitarem tomar decisões sobre o seu posicionamento em relação à sustentabilidade.

Etapa III: Integração dos Escores Parciais de Sustentabilidade e posicionamento no GSE

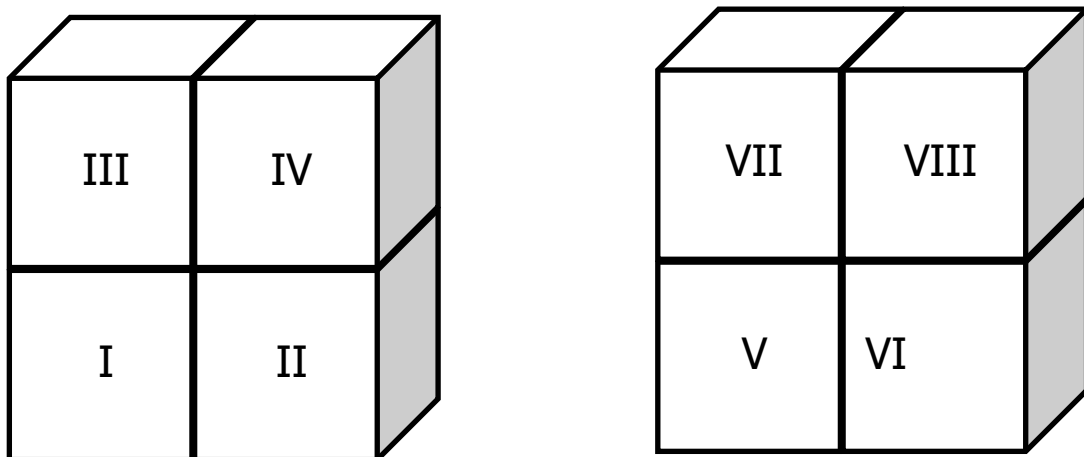
A terceira etapa é a integração dos resultados obtidos num Grid de sustentabilidade. A mensuração da sustentabilidade integra os valores obtidos nas três dimensões propostas dos EPS, associados às quatro faixas distintas do ESE. Ver Quadro 8.

Quadro 8 - Resultados e posicionamentos espaciais do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)

RESULTADOS				Posicionamento no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)
Escore Ambiental (EPS _A)	Escore Econômico (EPS _E)	Escore Social (EPS _S)	Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE)	
0	0	0	0	I
1	0	0	1	II
0	0	1	1	III
0	1	0	1	IV
0	1	1	2	V
1	0	1	2	VI
1	1	0	2	VII
1	1	1	3	VIII

A integração das dimensões ambiental, econômica e social, proporciona uma visualização tridimensional dos seus aspectos, o que permite posicionar espacialmente várias empresas. A partir das combinações propostas no quadro 8 se obtém os 8 (oito) posicionamentos espaciais do GSE. Ver Figura 4.

Figura 4 - Posicionamento Espacial no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)



Fonte: Callado, 2010, p. 91.

De acordo com o posicionamento no GSE, cada empresa oferece algumas características específicas, a saber:

- Posicionamento I: representa empresas com baixo desempenho econômico, que não possuem boa interação social e que não estão comprometidas com aspectos ambientais;

- Posicionamento II: representa empresas com baixo desempenho econômico, que não possuem boa interação social, mas estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento III: representa empresas com baixo desempenho econômico, que possuem boa interação social, mas não estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento IV: representa empresas com bom desempenho econômico, que não possuem boa interação social e não estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento V: representa empresas com bom desempenho econômico e que possuem boas interações sociais, mas não estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento VI: representa empresas com baixo desempenho econômico, mas que possuem boa interação social e estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento VII: representa empresas com bom desempenho econômico, não possuem boa interação social, mas estão comprometidas com aspectos ambientais;
- Posicionamento VIII: representa empresas com bom desempenho econômico que possuem boa interação social e que estão comprometidas com aspectos ambientais.

Os 8 (oito) posicionamentos retratam aspectos da sustentabilidade empresarial, apresentados em relação às dimensões pesquisadas (ambiental, econômica e social).

2.5 A SUSTENTABILIDADE NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL

O setor da construção civil é formado por uma cadeia produtiva, um conjunto de elos responsáveis pelo processo produtivo, que segundo pesquisa encomendada pela Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção (ABRAMAT), elaborada por Dias *et al.* (2007):

(...) é composta (i) pelas construtoras, incorporadoras e prestadoras de serviços auxiliares da construção, que realizam obras e edificações; (ii) por vários segmentos da indústria, os que produzem materiais de construção; (iii) por segmentos do comércio varejista e atacadista; e (iv) por várias atividades de prestação de serviços, tais como serviços técnico-profissionais, financeiros e seguros. A indústria da Construção Civil é o núcleo dentro da cadeia produtiva. Isso ocorre não só pela sua elevada participação no valor da produção e do emprego gerados em toda a cadeia, mas também por ser o destino da produção dos demais segmentos envolvidos. Dessa maneira, a indústria da Construção Civil determina, em grande medida, o nível de atividade de todos os setores que a circundam. (DIAS ET AL., 2007, P. 6).

Nesse sentido, cabe destacar que tal trabalho aborda o elo da construção civil composto pelas construtoras, incorporadoras e prestadoras de serviços auxiliares da construção. A delimitação do setor estudado é importante para que os leitores entendam

corretamente seus objetivos, assim como para que a sua conclusão seja bem sucedida, tendo em vista a limitação de tempo e recursos para estudos num setor tão amplo e complexo como demonstrado anteriormente.

O setor da construção civil ocupa um importante papel na sustentabilidade global. De acordo com Yates (2013), no mundo, esse setor gera 25% dos resíduos sólidos urbanos, e 50% dos resíduos tóxicos, utiliza 40% dos recursos energéticos produzidos, 16% da água disponível, emite 45% do dióxido de carbono produzido e consome 25% da madeira. Estes números são capazes de retratar a importância de se estudar a sustentabilidade de empresas pertencentes a este setor.

Para Ortiz *et al.* (2009), as questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável chamam a atenção para a construção civil, uma vez que este vem contribuindo para o desenvolvimento dos países. Ao passo que Ding (2008) afirma que o setor vem sendo apontado como sendo causador de problemas ambientais, provocando uma preocupação sobre como minimizar os seus efeitos negativos que afetam o ambiente natural. Visões opostas, mas que podem revelar um setor contrastante, contribuinte ao desenvolvimento, importante economicamente, embora não cresça de forma linear junto à preservação dos recursos naturais.

Procurando definir sustentabilidade junto ao contexto da construção civil, Shen *et al.* (2010) relata que a mesma trata-se do alcance de resultados, em uma relação ganha-ganha, contribuindo para o avanço da sociedade e do meio ambiente, ao passo que proporciona vantagem competitiva e benefícios econômicos para as empresas do setor. Alinhado com esse pensamento, Hinze *et al.* (2013) defende que a implementação de política e práticas sustentáveis, devem proporcionar eficiência energética, proteção aos consumidores e segurança ao trabalhador.

Já para justificar a preocupação acerca das atividades desse setor, Zuo *et al.* (2012) lista alguns impactos dessa atividade. Os impactos positivos incluem as oportunidades de emprego e a produção de instalações que satisfazem as necessidades humanas; por outro lado, como aspectos negativos figuram a geração de resíduos, emissão de gases de efeito estufa, além do ruído e poeira. Justamente por esses resultados, o setor vem sendo alvo da sociedade e do Governo, impondo cobranças e normas específicas a seu funcionamento.

Os Governos Federais, Estaduais e Municipais vêm regulando as atividades do setor. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), em 2002 publicou a Resolução nº 307, que veio categorizar os resíduos da construção civil, além de estabelecer critérios, diretrizes e procedimentos para tratá-los. Em 2010 foi a vez de ser sancionada a Lei nº 12.305,

que instituiu a política nacional de resíduos sólidos. No Estado da Paraíba, em 2000, o Governo Estadual publicou o Decreto nº 21.120, que trata da preservação e controle da poluição e do meio ambiente. Além disso, as empresas participantes do programa “Minha Casa, Minha Vida” devem seguir padrões de sustentabilidade estabelecidos pela União, em parceria com a Caixa Econômica Federal, visando, além de garantir a qualidade dos produtos, o enquadramento das empresas construtoras nos novos padrões mundiais do setor, estes que tem por característica serem menos agressivos ao meio.

Além da pressão por parte dos governos, os consumidores também vêm atuando com grande fiscalização e incentivado para as mudanças ocorridas. Existem algumas certificações que credenciam aspectos da sustentabilidade no setor, e que orientam estes novos consumidores, a exemplo da OSHAS 18.000, que estabelece um sistema de gestão integrado para a saúde e segurança dos trabalhadores e da ISO 14.000 que estabelece normas e diretrizes para a gestão ambiental.

Para garantir a sustentabilidade, Tsai e Chang (2012) defendem que a fase da concepção do projeto de um empreendimento é fundamental. A contribuição da construção civil à sustentabilidade global inicia-se pela elaboração dos projetos, que devem considerar os possíveis danos ambientais causados, a preocupação com os resíduos, bem como a rentabilidade para a empresa e os benefícios para a sociedade.

Segundo Florez *et al.* (2013), a indústria da construção civil tem sido obrigada a se moldar aos novos padrões estabelecidos por seus clientes. À medida que os futuros proprietários exigem adaptações aos atuais padrões mundiais, se faz necessário responder essas preocupações, atendendo às novas necessidades. Uma dessas formas, é através da utilização de novos materiais, que proporcionem uma maior eficiência, podendo inclusive ser destacado o papel de toda a cadeia produtiva, na qual uma empresa possa influenciar a outra e, conseqüentemente, contribuir positivamente.

A respeito de questões ambientais, Klostermann e Cramer (2007) alertam para o crescimento do setor e o excessivo consumo de água no seu processo produtivo. Como retratado anteriormente, as atividades da construção civil utilizam parte considerável da água potável disponível no mundo, o que é preocupante, uma vez que trata-se de um recurso natural que a cada dia se torna mais raro, culminando até mesmo em disputas territoriais. Assim, a água é um bem que não pode ser desperdiçado. Pelo contrário, deve ser preservado e tratado com sabedoria, por ser essencial à vida.

Quanto aos aspectos sociais da construção civil, Valdes-Vasquez e Klotz (2013) defendem que o setor deve considerá-los em todo o ciclo de vida dos seus projetos. Dessa

forma, a preocupação social precisa estar presente não só em relação ao usuário final, mas também ao considerar o impacto na segurança, na saúde e educação da força de trabalho, assim como na comunidade local. Pensando de uma maneira global e assumindo uma perspectiva futura é que se poderá interferir positivamente na qualidade de vida de todos os afetados por esse tipo de atividade.

Outra questão que merece destaque na dimensão social, diz respeito à saúde e segurança dos seus trabalhadores. Segundo Hinze *et al.* (2013) estes fatores vêm sendo excluídos dos atuais discursos. A Norma Regulamentadora (NR) 18, que estabelece as diretrizes relacionadas a saúde e segurança dos trabalhadores desse setor, não vem sendo cumprida corretamente, prova disso é o crescente número de acidentes que acontecem no setor. Consequentemente, segundo a Previdência Social (2013), foi registrado em 2010 um total de 54.664 acidentes no setor. Outra informação preocupante é a quantidade de trabalhadores irregulares no setor e o número de pessoas mantidas em regimes de escravidão. Só em 2011, um total de 2.428 trabalhadores desse setor foram libertos, devido a ser constatada irregularidades nas suas condições de trabalho (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2013).

A construção civil utiliza, em números consideráveis, os recursos naturais do planeta, além de impactarem no social, e ser economicamente rentável. Dessa forma, não se pode desprezar o valor que ela possui para a sociedade, podendo contribuir positivamente ou negativamente à sustentabilidade global, o que torna um interessante caso para pesquisa.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área temática da sustentabilidade recebeu contribuições de estudiosos, órgãos, líderes e dos eixos sociais interessados que culminaram em acordos e publicações, todos em busca da formação de uma definição que pudesse revelar a não concordância em viver sem a devida preocupação com o futuro. Importante destacar o papel exercido pela sociedade civil, que vem aumentando e cumprindo papel fundamental para alertar mais setores da economia, para que mais países se envolvam e assumam seu papel na sustentabilidade global.

Logo, um dos organismos que vêm sendo mais pressionados são as empresas. Ocupando importância considerável na sociedade atual, elas têm enfrentando cobranças de consumidores e parceiros para se adaptarem a nova realidade. As empresas são consumidoras de recursos naturais essenciais à sobrevivência humana, como a água; absorvem a mão de

obra e, em troca, influenciam na economia local. Esses são apenas alguns exemplos que justificam direcionar cada vez mais atenção aos estudos da sustentabilidade empresarial.

No caso das empresas do setor da construção civil, vale ressaltar a sua importância nos impactos ambientais, sociais e econômicos das sociedades atuantes, que revelam a necessidade de estudar o campo e demonstrar resultados que possam orientar a busca por uma melhor eficiência, facilitando o desenvolvimento de meios produtivos capazes de conviver harmoniosamente com a natureza e a sociedade local.

Os indicadores de sustentabilidade surgem como forma de viabilizar e operacionalizar os conceitos relacionados à sustentabilidade, auxiliando as empresas na avaliação de suas atividades e revelando seus impactos. Assim, os indicadores devem ser utilizados como mecanismos que avaliam, mas essencialmente fornecem informações privilegiadas para que os avaliados se adequem as novas exigências propostas. Quando utilizados no âmbito empresarial devem considerar o tipo de atividade desempenhada, os objetivos da sua aplicabilidade, bem como a facilidade de aplicação e adaptação do instrumento.

O Grid de sustentabilidade surge propondo uma avaliação da sustentabilidade empresarial nas dimensões ambiental, econômica e social, propondo uma localização espacial das empresas pesquisadas, que revelam as suas características de acordo com os indicadores propostos.

O próximo capítulo apresentará os procedimentos metodológicos para a operacionalização desta pesquisa.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste capítulo é apresentar as estratégias metodológicas utilizadas para a realização desta pesquisa. Merriam (2009) defende haver várias definições para pesquisa, porém, os conceitos acabam convergindo pra uma noção de inquirir ou investigar algo.

De acordo com Gil (2010), a pesquisa pode ser caracterizada como sendo um processo, conduzido de maneira formal e sistemático, desenvolvida com o objetivo de oferecer respostas aos problemas levantados, enquanto para Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa possui características de formalidade, desenvolvida através do método reflexivo que solicita tratamento científico e se constitui no caminho para se tomar conhecimento da realidade ou ainda descobrir verdades parciais.

3.1 MÉTODO DA PESQUISA

A presente pesquisa possui abordagem qualitativa. Sampieri (2006) defende que esse tipo de abordagem está voltada ao entendimento, não à medição de variáveis que compõem um determinado fenômeno.

Além disso, busca compreender um fenômeno em seu ambiente usual, a partir da indução, sem a intenção de realizar generalizações, mas partindo e respeitando a particularidade, oferecendo uma maior profundidade aos dados. Denzin e Lincoln (2005) destacam que as pesquisas qualitativas envolvem uma coleção variada de métodos empíricos (estudo de caso, entrevista, etc.) que promovem a descrição de rotinas, significados e problemas.

Para Merriam (2009), a grande preocupação em uma pesquisa qualitativa é entender os fenômenos usando a perspectiva de seus participantes, não a do pesquisador, o que pode ser complementado com a afirmação de Stake (2011), quando relata que os pesquisadores qualitativos baseiam seu raciocínio na percepção e compreensão humana, oferecendo reflexões acerca de exemplos situacionais.

Nesse sentido, Flick (2009) refere-se à pesquisa qualitativa como uma orientação a análise de casos, respeitando suas particularidades temporais e locais, a partir da representação de expressões e atividades de pessoas em seus ambientes naturais. Assim, a pesquisa qualitativa destaca-se pela proximidade entre o pesquisador e os dados, pelos seus instrumentos de coletas e os aspectos indutivos referentes ao seu processo de análise.

Quanto aos objetivos, a presente pesquisa se classifica como exploratória e descritiva. Segundo Gil (2010), a pesquisa exploratória se propõe a facilitar a familiaridade com o problema proposto, de forma que este assuma uma posição mais explícita, possuindo como foco central a descoberta de intuições, bem como possibilitando que as ideias sejam aprimoradas.

De acordo com Poupart *et al.* (2008), a pesquisa exploratória dedica-se a explorar algumas questões das quais se pretende tomar conhecimento, facilitando a aproximação do pesquisador com as pessoas e os aspectos relacionados às suas preocupações.

Os estudos da sustentabilidade empresarial envolvendo empresas da construção civil necessitam de um maior aprofundamento, visto que este setor ainda é pouco explorado. A realização do desenvolvimento desta pesquisa pode viabilizar o seu melhor entendimento, bem como auxiliar seus agentes para melhorarem e/ou incentivarem o aprimoramento de ações sustentáveis.

Gil (2010, p. 42) defende que a pesquisa descritiva “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Como procedimentos técnicos e estratégias de pesquisa, foram adotados a pesquisa bibliográfica e o estudo multicase. Sampieri *et al.* (2006) refere-se a pesquisa bibliográfica como a etapa do projeto onde ocorre a análise de teorias, a busca por pesquisas anteriores e válidas, e que de fato contribuam para o estudo que se pretende realizar. Além disso, para Poupart *et al.* (2008) essa é a etapa inicial e um projeto, mas que irá desempenhar um importante papel durante todo o trabalho. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica foi o passo inicial desta pesquisa, sendo realizada a busca de livros, artigos, documentos, teses e dissertações que pudessem contribuir com a formação do referencial teórico deste.

De acordo com Eisenhardt (1989, p. 534), o estudo de caso pode ser definido como “uma estratégia de pesquisa que se concentra na compreensão da dinâmica presente dentro de uma única configuração”. Para Goldenberg (2009), o estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística. Assim, a referida técnica considera a unidade social estudada como um todo, ou seja, um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos, na sua realidade, bem como os que nele interferem.

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e

exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística. Além disso, seu enfoque indutivo revela-se tanto na coleta como na análise dos dados (GODOY, 2010).

Ainda de acordo com Godoy (2010, p. 129), “os estudos multicaseos têm ganhado, ao longo dos anos, muitos adeptos, pois possibilitam o estabelecimento de comparações e a obtenção de resultados mais robustos”. A seleção dos casos para participarem de um estudo que adote essa estratégia de pesquisa, de acordo com Yin (2001), obedece a uma lógica de replicação, e devem ser analisados com especial atenção e cuidado pelos pesquisadores, podendo ser selecionados considerando uma replicação literal (quando se previr que os resultados serão semelhantes) ou uma replicação teórica (quando por razões previsíveis, se acredita que os resultados serão contrastantes).

Nessa pesquisa optou-se pelo estudo multicaseo dada a possibilidade deste de propiciar um melhor conhecimento de empresas que compõem o setor da construção civil da cidade de Campina Grande – PB, auxiliando os pesquisadores e empresários da área no desenvolvimento dos seus aspectos sustentáveis, relacionados ao *triple bottom line*.

3.2 SELEÇÃO DOS CASOS E DOS SUJEITOS DE PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, as empresas selecionadas obedeceram a uma replicação literal, tendo em vista as características solicitadas aos participantes, partindo do pressuposto de que as mesmas influenciaram os seus resultados, proporcionando-lhes homogeneidade nos seus resultados, supondo-se resultados semelhantes.

O último Cadastro Industrial³, divulgado em 2010, elaborado pela Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), indica que existem 88 (oitenta e oito) indústrias que atuam no setor da construção civil na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba. Assim, foram selecionadas 3 (três) empresas para participar da pesquisa, respeitando as recomendações propostas por Eisenhardt (1989) que determina que os casos são selecionados a partir de uma perspectiva de amostragem teórica, ou seja, escolhidos por meio de razões teóricas.

E as razões teóricas, os critérios de seleção adotados para os casos participantes basearam-se na busca por empresas que possuem a sustentabilidade como um dos valores que

³O Cadastro Industrial foi elaborado com o intuito de servir como uma vitrine as indústrias paraibanas, listando informações como a razão social, nome fantasia, CNPJ e o tipo de produto fabricado. O objetivo do mesmo é viabilizar negócios e investimentos ao setor que contribuam com o crescimento econômico do estado paraibano (FIEP, 2013).

as orientam, ou que já tenham construído empreendimentos com características sustentáveis. Acredita-se que aquelas que possuam determinadas características possam retratar aspectos que auxiliem a solucionar o problema de pesquisa, bem como atingir os objetivos propostos.

Foi realizado um levantamento das empresas da construção civil que atuam na cidade de Campina Grande, e que correspondem às características propostas. Assim, optou-se por enviar cartas convites às empresas identificadas (ver apêndice A), que de pronto foram aceitas, tendo uma das empresas construído um empreendimentos sustentável na cidade, enquanto as outras duas declararam que a sustentabilidade é um dos valores que as orientam.

Foi solicitado que os representantes das empresas a serem entrevistados possuíssem qualificação necessária para responder sobre os aspectos abordados na pesquisa. Dessa forma, foram enviados antecipadamente dois instrumentos de coleta de dados utilizados na pesquisa para que fossem analisados e auxiliassem na escolha do entrevistado.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para Sampieri *et al.* (2006), um estudo com abordagem qualitativa utiliza técnicas que não pretendem medir. Dessa forma os instrumentos adotados para a coleta de dados utilizados para atender os objetivos dessa pesquisa foram a entrevista estruturada, observação direta intensiva, a pesquisa documental e o questionário. A diversificação dos instrumentos de coleta, através da triangulação dos dados, auxilia para que o pesquisador receba informações mais amplas, contribuindo para a validade do constructo da pesquisa (YIN, 2001).

A entrevista estruturada é realizada através de um roteiro completo, preparado com antecedência, de modo a não permitir improvisação em seu decorrer, sendo considerada uma importante ferramenta disponível aos pesquisadores (MYERS; NEWMAN, 2007). Esse tipo de instrumento permite manter o foco nos objetivos propostos, bem como orientar corretamente o entrevistador e entrevistado. A entrevista realizada buscou caracterizar a empresa, bem como os seus entrevistados representantes. Nos apêndices B e C encontram-se os roteiros de entrevista utilizados.

Para Prodanov e Freitas (2013) a observação direta intensiva é realizada por meio da entrevista e da observação. As entrevistas foram realizadas nas unidades das empresas pesquisadas o que permitiu a pesquisadora observar *in loco* alguns elementos importantes a realização dessa pesquisa.

A pesquisa documental é definida por Marconi e Lakatos (2003) como a busca de dados em documentos, que podem ser escritos ou não. Gil (2008) classifica esses documentos

em documentos de primeira mão, aqueles que não receberam tratamento analítico (cartas, documentos oficiais, etc.), e documentos de segunda mão, referindo-se aqueles que já passaram por um processo de análise (relatórios de pesquisa, relatórios empresariais, etc.). Nessa pesquisa, foram utilizadas os seguintes documentos como fontes documentais de pesquisa, a saber: Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS), relatórios de sustentabilidade, relatórios financeiros, código de ética, código de conduta, além de manual da qualidade. As referidas fontes variaram de acordo com as empresas, pois nem todas elas possuíam disponíveis todos os documentos.

O questionário é definido por Sampieri *et al.* (2006, p. 325) como “um conjunto de questões com relação a uma ou mais variáveis a serem medidas”. Um questionário é formado por questões e/ou afirmativas que oferecem respostas e/ou posicionamentos delimitados em múltiplas escolhas. O questionário (Anexo B) relacionado à aplicação do GSE foi estruturado seguindo as três dimensões de sustentabilidade empresarial (ambiental, social econômica e social), enfatizando os indicadores dos parâmetros de análise para que se possa pontuar a situação da empresa.

Para oferecer maior validade do questionário, bem como a viabilidade de utilização dentro dos parâmetros estabelecidos na pesquisa, optou-se pela realização de um pré-teste, que aconteceu numa empresa, do mesmo ramo, da construção civil, selecionada a partir dos mesmos critérios pré-estabelecidos pelas empresas a participarem dessa pesquisa. Para Prodanov e Freitas (2013) o pré-teste é a aplicação do questionário, em uma pequena amostra de entrevistados, objetivando eliminar potenciais problemas e possibilitando as devidas correções. Durante a realização do pré-teste foi possível identificar que o indicador de número 43, referente à segurança do produto, não foi considerado aplicável ao setor da construção civil, devido à não utilização de rótulos nos seus produtos.

Quadro 9 - Relação Entre os Objetivos Específicos e os Instrumentos e Coleta de Dados

Objetivos Específicos	Instrumentos de Coletas de Dados
1. Aplicar o Grid de sustentabilidade nas empresas selecionadas;	Questionário
2. Identificar, nas empresas pesquisadas, as ações adotadas que se relacionam com a sua sustentabilidade;	Pesquisa documental e Questionário, Observação direta intensiva

3. Caracterizar a sustentabilidade apresentada pelas empresas pesquisadas.	Entrevista, Pesquisa documental, Observação direta intensiva e Questionário
--	---

Fonte: Elaboração própria, 2013.

Para uma melhor compreensão acerca dos instrumentos de coleta de dados utilizados, no Quadro 9 está apresentada a relação dos objetivos específicos com os respectivos métodos de coletas que auxiliarão no alcance dos mesmos.

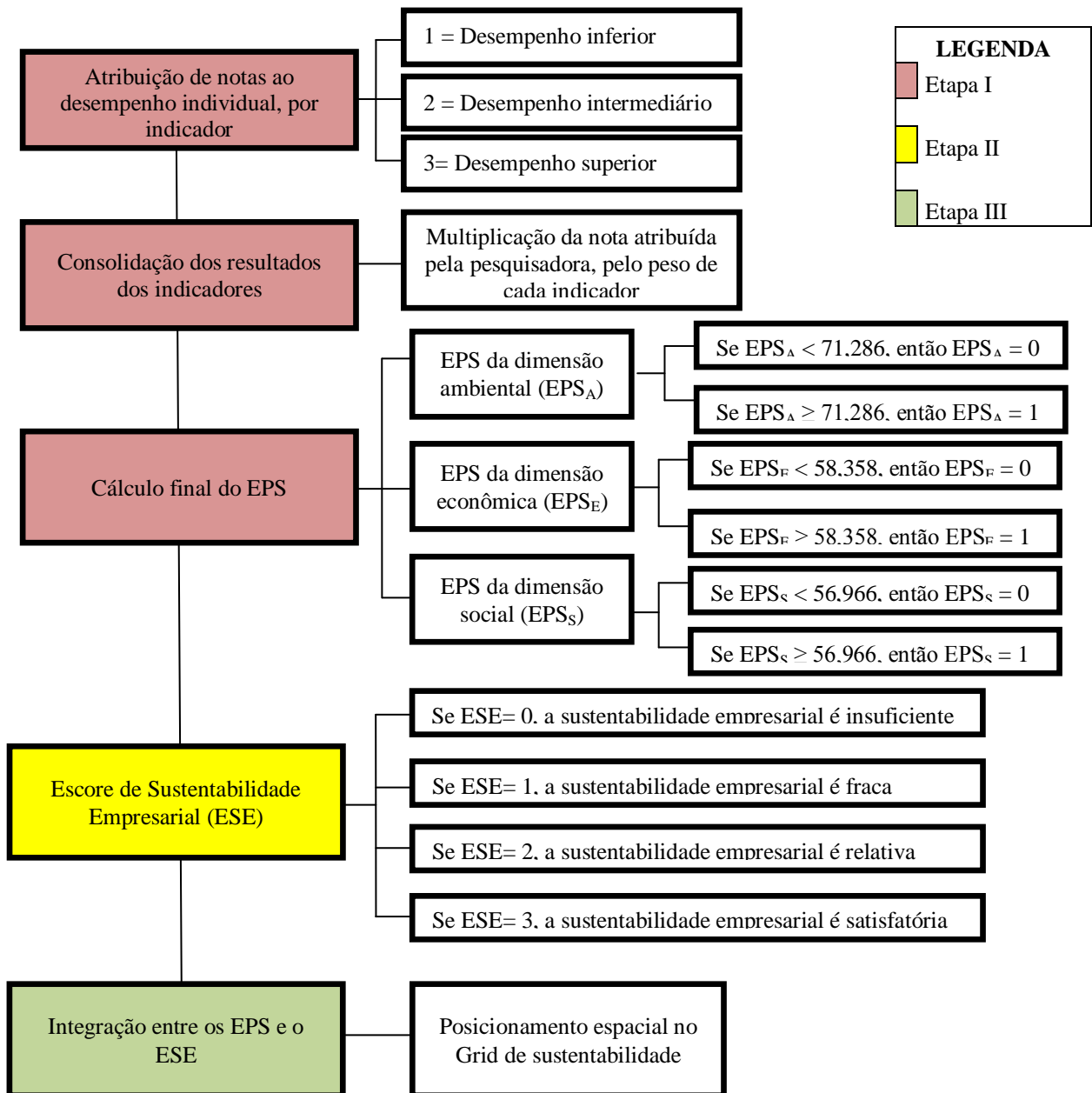
3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui, o pesquisador se encontra com uma certa quantidade de dados, sendo-lhe, então, requerido habilidades para organiza-los, compila-los e separa-los, de modo que sua análise e interpretação seja facilitada. Poupart *et al.* (2008) refere-se a essa etapa da pesquisa como o momento de dar sentido aos dados coletados, de forma a responder o problema proposto. Assim, pode-se dizer que esse momento requer flexibilidade do pesquisador e múltiplas habilidades (SAMPIERI *ET AL.*, 2006).

Em se tratando de um estudo multicasos, Yin (1998) relata que o procedimento que deverá ser adotado para análise deve, inicialmente ser realizado de maneira individual, ou seja, a análise em específico de cada um dos casos participantes. Em momento posterior, as conclusões individuais são cruzadas para que se chegue a um resultado de análise coletiva.

Os dados coletados no questionário respeitaram as etapas propostas por Callado (2010), em seu modelo Grid de Sustentabilidade Empresarial, utilizado nessa pesquisa. Assim, as empresas foram analisadas a partir de três abordagens analíticas. A primeira refere-se ao Escore Parcial de Sustentabilidade (EPS) que identifica valores para cada indicador, de cada empresa. Num segundo momento será calculado o Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE) que representa um índice de sustentabilidade atribuído à empresa. Por fim, a partir do resultado anterior, as empresas serão posicionadas em um dos espaços no Grid que, de acordo com o seu posicionamento, atribuirá as características da sustentabilidade das empresas estudadas.

Figura 5 – Fluxograma do Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)



Fonte: Elaboração própria, 2013.

O Modelo proposto por Callado (2010) foi apresentado na fundamentação teórica, porém, na Figura 5 é demonstrado um fluxograma com as etapas e procedimentos para sua aplicação.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos na coleta de dados, assim como sua análise. Inicialmente caracteriza-se o setor da construção civil na perspectiva nacional e estadual. Em momento posterior, é aplicado o Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE).

4.1 PANORAMA DO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA PERSPECTIVA NACIONAL E PARAIBANA

O setor da construção civil ocupa papel central na economia brasileira, sendo composto por um elo de empresas, que comporta diversas atividades, e que gera consumo de bens de outros setores (como o mobiliário e arquitetura) movimenta a economia, o meio ambiente e os aspectos sociais.

Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC, 2012), no ano de 2007, este setor movimentou R\$ 187 bilhões de reais, representando 8,5% do PIB brasileiro. A ABRAMAT (2012) divulgou um relatório sobre o desempenho do setor em 2011, e de acordo com a Associação, no referido ano o seu PIB foi de R\$ 204.067 bilhões de reais. Além disso, no mesmo ano o setor registrou o número de 9.169.531 trabalhadores com carteira assinada.

Dias *et al.* (2007) projetaram números para o setor referentes ao espaço de tempo que vai de 2007 a 2030. No estudo, acredita-se que até o fim do período, o Brasil terá 237 milhões de pessoas, constituídas em 95 milhões de famílias, e que necessitarão de 3 milhões de moradias. Assim revela um crescimento de 4% ao ano para o setor, prevê-se um faturamento para as construtoras de R\$ 129,6 bilhões de reais para 2030.

Alguns fatores vêm contribuindo para o crescimento do setor, como o aumento de renda da população e os incentivos governamentais para a aquisição da casa própria. No ano de 2009, o Governo Federal lançou o Plano Nacional de Habitação (PlanHab), que segundo o Ministério das Cidades (2009) tem por objetivo suprir as necessidades presentes e futuras de moradias no país, que hoje possui um *déficit* habitacional de 34 milhões de casas, universalizando a dignidade do cidadão brasileiro.

Como parte do PlanHab o Governo federal lançou o Programa “Minha Casa Minha Vida”, que objetiva oferecer moradias a famílias que possuam renda de até R\$ 4.650,00 reais, podendo financiar suas casas, com parcelas mínimas de R\$ 50,00 reais, e que receber um subsídio no valor total do imóvel, pagos pelo governo, de até R\$ 17.000 reais, o

que facilita a aquisição. Aliás, segundo a ABRAMAT (2012), o programa investirá de 2011 a 2014 cerca de R\$ 37.552,22 milhões de reais, e gerará 984.342 empregos diretos e indiretos. Esses números incentivam empresas a se dedicar exclusivamente a construção de casas e apartamentos para famílias beneficiadas. Na próxima seção serão apresentadas as características das empresas participantes dessa pesquisa.

A região Nordeste foi a que mais atraiu investimentos na construção civil, especialmente por causa dos incentivos fiscais, destacando-se o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, juntamente com os estados da Bahia e Pernambuco. Segundo o IBGE (2013), entre os anos de 2003 e 2006, o Nordeste foi a segunda região que mais atraiu investimento, com o PIB da construção civil chegando ao maior do Brasil, representando 19,9% do total. No ano de 2007 os trabalhadores de carteira assinada eram 76 mil, e no ano de 2013 já representam 182 mil trabalhadores.

Segundo o site da Feicon Nordeste (2013), para o ano de 2014 a previsão é de mais investimentos e maior crescimento da construção civil na região, graças à Copa do Mundo, e novamente pelos investimentos do Programa “Minha Casa Minha Vida”, que recebe 1/3 do investimento total do programa. O Nordeste tornou-se um grande canteiro de obras, graças aos incentivos do governo e às atrações turísticas naturais da região.

Segundo o IBGE (2013), na Paraíba, entre os anos de 2007 e 2008, o setor cresceu 21%, representando 5,7% do PIB estadual. Segundo o Cadastro Industrial de 2010, na Paraíba, o setor da construção civil é formado por 400 empresas, estando 209 concentradas em João Pessoa, e em segundo lugar, com 88 registros, a cidade de Campina Grande. Além disso, o Sindicato das Indústrias da Construção Civil de João Pessoa levantou que existem mais de 30 mil empregados no setor, com uma expectativa de crescimento em 10% para o ano de 2013, graças aos investimentos realizados na área.

O setor da construção civil na Paraíba é tão importante, que incentivou o investimento, por parte do Sistema Nacional de Aprendizagem (SENAI), de uma unidade específica voltada à oferta de cursos de iniciação profissional, aprendizagem e aperfeiçoamento, que conta com parcerias de construtoras e consultorias técnicas, que promovendo a melhoria do setor.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS PARTICIPANTES DA PESQUISA E DOS SEUS ENTREVISTADOS

Nesta seção serão apresentadas algumas características das empresas participantes desta pesquisa, bem como dos seus representantes entrevistados. Para uma melhor apresentação, considerando também questões éticas, optou-se por ocultar os seus nomes. De modo que estão aqui mencionadas como Empresa A, Empresa B e Empresa C. Ver quadro 10.

Quadro 10 - Características das Empresas Participantes da Pesquisa

EMPRESAS	CARACTERÍSTICAS					
	Ano de fundação	Mercados em que atua	Perfil da administração	Número de funcionários	Porte (De acordo com o número de funcionários) ⁴	Público alvo
Empresa A	1977	Paraíba e Rio Grande do Norte	Administração profissional	560	Grande porte	Classes A e B
Empresa B	1983	Paraíba	Administração familiar	525	Grande porte	Classes C, D e E
Empresa C	1979	Alagoas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe	Administração profissional	85	Grande porte	Classes C, D e E

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

⁴ Classificadas de acordo com as normas do Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES).

4.2.1 Empresa A

A primeira empresa faz parte de um grupo que atua no ramo atacadista e da construção civil, com 36 (trinta e seis) anos de atuação nos mercados do Norte e Nordeste, foi escolhida para participar dessa pesquisa por já ter construído empreendimento com características sustentáveis.

Esta construtora é de médio porte e tem 10 (dez) anos de atividade na Paraíba, tendo iniciando na cidade de Campina Grande e se expandido mais recentemente para o mercado Potiguar, o Rio Grande do Norte, especificamente a capital Natal. Possui capital fechado, sua administração está por conta de profissionais contratados que coordenam as atividades de 560 (quinhentos e sessenta) colaboradores.

Seu público alvo são as pessoas da classe média alta (A e B), famílias que inspiram a criação de residenciais e condomínios fechados, o que já soma, até o ano de 2013, um total de 5 (cinco) empreendimentos entregues e 6 (seis) em andamento, com previsão de entrega para 2014 e 2016.

A entrevistada escolhida pela empresa é formada em Engenharia Civil, está há dois anos na empresa e ocupa o cargo de gestora de obras.

4.2.2 Empresa B

A segunda empresa participante da pesquisa tem 30 (trinta) anos de história, atua exclusivamente no mercado campinense e possui 525 (quinhentos e vinte e cinco) colaboradores, numa administração familiar, de sociedade limitada. Foi selecionada por possuir a sustentabilidade como um dos valores que orientam suas ações.

Inicialmente, prestava serviços como empreiteira em obras públicas, mas há 20 (vinte) anos passou a dedicar-se à construção de edifícios residenciais próprios, que tinham como público alvo a classe média alta. Atualmente, possui contrato com a Caixa Econômica Federal, credenciada como autorizada a construir imóveis que se enquadrem dentro dos padrões do Programa “Minha Casa, Minha vida”, o que lhe fez mudar o foco em relação aos clientes, redirecionando-se para famílias de baixa renda beneficiadas, aquelas que se encontram nas classes C, D e E.

A empresa dedica-se exclusivamente à construção de prédios residenciais, tendo entregado, até o ano de 2013, um total de 21 (vinte e um) empreendimentos que totalizaram

2.417 (dois mil quatrocentos e dezessete) apartamentos. Tendo em andamento 1.138 (um mil cento e trinta e oito) apartamentos em 4 (quatro) empreendimentos.

O entrevistado escolhido pela empresa é Engenheiro Sanitarista e Ambiental, com especialização em Gestão Ambiental na indústria. Está na empresa há 4 anos, e ocupa o cargo de Engenheiro da Qualidade, e foi escolhido como representante para todos os assuntos relacionados à direção.

4.2.3 Empresa C

A Empresa C é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, e iniciou suas atividades em 1979. Com 34 (trinta e quatro) anos de existência, está presente em 18 (dezoito) estados brasileiros, mais o Distrito federal, classificada como de grande porte, sua administração fica a cargo de profissionais contratados e, desde 2007, possui estrutura de capital aberto. Foi selecionada por possuir a sustentabilidade como um dos valores que orientam suas ações.

O foco da empresa são clientes das classes, C, D e E, que podem ser beneficiados pelo Programa “Minha Casa, Minha Vida”, sendo este o principal responsável pelo seu faturamento. Tornou-se a maior operadora atuante nesse programa habitacional.

O seu investimento no mercado paraibano ocorre desde 2011, e hoje possui 5 (cinco) empreendimentos em andamento nas cidades de Cabedelo, João Pessoa e Campina Grande, que totalizam 3.976 (três mil novecentos e setenta e seis) apartamentos, sendo a primeira entrega prevista para 2014, com meta de vendas de 100 (cem) apartamentos por mês.

No estado da Paraíba são 85 (oitenta e cinco) funcionários contratados diretamente pela empresa, sendo a grande parte contratada de forma indireta, através de empresas terceirizadas, quantidade exata não revelada pela empresa.

4.3 APLICAÇÃO DO GRID DE SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

4.3.1 Etapa I: Cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade

As empresas participantes da pesquisa foram avaliadas em relação a 42 indicadores de sustentabilidade, sendo atribuído a eles valores de 1 (quando o desempenho for considerado inferior), 2 (quando o desempenho for considerado intermediário) ou 3 (quando o desempenho for considerado superior).

4.3.1.1 EPS da dimensão ambiental

A dimensão ambiental avalia as participantes da pesquisa em relação a 16 indicadores. Os valores atribuídos às empresas A, B e C estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Escores de Desempenho nos Indicadores Ambientais das Empresas

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I1) Sistemas de Gestão Ambiental (SGA)	2	2	3
(I2) Quantidade de água utilizada	2	3	3
(I3) Processos decorrentes de infrações ambientais	2	3	3
(I4) Treinamento, educação e capacitação de funcionários em aspectos associados ao meio ambiente	2	2	3
(I5) Economia de energia	2	2	1
(I6) Desenvolvimento de tecnologias equilibradas	1	2	3
(I7) Ciclo de vida de produtos e serviços	1	1	1
(I8) Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano	2	1	1
(I9) Reciclagem e reutilização de água	1	2	3
(I10) Acidentes ambientais	3	3	3
(I11) Fontes de recursos utilizados	1	3	1
(I12) Redução de resíduos	3	3	3
(I13) Produção de resíduos tóxicos	2	2	1
(I14) ISO 14001	2	1	3
(I15) Qualidade do solo	1	3	2
(I16) Qualidade de águas de superfície	2	3	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

As empresas pesquisadas receberam notas iguais em três indicadores: acidentes ambientais, redução de resíduos e ciclo de vida de produtos e serviços, obtendo, no primeiro e segundo, nota máxima, e no terceiro, nota mínima. Já os indicadores que tratam do desenvolvimento de tecnologias equilibradas, da reciclagem e reutilização de água e da ISO 14001 apresentaram resultados totalmente diferentes. Nos demais indicadores, ao menos duas empresas obtiveram resultados iguais, quando apenas uma apresentou resultado diferenciado. A partir da observação da tabela, é possível inferir que as empresas precisam melhorar seus resultados em relação às suas ações de sustentabilidade ambiental. Não preocupam-se com a redução de utilização de energia e da água, que são dois bens essenciais à manutenção da vida, e que infelizmente vem sendo fonte de preocupação para todos. Tendo apenas o

indicador acidentes ambientais recebido especial atenção por partes das empresas, o que pode ser justificado pelos altos custos em relação a multas e sanções que podem receber caso venha a ocorrer.

Na Tabela 2 pode-se visualizar a distribuição dos resultados obtidos, a partir do escores atribuídos.

Tabela 2 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Ambientais

RESULTADOS	EMPRESAS		
	A	B	C
Escore 1	5	3	5
Escore 2	9	6	1
Escore 3	2	7	10

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Na Tabela 2, pode-se observar que a nota máxima, o desempenho superior, foi predominante em relação aos indicadores ambientais.

Empresa A

Para receber a licença ambiental, a empresa teve que apresentar um Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS), que está em processo de implementação, o que indica presença de uma prática de gestão ambiental.

O PGRS inclui atividades de manejo e destinação apropriados, além da adequação, redução, reciclagem e reutilização dos resíduos, visando à organização no local da obra, além da minimização dos impactos ambientais resultantes das suas atividades. Como parte essencial do programa, o treinamento dos funcionários em higiene e meio ambiente, coleta seletiva e preservação do meio ambiente auxiliam no alcance dos objetivos propostos, sendo realizados periodicamente e ministrados por profissionais terceirizados.

Uma parte dos resíduos gerados é reutilizada pela própria empresa, como é o caso do solo, que é reaproveitado em outros canteiros de obras; a madeira é doada à padaria que fornece o pão dos funcionários, em troca a empresa recebe desconto na compra do alimento que é oferecido no café da manhã; o plástico, papelão e papel são revendidos a sucatas da cidade.

Os resíduos tóxicos são monitorados e controlados. No caso do gesso, as sobras oriundas de desperdício são destinadas aos fornecedores originais, para que sejam derretidas e

integrem um novo produto. Outros tipos de materiais, como brochas e tintas, são coletados por uma empresa terceirizada, especializada e licenciada por órgãos competentes para a retirada de entulho, e que são pagas para dar a destinação correta ao material. Fiscalizar as empresas contratadas é essencial à organização. Por não proceder dessa forma, no passado, a empresa recebeu autuação de infração ambiental, por uma terceirizada responsável por tal atividade não cumprir de acordo com as normas estabelecidas pela legislação, o que resultou no pagamento de multa. No entanto, a empresa nunca se envolveu em acidentes ambientais.

Não apresenta nenhum investimento, nem previsão de investimento em tecnologias limpas, fato este que poderia auxiliá-la na redução dos custos, por exemplo, com a água e a luz consumidas. Importante mencionar que a empresa não recicla, nem reutiliza a água consumida no desenvolvimento das suas atividades. Mesmo assim, conseguiu manter inalterado o seu nível de consumo. Em relação ao consumo de energia, este também se manteve inalterado.

As águas de superfície são prejudicadas pela atividade da empresa, na medida em que a pavimentação do solo impede a formação de barragens. Para contornar essa situação, nos empreendimentos são reservadas áreas permeáveis, áreas verdes, em porcentagens mínimas definidas pela Secretaria de Meio Ambiente, não tendo sido informado pela mesma.

Além disso, a empresa não analisa a relação entre o ciclo de vida dos seus produtos e o meio ambiente, e mantêm sua matriz energética composta exclusivamente por fontes não renováveis. Outros aspectos negativos apresentados relacionam-se a ausência da certificação e intenção da implementação da ISO 14001, além da ausência de providências em relação aos danos causados ao solo.

Empresa B

Recentemente, a empresa adquiriu uma tecnologia alemã considerada inovadora na construção civil. Refere-se a um conjunto de formas, utilizadas na construção, que reduzem o tempo da obra, bem como os seus níveis de consumo, devido ao tipo de tijolo que precisa ser utilizado, mais prático, feito de concreto e utilizado como encaixe. No entanto, não possui projetos próprios para desenvolvimento de tecnologias dessa natureza.

Graças à aquisição desta tecnologia, a empresa conseguiu, nos últimos 3 anos, reduzir o consumo de água e energia. Mais especificamente, em relação à água, outra tecnologia tem auxiliado nessa redução, que diz respeito a sua reutilização. Os balcões de granito postos nas cozinhas dos apartamentos são confeccionados na própria empresa. Para

que isso aconteça o material precisa ser resfriado, evitando quebra, a água é utilizada para isso, e depois fica armazenada, passa por um processo de decantação e é reutilizada no processo de mistura para preparação do cimento.

A empresa não possui um SGA, mas adota práticas de gestão ambiental, a exemplo da compra de madeira certificada. Tal aquisição só ocorre se o produto possuir o Documento de Origem Florestal (DOF), que certifica a empresa fornecedora como licenciada em relação ao transporte e armazenamento, e que seus produtos são de origem nativa. Outras práticas referem-se ao controle de resíduos tóxicos, a exemplo dos sacos de cimento que são recolhidos pelos fornecedores, e os restos de gesso que também são devolvidos, mas retornam em novos produtos para a empresa. Existe um controle para que a emissão de resíduos seja reduzida, primando pela sua reutilização e correta destinação. Todos os tipos de resíduos da empresa passam por um sério e rigoroso controle, a orientação é reutiliza-los sempre que possível.

Não existem processos ambientais instaurados contra a empresa e, no último ano não houve registro de acidentes ambientais. Além disso, segundo informações obtidas, as suas atividades da empresa não geram danos ao solo, nem as águas de superfície, atribuindo as ações preventivas o mérito por esse êxito. E entre elas, estão a preservação de área verde nos empreendimentos e a reposição de árvores.

Empresas terceirizadas são contratadas para treinar os funcionários acerca das ações desenvolvidas pela empresa, em relação à proteção e preservação do meio ambiente, como também sobre a conscientização individual, o papel que cada um possui no alcance dos objetivos propostos.

A matriz energética desta empresa é composta exclusivamente por fontes de energia não renováveis, além de ter aumentado, nos últimos três anos, o consumo dos combustíveis fósseis. Outro aspecto negativo encontrado, trata do indicador referente à análise da relação entre o ciclo de vida dos produtos e o meio ambiente, o que não acontece, além da empresa não possuir a certificação ISO 14001.

Empresa C

A empresa C possui um Sistema de Gestão Ambiental que estabelece ações que reduzem o impacto ambiental das suas atividades.

Em relação aos seus resíduos, o reaproveitamento é a missão que a guia. Inicialmente, eles são distribuídos em baias, posicionadas em locais estratégicos das obras que

são distribuídos de acordo com cada tipo de material (gesso, madeira, metal, entulho, etc.), para que posteriormente possam ser reutilizados naquele mesmo local, ou serem encaminhados a locais determinados para sua armazenagem, onde poderão servir a outras obras. Essa prática evita a acumulação desses materiais em aterros sanitários, e reduz os custos das construções.

Ainda acerca dos resíduos, a empresa está tentando implementar na cidade um programa já consolidado em outros estados, e que é gerenciado pela Federação das Indústrias, o “Bolsa de Recicláveis”, que tem por objetivo promover o intercâmbio de resíduos entre as empresas do setor, uma parceria que contribui positivamente para o meio ambiente.

Não existe um controle específico destinado aos resíduos tóxicos (tintas, solventes, impermeabilizantes, etc.), o que lhe garantiu um desempenho inferior nesse indicador. A justificativa dada foi de que os mesmos ocorrem em quantidades mínimas, existe uma política de desperdício zero, o que não promoveria a necessidade de um controle mais rígido neste aspecto.

Apesar do aumento no volume de obras, a empresa conseguiu reduzir o consumo de água, através da instalação de descargas ecológicas nos canteiros de obras para utilização dos funcionários, que possibilitam uma economia de até 60 % em relação às descargas comuns. Utiliza-se água reciclada na construção, proveniente de bebedouros e chuveiros.

Já em relação ao consumo de energia, não foi possível atingir alguma redução, nem implementar nenhum programa que conseguisse esse feito, o que garantiu desempenho inferior nesse indicador.

Preocupando-se com os seus impactos ambientais, a empresa defende que a instrução de seus funcionários é um dos meios eficazes de alcançar resultados positivos. Assim, rotineiramente são promovidos treinamentos sobre o tema, que envolve a gestão de resíduos, a reciclagem, além da economia de energia e água no ambiente de trabalho, sendo alguns realizados na modalidade de Educação à Distância (EAD), outros presenciais, ministrados por profissionais contratados ou internos.

A certificação ISO 14001 faz parte da realidade da empresa, o que lhe garantiu um desempenho superior nesse indicador. Em contrapartida, a empresa não investe em pesquisas que relacionem o ciclo de vida dos seus produtos ao meio ambiente, aumentou o consumo de combustíveis fósseis nos últimos anos, possui sua matriz energética exclusivamente composta de energia não renovável, sendo-lhe atribuído desempenho inferior em todos esses indicadores.

Segundo o entrevistado, as atividades da empresa não agridem as águas de superfície, inclusive, em um caso específico, a construtora deixou de adquirir um terreno por acreditar que o impacto ambiental de suas atividades, naquele local, poderia alterar as características específicas da região, inclusive das águas de superfície, pois através de análises dos engenheiros foi possível detectar que o solo daquele terreno ainda era afetado pela proximidade com um rio que passava ali próximo.

Quando se trata da geração de danos ao solo, o entrevistado respondeu que ações da empresa geram danos ao solo, principalmente porque se faz necessário desmata e, concretar a área onde os empreendimentos serão construídos, o que altera as características específicas do local. Mas, para reduzir esses impactos negativos, existe uma política que delimita um espaço de no mínimo 30% de área verde nos seus empreendimentos, já tendo somado, desde 2001, mais de 300.000 árvores plantadas.

Consolidação de resultados dos indicadores da dimensão ambiental

Depois de atribuir nota aos indicadores que compõem cada dimensão do Grid de Sustentabilidade Empresarial, agora se pode calcular o desempenho individual de cada empresa na dimensão ambiental.

O desempenho individual, por dimensão, é obtido através da nota individual, multiplicada pelo peso de cada indicador. Somados os 16 (dezesesseis) resultados, obtêm-se a nota procurada. Assim, o desempenho geral das empresas, na dimensão ambiental, está disponível na Tabela 3.

Tabela 3 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Ambientais

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I1) Sistemas de Gestão Ambiental (SGA)	4,5	4,5	6,75
(I2) Quantidade de água utilizada	5	7,5	7,5
(I3) Processos decorrentes de infrações ambientais	4,5	6,75	6,75
(I4) Treinamento, educação de funcionários em aspectos associados ao meio ambiente	5,5	5,5	8,25
(I5) Economia de energia	4,5	4,5	2,25
(I6) Desenvolvimento de tecnologias equilibradas	2,286	4,572	6,858
(I7) Ciclo de vida de produtos e serviços	1,857	1,857	1,857
(I8) Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano	4	2	2

(I9) Reciclagem e reutilização de água	2,5	5	7,5
(I10) Acidentes ambientais	7,713	7,713	7,713
(I11) Fontes de recursos utilizados	2	6	2
(I12) Redução de resíduos	6	6	6
(I13) Produção de resíduos tóxicos	4,286	4,286	2,143
(I14) ISO 14001	3,428	1,714	5,142
(I15) Qualidade do solo	2,286	6,858	4,572
(I16) Qualidade de águas de superfície	4,572	6,858	6,858
DESEMPENHO GERAL	64,928	81,608	84,143

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir dos resultados observados na Tabela 3, pode-se afirmar que a empresa C foi a que obteve melhor desempenho na dimensão ambiental, com a pontuação mais alta (84,143), seguida pela empresa B (81,608) e pela empresa A (64,928).

Para se chegar ao EPS da dimensão ambiental de cada empresa, agora é necessário classificar a pontuação obtida nos intervalos de valores do Escore Parcial. A Tabela 4 apresenta o desempenho do EPS de cada empresa na dimensão ambiental.

Tabela 4 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Ambiental (EPS_A)

	EMPRESAS		
	A	B	C
Pontuação total obtida	64,928	81,608	84,143
Escore Parcial de Sustentabilidade	0	1	1
Desempenho	Insatisfatório	Satisfatório	Satisfatório

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

As empresas B e C obtiveram desempenho considerado satisfatório na dimensão ambiental, já que os seus Escores Parciais de Sustentabilidade ficaram acima do Escore Parcial Médio, enquanto a empresa A foi considerada insatisfatória, ficando seu EPS abaixo do Escore Parcial Médio.

4.3.1.2 EPS da dimensão econômica

A dimensão econômica avalia as empresas participantes da pesquisa em relação a 14 indicadores. Os valores atribuídos às empresas A, B e C nessa dimensão, estão apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 - Escores de Desempenho em Indicadores Econômicos das Empresas

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I17) Investimentos éticos	3	2	3
(I18) Gastos em saúde e em segurança	1	2	3
(I19) Investimento em tecnologias limpas	1	2	1
(I20) Nível de endividamento	3	2	1
(I21) Lucratividade	3	3	2
(I22) Participação de mercado	3	3	3
(I23) Passivo ambiental	3	2	3
(I24) Gastos em Proteção ambiental	1	3	3
(I25) Auditoria	1	3	3
(I26) Avaliação de resultados da organização	3	3	3
(I27) Volume de vendas	3	3	3
(I28) Gastos com benefícios	1	1	1
(I29) Retorno sobre capital investido	3	2	1
(I30) Selos de qualidade	2	3	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Foram observados resultados iguais, de nota máxima, nos indicadores que tratam da participação de mercado, da avaliação dos resultados da organização e do volume de vendas. Já no indicador referente aos gastos com benefícios, todas as empresas apresentaram resultados negativos. Identificou-se também que nos indicadores que tratam dos gastos em saúde e em segurança, do nível de endividamento e do retorno sobre o capital investido, foi apresentado um resultado diferente entre as empresas. Nos outros indicadores que completam esta dimensão, os resultados apresentados foram iguais em duas das participantes. A partir da observação da tabela, pode-se identificar que as empresas pesquisadas demonstram maiores cuidados em relação aos indicadores econômicos.

Na Tabela 6 é possível visualizar a distribuição dos resultados obtidos.

Tabela 6 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Econômicos

RESULTADOS	EMPRESAS		
	A	B	C
Escore 1	5	1	4
Escore 2	1	6	1
Escore 3	8	7	9

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Observadas as informações contidas na Tabela 6, é possível identificar que houve predominância de nota máxima nos indicadores da dimensão ambiental, obtendo desempenho considerado superior.

Empresa A

Para a Empresa A realizar um investimento se faz necessário considerar critérios associados a aspectos técnicos e econômicos, como também sociais e ambientais. É interessante que este contribua positivamente na vida da comunidade local, com geração de emprego e renda, que não traga prejuízos ambientais, e que também seja viável economicamente, gerando lucro e satisfação aos clientes.

O financiamento utilizado para a realização dos seus projetos é oriundo do capital próprio acumulado ao longo de sua existência, o que garantiu a redução do seu endividamento nos últimos 3 (três) anos. Além disso, no referido período, as vendas aumentaram, assim como a lucratividade e o retorno sobre o capital investido, resultados positivos que são atribuídos ao aumento da renda dos consumidores, uma vez que o acréscimo de poder aquisitivo possibilita aumentar sua participação no mercado. Os seus resultados são avaliados e mensurados anualmente, apresentados em reunião que envolve os proprietários e representantes dos empregados.

Um dos últimos projetos dessa construtora se tornou padrão de empreendimento sustentável na cidade de Campina Grande, inclusive por ser um dos primeiros do gênero na região, pois utiliza energia eólica, realiza coleta seletiva e chama atenção à sua área natural preservada, com projeto arquitetônico que buscou preservar a natureza local. Assim, o entrevistado afirma que os consumidores preocupados com as questões de sustentabilidade estão tomando tal projeto como referencial e investindo em outros empreendimentos que possuem sua marca.

Outro indicador que recebeu resultado positivo foi o de passivo ambiental, pelo fato da empresa alegar não possuí-los, ou seja, suas atividades não geraram agressões ao meio ambiente que lhe obrigassem a reabilitá-los através de multas ou indenizações. Apesar desse resultado, ela não investe na prevenção de acidentes e proteção ambiental, tão pouco em tecnologias limpas.

Os números financeiros positivos não se traduzem em investimentos em relação aos funcionários. A empresa não possui planos de pensões ou aposentadorias, nem planos de saúde para seus funcionários e/ou familiares. Também, não realiza auditorias internas, o que

poderia garantir um processo mais ético e transparente dos investimentos e dos processos administrativos.

Empresa B

Tomando como referência os últimos 3 (três) anos de atividade, a Empresa B apresentou aumento no volume de vendas, na lucratividade e na participação de mercado. O bom desempenho econômico-financeiro é atribuído, pelo entrevistado, ao aumento de renda da Classe C, e do apoio governamental aos mesmos para que estas classes possam adquirir sua casa própria.

Esses resultados são avaliados periodicamente, de forma mensal, quando todos os setores são convocados a apresentar seus números e descrever as ações tomadas. Existe um controle mais intenso sobre pelo menos 24 materiais utilizados para o desenvolvimento de suas atividades, e sobre 45 tipos de serviços internos, isso porque estes apresentam algumas características peculiares, como preço, dificuldade de fornecimento e legislação ambiental específica, considerando todas as atividades e setores internos.

Para garantir transparência, e aperfeiçoar os resultados, possui contratos permanente com empresas de auditoria, que realizam a cada 4 (quatro) meses um levantamento em todos os seus setores, além das verificações que ocorrem internamente. É formada uma comissão de auditoria, que se compõe por funcionários independentemente das áreas a serem auditadas, e os resultados são encaminhados para os responsáveis tomarem as devidas ações corretivas.

Existe por parte da empresa uma preocupação constante com o meio ambiente, tendo ela desenvolvido programas internos que buscam prevenção e proteção contra acidentes. Entre eles, a constante avaliação e acompanhamento por parte de um engenheiro ambiental, o entrevistado, que estuda e desenvolve práticas sustentáveis. Além disso, as questões ambientais são continuamente avaliadas, desde a formulação do projeto até a administração dos condomínios, que também é realizada pela construtora, o que demanda investimentos para sua realização como mão de obra e materiais específicos.

A empresa possui o Selo de Qualidade ISO 9001, além do Prêmio Brasileiro de Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQPH). Possui um sistema de gestão da qualidade próprio, que segue as seguintes etapas (MANUAL DA QUALIDADE CIPRESA, 2013):

- Diagnóstico da situação da empresa, em relação aos requisitos pré-estabelecidos no início do desenvolvimento do Sistema de Gestão da Qualidade;

- Definição clara do (s) subsetor (es) e tipo(s) de obra abrangido (s) pelo Sistema de Gestão da Qualidade;
- Estabelecimento da lista de serviços de execução controlados (Procedimentos Operacionais) e lista de materiais controlados (Procedimento de Especificação de Materiais), respeitando-se as exigências específicas do (s) subsetor (es) onde atua, de acordo com as exigências da parte específica a cada setor de atuação conforme seus requisitos complementares;
 - Identificação e gerenciamento dos processos necessários para o Sistema de Gestão da Qualidade e sua aplicação por toda a empresa construtora;
 - Determinação da sequência e interação destes processos;
 - Estabelecimento de um planejamento para desenvolvimento e implementação do Sistema de Gestão da Qualidade, estabelecendo responsáveis e prazos para atendimento de cada requisito e obtenção dos diferentes níveis de qualificação;
 - Determinar critérios e métodos necessários para assegurar que a operação e o controle desses processos sejam eficazes;
 - Assegurar a disponibilidade de recursos e informações necessárias para apoiar a operação e monitoramento desses processos;
 - Monitorar, medir e analisar esses processos;
 - Implementar ações necessárias para atingir os resultados planejados e a melhoria contínua desses processos.

Aliás, é importante destacar que cada obra estabelece seu plano de qualidade, levando em consideração suas especificidades, baseados no plano geral da empresa.

É comum precisar limpar os terrenos em que vai se construir, o que as vezes pode implicar em desmatamento. Assim, o passivo ambiental da empresa está associado ao replantio de árvores, a reabilitação desse recurso natural, quando reserva espaços nas suas obras, investindo em paisagismo para compensar as agressões ambientais ocasionadas.

O nível de endividamento da empresa se manteve inalterado nos últimos 3 (três) anos, assim como o retorno sobre o capital investido. O mais recente investimento da empresa foi em tecnologias limpas, mais especificamente em um modelo de construção alemão, baseado em formas, que custaram R\$ 3.600.000 (três milhões e seiscentos mil) reais. Tal modelo propicia menos consumo de recursos e materiais, é menos agressivo ao meio ambiente. O retorno sobre esse capital deve ocorrer num período que equivale a 2 (dois) ou 3 (três) anos. Os investimentos da empresa normalmente são avaliados em termos técnicos econômicos, eventualmente considera aspectos ambientais e sociais, e quando os faz, estes se

resumem aos possíveis impactos sobre a vida da população local e as suas características naturais.

Aos funcionários dos cargos mais altos da empresa são oferecidos planos de saúde, sem cobertura familiar. A decisão de beneficiá-los foi pautada na preocupação de reter talentos, sendo necessários maiores investimentos para que a mão de obra especializada e qualificada se sinta comprometida ao trabalho. Porém, não investe em plano de pensões ou aposentadoria.

Empresa C

Segundo o entrevistado, a Empresa C analisa seus investimentos levando em consideração aspectos econômicos, sociais e ambientais. Por exemplo, nenhum empreendimento ocorre em áreas que não possuam, num raio de 5 (cinco) quilômetros, o devido tratamento de esgoto, ruas calçadas, e praça de lazer. Quando a localidade não atende a esses requisitos, a empresa procura a prefeitura municipal e, através de convênio, relata seu projeto, demonstrando os retornos financeiros e sociais à localidade. Em troca solicita esse apoio, que acaba beneficiando toda a população em torno da obra.

A empresa beneficia todos os seus funcionários diretos oferecendo plano de saúde, que inclui o cônjuge e filhos para os casados, e os pais para os solteiros. Esse indicador retrata a preocupação com os seus funcionários, ainda que o benefício exija um alto investimento, por acreditar que o retorno será bem maior.

O nível de endividamento da empresa aumentou nos últimos 3 (três) anos, resultado negativo que também é encontrado, nesse mesmo período, no retorno sobre o capital investido e na sua lucratividade, fatos que lhe garantiram um desempenho inferior nesses indicadores, o que foi justificado pelo entrevistado como resultado dos últimos investimentos, de retorno a longo prazo, que necessitaram de altos recursos financeiros e estratégias diversificadas de *marketing*.

Apesar desses resultados negativos, outros indicadores lhe garantiram resultados superiores, como o aumento da sua participação de mercado nos últimos anos, sendo inclusive premiada, ainda no ano de 2013, como a empresa que mais cresceu nos últimos 5 anos, por apresentar acréscimo de 517% em suas receitas. Além disso, ocorreu um aumento significativo nas vendas, em torno de 23%, no ano de 2012.

Apesar de a apuração dos resultados da organização ocorrer mensalmente nas sedes regionais, trimestralmente são avaliados a transparência e aspectos relacionados à

governança, o meio ambiente e às pessoas. Para que o processo tenha mais credibilidade, são realizadas auditorias internas pela equipe de gestão de risco e auditoria. Já a auditoria externa é por uma empresa contrata especificamente para esse fim, de contrato sigiloso, que envolve os setores comercial, de crédito, planejamento e controle, engenharia e desenvolvimento mobiliário e de recursos humanos.

O entrevistado informou que uma das maiores preocupações da empresa está relacionada à qualidade dos seus produtos, assim, investiu na obtenção de selos que confirmassem ao público essa característica. Possui a certificação de nível A do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade na Habitação (PBQ-H), além do ISO 9001. A empresa ainda não investe em tecnologias limpas, e nem em planos de pensões.

Consolidação de resultados dos indicadores da dimensão econômica

Apresentados os resultados individuais por indicadores, agora será calculado o desempenho individual de cada empresa na dimensão econômica.

O desempenho individual, por dimensão, é obtido através da nota individual, multiplicada pelo peso de cada indicador, somados os 14 (quatorze) resultados, obtêm-se a nota procurada. Assim, o desempenho geral das empresas, na dimensão econômica é apresentado na Tabela 7.

Tabela 7 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Econômicos

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I17) Investimentos éticos	7,5	5	7,5
(I18) Gastos em saúde e em segurança	2	4	6
(I19) Investimento em tecnologias limpas	2,25	4,5	2,25
(I20) Nível de endividamento	5,571	3,714	1,857
(I21) Lucratividade	6,429	6,429	4,286
(I22) Participação de mercado	6	6	6
(I23) Passivo ambiental	6	4	6
(I24) Gastos em Proteção ambiental	2,143	6,429	6,429
(I25) Auditoria	1,857	5,571	5,571
(I26) Avaliação de resultados da organização	6,858	6,858	6,858
(I27) Volume de vendas	6	6	6
(I28) Gastos com benefícios	2	2	2
(I29) Retorno sobre capital investido	6,429	4,286	2,143
(I30) Selos de qualidade	4	6	6

DESEMPENHO GERAL	65,037	70,787	68,894
-------------------------	---------------	---------------	---------------

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Observando a Tabela 7, pode-se afirmar que a empresa B obteve o melhor desempenho econômico, apresentando a pontuação mais alta entre as participantes (70,787), seguida pela empresa C (68,894), por fim a empresa A (65,037).

Para se chegar ao EPS da dimensão econômica de cada empresa, agora é necessário classificar a pontuação obtida nos intervalos de valores do Escore Parcial. A Tabela 8 apresenta o desempenho do EPS de cada empresa na dimensão ambiental.

Tabela 8 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Econômica (EPS_E)

	EMPRESAS		
	A	B	C
Pontuação total obtida	65,037	70,787	68,894
Escore Parcial de Sustentabilidade	1	1	1
Desempenho	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir de análise da Tabela 8, pode-se considerar que todas as empresas participantes da pesquisa obtiveram desempenho satisfatório no Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão econômica.

4.3.1.3 EPS da dimensão social

A dimensão social avalia as empresas participantes da pesquisa em relação aos 12 indicadores. Os valores atribuídos às empresas A, B e C nessa dimensão, estão apresentados na Tabela 9.

Tabela 9 - Escores de Desempenho em Indicadores Sociais das Empresas

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I31) Geração de trabalho e renda	3	3	1
(I32) Auxílio em educação e treinamento	2	2	3
(I33) Padrão de segurança de trabalho	2	2	3
(I34) Ética organizacional	2	3	3
(I35) Interação social	1	1	3

(I36) Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira	1	1	1
(I37) Políticas de distribuição de lucros e resultados entre funcionários	1	2	3
(I38) Conduta de padrão internacional	1	2	2
(I39) Capacitação e desenvolvimento de funcionários	2	3	3
(I40) Acidentes fatais	3	3	3
(I41) Contratos legais	3	3	3
(I42) Stress de trabalho	3	2	1

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Em apenas dois indicadores, os que tratam da ocorrência de acidentes fatais e dos contratos legais dos colaboradores, foi atribuída nota máxima a todas as empresas. Já no indicador empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira, houve unanimidade com nota mínima. Outros dois indicadores receberam notas diferentes nas três participantes, que se referem às políticas de distribuição de lucros e resultados entre os funcionários, e ao stress de trabalho. Quanto aos demais sete indicadores duas empresas apresentaram notas iguais.

Com relação aos indicadores sociais, as empresas apresentaram bom desempenho, demonstrando preocupações mais específicas em relação aquelas que podem obter melhores retornos, a exemplo dos contratos legais e dos acidentes fatais.

A Tabela 10 apresenta a distribuição dos resultados obtidos.

Tabela 10 - Distribuição dos Resultados de Desempenho em Indicadores Sociais

RESULTADOS	EMPRESAS		
	A	B	C
Escore 1	4	2	3
Escore 2	4	5	1
Escore 3	4	5	8

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir da leitura da Tabela 10, pode-se inferir que, em relação a dimensão social, a nota máxima foi atribuída a boa parte dos indicadores, demonstrando um desempenho superior.

Empresa A

Mais de 70% dos funcionários da empresa A fazem parte da comunidade local, o que permite fomentar a economia e a vida social local. A eles é oferecido auxílio financeiro para capacitação, no entanto, tal benefício depende do cargo ocupado, bem como da relação entre o curso pretendido e as funções desempenhadas. Aliás, a política de capacitação dos funcionários é tratada informalmente, não existem padrões adotados. Normalmente os funcionários sugerem os temas que desejam serem abordados, ou a empresa os desenvolve com base nas normas e obrigações legais ou em seus projetos.

A segurança no trabalho é garantida pelas normas legais, e a empresa se preocupa em adotá-las, mas não possui certificação. Mais especificamente, segue as condições de segurança estabelecidas pela NR-18, e assim, conseguiu assegurar que nunca fosse registrado um acidente de trabalho fatal. As doenças que mais afetam seus trabalhadores estão relacionadas ao estresse, que vem sendo combatido através de ginástica laboral, realizada uma vez por semana, e acompanhamento dos técnicos em segurança do trabalho.

Seus empregados possuem carteira de trabalho assinada, os contratos são estabelecidos legalmente, conforme as normas da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). A empresa estabelece orientações de conduta profissional ética que referem-se a temas ou áreas específicas, mas não investe na obtenção de certificações.

Obteve resultado negativo nos indicadores relacionados a sua interação com a sociedade, à política de distribuição de lucros e resultados entre os funcionários, à conduta de padrão internacional e à promoção da empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira.

Empresa B

Com o objetivo de valorizar e incentivar a economia regional, a Empresa B decidiu priorizar a contratação da mão de obra local. Esses funcionários seguem políticas formais para capacitação e desenvolvimento, que variam de acordo com setores e funções desempenhadas. Os cursos podem ser ministrados por profissionais internos ou externos, ou em escolas de profissionalização localizadas na cidade, abordando temas ambientais, de segurança e específico a cada área de atuação.

Caso o funcionário apresente interesse em participar de algum curso que não esteja previsto na política da empresa, ele pode solicitar ajuda de custo. Apenas é indicado que os temas abordados devem estar relacionados às suas funções, sendo esse benefício

concedido apenas aos profissionais que estejam no grau mínimo de gerência. O próprio entrevistado solicitou a empresa auxílio financeiro para pagar sua pós-graduação e recebeu 100% de benefício.

As políticas organizacionais encontram-se descritas no código de conduta e ética profissional, disponíveis a todos os colaboradores. Os contratos de trabalho estão em situação regular, visto que não há pessoas trabalhando sem carteira de trabalho assinada. Os funcionários que ocupam cargos de gerência e direção são beneficiados com participação nos lucros e resultados. Apesar disso, as normas não estão claramente definidas a todos, cabendo apenas aos interessados, que recebem a partir de 1% do valor do seu salário, pagos anualmente.

Com relação às questões de saúde e segurança, a empresa cumpre as normas estabelecidas pela NR-18, mas não possui nenhuma certificação. Nenhum registro de ocorrência de acidente fatal foi verificado. Uma das preocupações na área de saúde dos trabalhadores refere-se ao estresse no ambiente de trabalho, que é combatido com ações esporádicas de prevenção, envolvendo orientação médica, ginástica laboral e palestras.

A empresa não possui projetos ou ações que promovam sua interação com a sociedade. Outro indicador que se percebeu resultado inferior foi empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira, não existindo nenhuma ação que demonstre preocupação em relação ao futuro daqueles que estão prestes a se aposentar, tampouco aqueles que venham a ser demitidos, no sentido de recolocá-los no mercado de trabalho.

Empresa C

A empresa C investe na capacitação de seus funcionários, independente do cargo e/ou função exercida, através de auxílio financeiro, que pode cobrir de 25% a 100% dos custos, desde que o tema abordado esteja relacionado com as atividades desempenhadas. Existem dois programas internos que merecem destaque. Um primeiro voltado à alfabetização nos canteiros de obras, que inclui aulas de Matemática, Português e Cidadania; além desse, existe outro programa, tratado como academia que oferece programas de formação incluindo cursos voltados à formação de profissionais para trabalharem nos canteiros de obras e nos pontos de venda. Outra informação relevante é que todos os funcionários têm cursos de formação *online* disponíveis, além de possuírem um cronograma de cursos presenciais ministrados por profissionais internos ou contratados pela empresa.

Os padrões de saúde e segurança no trabalho são estabelecidos com base nas leis brasileiras, e pela certificação OHSAS 18001. Essa certificação é utilizada internacionalmente e preocupa-se em definir os requisitos essenciais para desenvolver uma política de saúde e segurança no ambiente de trabalho, bem como o seu acompanhamento.

Assim, são promovidos treinamentos (brigada de incêndio, primeiros socorros), campeonatos que estimulam o aprendizado dos funcionários, criação de equipes especializadas e não obrigatórias por lei (conselho de segurança do trabalho), manuais que orientam a todos com relação a tais normas, além das garantias de realização dos exames médicos periódicos, da Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPAT), sinalização de segurança adequada, garantia do fornecimento dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), formação da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA). Todas essas atitudes garantiram com que a empresa não tenha em seus registros a ocorrência de algum acidente fatal.

Para orientar os colaboradores acerca das políticas e dos valores, a empresa possui um código de ética que é disponibilizado a todos, inclusive para a sociedade interessada, disponível através do seu endereço eletrônico.

O programa de participação nos lucros envolve cerca de 80% dos seus funcionários, o que corresponde à porcentagem de seus funcionários efetivos. As regras para o recebimento e distribuição, estão disponibilizadas para todos os empregados. A porcentagem é paga anualmente e pode variar de 0,2% a 500% do valor salarial de cada um, sendo estabelecidos de acordo com o grau de responsabilidade do cargo ocupado.

São desenvolvidos projetos que procuram promover a integração da empresa com a sociedade, sendo eles:

- Reforma de praças localizadas próximas a seus empreendimentos que implicam na melhoria da qualidade de vida dos moradores do entorno e a valorização dos imóveis;
- Promoção de aulas de alfabetização e cursos especializados a seus funcionários, sendo também abertos à comunidade local, ministrados por profissionais contratados e pelos próprios funcionários que possuem especialidade em algum dos temas abordados; e
- Adoção de crianças que, abandonadas ou retiradas dos pais por viverem em situação de risco, passaram a fazer parte de uma instituição que lhes oferece moradia, estudo, lazer. Quando completam a maioridade, são absorvidos pela empresa como empregados.

A empregabilidade e o gerenciamento de fim de carreira dos seus profissionais ainda não é uma preocupação da empresa, como também não há preocupação em relação ao estresse no ambiente de trabalho. Desse modo, foi lhe atribuído desempenho inferior nesses indicadores. Porém, segundo o entrevistado, já existem propostas em andamento para mudar esse quadro.

Consolidação de resultados dos indicadores da dimensão social

Após apresentar os resultados individuais, por indicadores, de cada empresa, agora calcula-se o desempenho individual, de cada empresa, na dimensão social.

O desempenho individual, por dimensão, é obtido através da nota individual multiplicada pelo peso de cada indicador, somados os 12 (doze) resultados, obtêm-se a nota procurada. Assim, o desempenho geral das empresas, na dimensão social é apresentado na Tabela 11.

Tabela 11 - Desempenho Geral das Empresas em Indicadores Sociais

INDICADORES	EMPRESAS		
	A	B	C
(I31) Geração de trabalho e renda	7,287	7,287	2,429
(I32) Auxílio em educação e treinamento	4	4	6
(I33) Padrão de segurança de trabalho	4,5	4,5	6,75
(I34) Ética organizacional	4,75	7,125	7,125
(I35) Interação social	2,25	2,25	6,75
(I36) Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira	1,75	1,75	1,75
(I37) Políticas de distribuição de lucros e resultados entre funcionários	2,429	4,858	7,287
(I38) Conduta de padrão internacional	1,714	3,428	3,428
(I39) Capacitação e desenvolvimento de funcionários	4,858	7,287	7,287
(I40) Acidentes fatais	7,713	7,713	7,713
(I41) Contratos legais	6,858	6,858	6,858
(I42) Stress de trabalho	6,429	4,286	2,143
DESEMPENHO GERAL	54,538	61,342	65,520

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Analisando a Tabela 11 percebe-se que a empresa C apresentou o melhor desempenho social, com a pontuação mais alta (65,520). Em segundo lugar classifica-se a empresa B (61,342), seguida da empresa C (54,538).

Tabela 12 - Escore Parcial de Sustentabilidade da Dimensão Social (EPS_S)

	EMPRESAS		
	A	B	C
Pontuação total obtida	54,538	61,342	65,520
Escore Parcial de Sustentabilidade	0	1	1
Desempenho	Insatisfatório	Satisfatório	Satisfatório

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A Tabela 12 nos permite observar que duas das empresas pesquisadas apresentaram desempenho satisfatório na dimensão social, a empresa B e a C. Em contrapartida a empresa A, apresentou desempenho insatisfatório no EPS da referida dimensão.

4.3.2 Etapa II: Cálculo dos Escores Parciais de Sustentabilidade

Calculados o Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão ambiental (EPS_A), o Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão econômica (EPS_E), e o Escore Parcial de Sustentabilidade da dimensão social (EPS_S), agora é possível obter o Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE).

Conforme explicado anteriormente, na seção 2.4, o ESE representa o índice agregado de sustentabilidade de determinada empresa, obtido através da soma dos EPS das dimensões ambiental, econômica e social, apresentados na Tabela 13.

Tabela 13 - Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE) das Empresas Pesquisadas

EMPRESAS	RESULTADOS			
	Escore Ambiental (EPS _A)	Escore Econômico (EPS _E)	Escore Social (EPS _S)	Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE)
A	0	1	0	1
B	1	1	1	3
C	1	1	1	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A partir dos resultados obtidos, e utilizando as interpretações do ESE proposta pelo Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE), pode-se afirmar que nenhuma empresa obteve como resultado a sustentabilidade empresarial considerada insuficiente ou relativa.

É possível caracterizar a empresa A como possuidora de sustentabilidade empresarial fraca (ESE=1). Esse resultado indica que em apenas uma dimensão (nesse caso, a econômica) obteve desempenho satisfatório, indica que ela precisa ajustar seus esforços em busca da sustentabilidade empresarial, sendo necessário que as suas ações sejam direcionadas as três dimensões.

Em contrapartida, a sustentabilidade das empresas B e C podem ser caracterizadas como satisfatória. Nesse caso, nas três dimensões foi detectado um equilíbrio das ações, conciliando bom desempenho em relação ao desenvolvimento sustentável.

4.3.3 Etapa III: Posicionamentos no Grid de Sustentabilidade Empresarial

Ao fazer a integração dos resultados obtidos no Escore Parcial de Sustentabilidade (EPS), e do Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE), é possível categorizar a empresa em um dos 8 (oito) posicionamentos espaciais propostos pelo Grid de sustentabilidade Empresarial (GSE), que podem ser visualizados na Tabela 14.

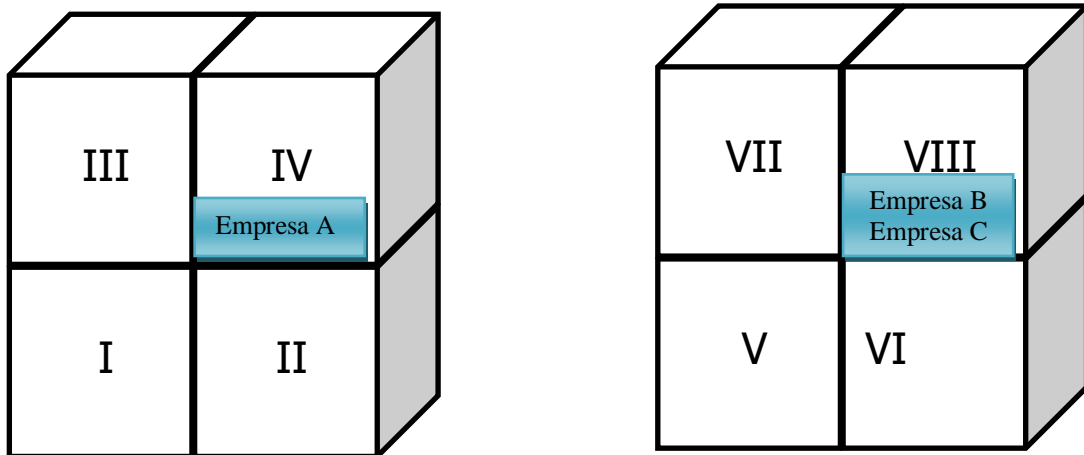
Tabela 14 - Interações entre os Escores Parciais de Sustentabilidade (EPS) e Escores de Sustentabilidade Empresarial (ESE)

EMPRESAS	RESULTADOS				Posicionamento no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)
	Escore Ambiental (EPS _A)	Escore Econômico (EPS _E)	Escore Social (EPS _S)	Escore de Sustentabilidade Empresarial (ESE)	
A	0	1	0	1	IV
B	1	1	1	3	VIII
C	1	1	1	3	VIII

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Assim, os resultados demonstrados na Tabela 14 revelam o posicionamento das empresas no Grid de sustentabilidade, classificando a empresa A na posição IV, a empresa B na posição VIII, e a empresa C também na posição VIII. Dessa forma, os posicionamentos das empresas estão apresentados na Figura 6.

Figura 6 - Posicionamento Espacial das empresas no Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE)



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

O modelo de Callado (2010) estabelece características específicas às empresas de acordo com seu posicionamento. Então, a empresa A, localizada no posicionamento IV, pode ser descrita como uma instituição com bom desempenho econômico, mas que não possui boa interação social e não está comprometida com os aspectos ambientais. As empresas B e C, localizadas no posicionamento VIII, caracterizam-se pelo bom desempenho econômico, boa interação social e comprometimento ambiental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta seção apresenta as conclusões da pesquisa, com base nos objetivos propostos. O objetivo geral desta dissertação foi analisar o desempenho da sustentabilidade de empresas que integram o setor da construção civil de Campina Grande. Para alcançá-lo utilizou-se o modelo Grid de Sustentabilidade Empresarial (GSE).

O setor da construção civil foi escolhido por ser significativamente representativo para a sustentabilidade global, uma vez que é responsável pelo alto consumo de recursos naturais, produção de resíduos e interferências no desenho das cidades, fatores que podem facilitar ou não a preservação, ou garantir o mínimo impacto ambiental. Os aspectos econômicos do setor nos revelam uma importância direta na economia global, devido ao seu número considerável no PIB brasileiro. Nos aspectos sociais, trata-se de um campo que garante emprego a milhares de pessoas, cujos trabalhos, normalmente exigem condições especiais de segurança, além de ser uma atividade capaz de interferir diretamente na vida da comunidade local.

Já a escolha de Campina Grande esteve associada à importância econômica da cidade em relação à economia do Estado da Paraíba, assim como à relevância que o setor da construção civil vem adquirindo localmente, com um número crescente de empresas investidoras, ampliando suas atividades, o que intensifica a geração de emprego e renda e os incentivos governamentais.

Desse modo, inicialmente, foram caracterizadas as empresas participantes da pesquisa e dos entrevistados. As descrições feitas se referiram ao ano de fundação, os mercados em que atua, o perfil da administração, o número de funcionários, seu porte e o público alvo. Em relação ao perfil dos entrevistados relatou-se os cargos que ocupam, a formação profissional e o tempo de atuação nas empresas. As referidas características auxiliam no entendimento e compreensão das ações organizacionais, bem como oferecem credenciais positivas ao entrevistado.

Em relação à aplicação do GSE, na dimensão ambiental, as empresas B e C obtiveram um desempenho geral considerável satisfatório, obtendo a pontuação 81,608 e a 77,393 respectivamente, enquanto que o desempenho geral da empresa A foi considerado insatisfatório, com pontuação 64,928.

Nos indicadores relacionados à dimensão ambiental, a Empresa A obteve, em sua maioria, desempenho considerado intermediário, a exemplo do indicador que trata do treinamento e educação dos funcionários em aspectos associados ao meio ambiente, o de maior peso desta dimensão (2,750), uma vez que estas ações são realizadas por profissionais externos. Além disso, foi à única entre as empresas pesquisadas, que não conseguiu reduzir os níveis de consumo de água nos últimos três anos, assim como não se preocupa em tomar providências para diminuir os impactos de suas atividades nas águas de superfície, apesar de reconhecer que ocasiona danos. Teve seu desempenho considerado superior nos indicadores relacionados a acidentes ambientais e à redução de resíduos, empatando com as outras duas empresas. Cabe ainda destacar que foi a única empresa pesquisada que possui um plano específico para gerenciamento dos resíduos.

As Empresas B e C apesar de terem seu desempenho geral considerado satisfatório, em alguns indicadores obtiveram desempenho inferior, como o relacionado ao nível de consumo de combustíveis fósseis, que aumentou em comparação dos últimos três anos, diferente do apresentado pela Empresa A que conseguiu mantê-lo inalterado. As Empresas A e B não possuem a certificação ISO 14001, porém a primeira já está em processo de implementação, enquanto a segunda ainda não pretende implementá-lo. Além disso, a Empresa C aumentou seu consumo de energia nos últimos três anos, e utiliza apenas fontes de energia não renováveis.

Nenhuma das empresas pesquisadas demonstrou preocupação com a relação entre o ciclo de vida de seus produtos e o meio ambiente, fato que, a longo prazo, pode apresentar preocupações em seus consumidores e na comunidade local, gerando danos e provocando investimentos de reparos, implicando em custos ambientais, econômicos e sociais.

Em relação à dimensão econômica todas as empresas apresentaram desempenho geral considerado satisfatório, tendo a Empresa A obtido pontuação 65,347, a Empresa B, 70,787, e a Empresa C, 68,894.

Apesar do desempenho satisfatório, alguns indicadores merecem uma atenção especial, como o que trata dos gastos com pensões e demais benefícios, quando nenhuma das empresas participantes os oferece a seus funcionários. Outro indicador relevante é o não investimento das empresas no desenvolvimento de tecnologias limpas, exceto no caso de uma delas, que o faz esporadicamente. Estes dois indicadores associam investimentos financeiros a resultados sociais e ambientais, quando trata-se de pensões e benefícios oferecidos aos funcionários refere-se ao cuidado com o seu futuro, enquanto que as tecnologias limpas implicam diretamente na promoção do bem estar do meio ambiente.

Na dimensão social, a Empresa A teve seu desempenho geral considerado insatisfatório, com 54,538 de pontuação, enquanto que as Empresas B e C tiveram desempenho geral satisfatório, com a pontuação de 61,342 e 65,520, respectivamente.

O desempenho geral insatisfatório da Empresa A na dimensão social explica-se pelos indicadores em que lhe foi atribuído desempenho insatisfatório, que se relacionam a falta de ações e iniciativas que promovam sua integração junto à sociedade, a não distribuição de seus lucros e resultados com os funcionários, e o não conhecimento de práticas internacionais de condutas sociais. Além disso, os benefícios disponíveis aos funcionários são concedidos apenas mediante solicitação e análise, de acordo com o cargo ocupado, processo este que demonstra preocupação restrita aos possíveis retornos organizacionais.

O indicador relativo a promoção, empregabilidade e do gerenciamento no fim de carreira dos seus funcionários, que apresentou desempenho insatisfatório por todas as empresas, demonstra a falta de perspectivas futuras em relação à vida dos funcionários, o que é agravado pela inexistência de ações assim que estejam relacionadas à empregabilidade, em caso de demissão e necessidade de recolocação no mercado de trabalho, impactando negativamente na vida daqueles que a elas dedicam sua força de trabalho.

Outro indicador que merece destaque é o que trata dos contratos legais de trabalho. A Empresa C afirmou que todos os seus funcionários possuem um contrato de trabalho regendo a relação com seus empregadores, embora ela já tenha sido alvo de fiscalizações do Ministério do Trabalho e Emprego motivadas por denúncias, que flagraram seus trabalhadores vivendo em situações consideradas como escravidão, sem contrato de trabalho, em condições sub-humanas. Na ocasião a empresa foi multada, e obrigada a regularizar a situação dos mesmos. Isso serviu de alerta para que fossem revistas as políticas da empresa e reavaliadas as ações em relação aos funcionários que trabalham nos canteiros de obras, segundo afirma o entrevistado.

Como resultado do GSE pode-se colocar a Empresa A no posicionamento IV, e as Empresas B e C no posicionamento VIII. Assim, das que participaram dessa pesquisa, a Empresa A foi a que apresentou resultados negativos, podendo ser descrita como uma instituição que possui bom desempenho econômico, mas precisa estabelecer uma visão ambiental e social mais desenvolvida, de acordo com as atuais necessidades dos seus *stakeholders* impactados por essas duas últimas dimensões, pois nelas o seu atual *status* é negativo.

Já as Empresas B e C demonstraram bom desempenho em relação às três dimensões propostas pelo modelo adotado. No entanto, tais resultados não indicam que o

desempenho é o mais adequado em relação à sustentabilidade, uma vez que alguns indicadores apresentam desempenho insatisfatório, podendo ser prejudicial a longo prazo.

Assim, esta pesquisa procurou responder a pergunta inicialmente proposta, identificando o desempenho da sustentabilidade de empresas que integram o setor da construção civil de Campina Grande- PB, de modo a contribuir com as empresas da área, tomando conhecimento das ações que estão sendo realizadas, incentivando e guiando-as a adotarem uma nova postura. Para as empresas pesquisadas proporciona uma avaliação das suas ações, podendo ser utilizado como um meio de comunicação junto a seus *stakeholders*, demonstrando seus resultados, programas e ações, bem como os convocando a contribuírem na mudança dos resultados que foram insatisfatórios, além disso, poderá auxiliá-las a traçar metas e estratégias que possam reverter o quadro. Ao mundo acadêmico, a pesquisa contribui com um estudo sobre sustentabilidade na construção civil mais abrangente, já que o comumente encontrado na área são aqueles baseados essencialmente em questões ambientais, sendo as questões sociais e econômicas meros acréscimos.

Algumas limitações devem ser consideradas em relação a esta pesquisa. Primeiro, os dados coletados na entrevista estão sensíveis aos vieses dos entrevistados e da pesquisadora. Dificuldades foram verificadas quando se trata da dimensão econômica do GSE, em relação ao entrevistado, uma vez que os indicadores que a formavam revelam temas que, normalmente, são tratados de forma sigilosa pelas empresas, como o nível de endividamento e a lucratividade. De modo que esta pesquisadora precisou dar credibilidade total às falas dos entrevistados, já que não foram fornecidos documentos que comprovem o que foi informado. Além disso, por serem funcionários, eles podem estar influenciados sobre a percepção que possuem da empresa, bem como manipular as suas respostas para favorecer os resultados. A pesquisadora pode interferir nessas interpretações, devido a sua visão de mundo, histórico de vida, e expectativa quanto aos dados.

Com relação ao Modelo utilizado, o GSE traz um indicador que não se aplica ao setor estudado, o que trata de segurança do produto, tendo sido retirado, e feitos os devidos ajustes para que isso não prejudicasse o resultado final. Ainda assim, algumas escolhas merecem ser revistas, como é o caso das utilizadas nos indicadores que tratam do consumo de água, e do consumo de energia, pois o modelo não considera o fato desses volumes terem aumentado em razão do crescimento da empresa e/ou volume de vendas, o que resultaria na impossibilidade de redução.

Apesar das limitações, a pesquisa conseguiu atingir seus objetivos geral e específicos. No entanto, podem-se estabelecer algumas recomendações para estudos futuros, sugere-se:

- Desenvolver um estudo que englobe todas as empresas do setor da construção civil campinense;
- Aplicar o GSE em diferentes momentos, sendo possível, assim, verificar a evolução das empresas em relação a sustentabilidade;
- Avaliar a percepção de outros *stakeholders* acerca da sustentabilidade empresarial das empresas estudadas.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMAT. **Perfil da cadeia produtiva da construção e da indústria de materiais e equipamentos**. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 2012.

AZAPAGIC, A.; PERDAN, S. Indicators of sustainable development for industry: a general framework. **Process Safety and Environmental Protection**, Granherne, v.7, n.4, p. 243-261, 2000.

AZAPAGIC, A. Systems approach to corporate sustainability: a general management framework. **Trans ICheme**, v. 81, p. 303-316, set., 2003.

AZEVEDO, A. L. V. Indicadores de sustentabilidade empresarial no Brasil: uma avaliação do Relatório do CEBDS. **Revista Iberoamericana de Economia Ecológica**, v. 5, p. 75-93, 2006.

BANERJEE, S. B. Who sustains whose development? Sustainable development and the reinvention of nature. **Organization Studies**, v. 24, n. 1, p.143–180, 2003.

BANERJEE, S. B.; BONNEFOUS, A. Stakeholder management and sustainability strategies in the French Nuclear Industry. **Business Strategy and the Environment**, v. 20, p. 124-140, 2011.

BANSAL, P. The Corporate Challenges of Sustainable Development. **Academy of Management Executive**, v. 16, n. 2, p. 122-131, 2002.

BANSAL, P. Evolving sustainably: a longitudinal study of corporate sustainable development. **Strategic Management Journal**, v. 26, p. 197-218, 2005.

BELLEN, H. M. V. Indicadores de sustentabilidade: um levantamento dos principais sistemas de avaliação. **Cadernos EBAPE**, v. 2, n. 1, 2004.

BELLEN, H. M. V. **Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BOSSSEL, H. **Indicators for sustainable development: theory, method, applications - a report to the Balaton Group**. Technical Report, Internacional Institute for Sustainable Development, Canada, 1999

BRRØN, P. S., VIDAVER-COHEN, D. Corporate Motives for Social Initiative: Legitimacy, Sustainability, or the Bottom Line?. **Journal of Business Ethics**, v. 87, p. 91–109, 2009.

BROWN, LESTER R. **Eco-Economia: construindo uma economia para a terra**. Salvador: UMA. 2003. EPI - Earth Policy Institute / UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica.

BURGER, P.; CRHISTEN, M. Towards a capability approach of sustainability. **Journal of Cleaner Production**, v. 19, p. 787-795, 2011.

BURY, J. B. **The idea of progress: an inquiry into its origin and growth**. Nova York: Lightning Source, 2008.

CALEGARE, M. G. A.; SILVA JUNIOR, N. Progresso, desenvolvimento sustentável e abordagens diversas de desenvolvimento: uma sucinta revisão de literatura. Editora UFPR, **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 24, p. 39-56, jul./dez., 2011.

CALLADO, A. L. C. **Modelo de mensuração de Sustentabilidade Empresarial: Uma aplicação em Vinícolas localizadas na Serra Gaúcha**. Tese de Doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2010.

CARVALHO, P. G. M.; BARCELLOS, F. C. Mensurando a sustentabilidade. In: MAY, P. H. **Economia do meio ambiente: teoria e prática**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, p. 99-132, 2010.

CARVALHO, D. F. Desenvolvimento sustentável e seus limites teórico-metodológicos. In: FERNANDES, M.; GUERRA, L. (Orgs.). **Contradiscorso do desenvolvimento sustentável**. 2ed. Belém: UNAMAZ, 2003, p. 197-234.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1987.

CHAVES, M. P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B. Desenvolvimento sustentável: limites e perspectivas no debate contemporâneo. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 8, n. 13, set., p. 99-106, 2006.

CHRISTEN, M.; SCHMIDT, S. A formal framework for conceptions of sustainability – a theoretical contribution to the discourse in Sustainable Development. **Sustainable Development**, v. 20, p. 400-410, 2012.

CIRELLI, G. A.; KASSAI, J. R. **Análise da percepção sobre sustentabilidade por parte de stakeholders de uma instituição financeira: um estudo de caso**. In: Congresso USP Controladoria e Contabilidade, 2010, São Paulo. 10º Congresso USP Controladoria e Contabilidade. São Paulo: FEA/USP, 2010.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The Sage handbook of qualitative research**. 3ª Ed. California: Sage Publications, 2005.

DIAS, Reinaldo. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, E. C.; CASTELO, A. M.; BANDEIRA, S. C. **A cadeia produtiva da construção e o mercado de capitais**. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 2007.

DING, G. K. C. Sustainable construction: the role of environmental assessment tools. **Journal of Environmental Management**, v. 86, p. 451–464, 2008

DYLLICK, T. HOCKERTS, K. Beyond the business case for corporate sustainability. **Business Strategy and the Environment**, v. 11, p. 130-141, 2002.

EISENHARDT, K. M. Building theories from case study research. **Academy of Management Review**, v.14. n. 4, out., p. 532-550, 1989.

ELKINGTON, J. **Sustentabilidade, canibais com garfo e faca**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2012.

ETHOS. **Indicadores Ethos para negócios sustentáveis e responsáveis**. São Paulo: Instituto Ethos de Empresa e Responsabilidade Social, 2013.

EWEJE, G. A shift in corporate practice? Facilitating sustainability strategy in companies. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 18, p. 125-136, 2011.

FEICON NORDESTE. **Salão internacional da construção**. Disponível em: <<http://www.feiconne.com.br/>>. Acessado em: 14 de dezembro de 2013.

FEITOSA-LEITE, Ana Maria; Viana, Manuel Osório de Lima. Pegada ecológica: instrumento de análise do metabolismo do sócio-ecossistema urbano. In: **Economia Socioambiental**. VEIGA, José Eli da (Org.). São Paulo, SP: Editora SENAC, p. 293-315, 2009.

FERNANDEZ, B. P. M. Ecodesenvolvimento, desenvolvimento sustentável e economia ecológica: em que sentido representam alternativas ao paradigma de desenvolvimento tradicional?. Editora UFPR, **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 23, p. 109-120, jan./jun. 2011.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DA PARAÍBA (FIEP). **Cadastro Industrial Paraibano**, 2013. Disponível em: <<http://www.fiepb.com.br/industria/>>. Acessado em: 18 de outubro de 2013.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª Ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FLOREZ, L.; CASTRO, D.; IRIZARRY, J. Measuring sustainability perceptions of construction materials. **Construction Innovation**, v. 13, n. 2, p. 217-234, 2013.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV). **Índice de Sustentabilidade Empresarial, 2005**. Disponível em: <<https://www.isebvmf.com.br/index.php?r=site/conteudo&id=1>>. Acessado em: 19 de maio de 2013.

GARVARE, R.; JONHANSSON, P. Management for sustainability: a stakeholder theory. **Total Quality Management**, v. 21, n. 7, p. 737-744, 2010.

GIBSON, K. Stakeholders and sustainability: an evolving theory. **Journal Business Ethics**, v. 109, p. 15-25, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). **Relatórios de Sustentabilidade da GRI: Quanto vale essa jornada?**, 2007. Disponível em: <

<https://www.globalreporting.org/resourcelibrary/Portuguese-Starting-Points-2-G3.1.pdf>.
Acessado em: 18 de abril de 2013.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In: SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2ª Ed. São Paulo: Saraiva, p. 115-143, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte da pesquisa: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2009.

GRAY, R.; BEBBINGTON, J. Corporate sustainability: accountability or impossible dream? In: ATKINSON, G.; DIETZ, S.; NEUMAYER, E. (Orgs.). **Handbook of sustainable development**. Massachutes: EE Publishing, 2006, p. 376-391.

GUIMARÃES, R. O.; FEICHAS, S. A. Q. Desafios na construção de indicadores de sustentabilidade. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 307-323, jul.-dez, 2009.

HEDIGER, W. Welfare and capital-theoretic foundations of corporate social responsibility and corporate sustainability. **The Journal of Socio-Economics**, v. 39, p. 518-526, 2010.

HINZE, J.; GODFREY, R.; SULIVAN, J. Integration of construction worker safety and health in assessment of sustainable construction. **Journal of Construction Engineering and Management**, jun, 2013.

HOOPWOOD, B.; MELLOR, M.; O'BRIEN, G. Sustainable development: mapping different approaches. **Sustainable Development**, v. 13, p. 38-52, 2005.

IBGE. Pesquisa anual da indústria da construção, 2009. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/paic/2009/default.shtm> > .
Acessado em: 12 de novembro de 2013.

IBGE. Sala de imprensa, 2013. Disponível em: < <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/> > .
Acessado em: 12 de novembro de 2013.

JOHN, V. M.; AGOPYAN, V. *Reciclagem de resíduos da construção*. In: **Seminário Reciclagem de Resíduos Domiciliares**, São Paulo, 2003. Disponível em: www.reciclagem.pcc.usp.br . Acesso em: 21 de dezembro de 2013.

KLOSTERMANN, J. E. M.; CRAMER, J. Social construction of sustainability in water companies in the Dutch coastal zone. **Journal of Cleaner Production**, v. 15, p. 1573-1584, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7ª Ed. São Paulo, Atlas, 2010.

LAURIANO, L. A. **Como anda a gestão da sustentabilidade no setor da construção?**. Nova Lima: Fundação Dom Cabral, 2013.

LAURIANO, L. A.; TELLO, R. **Contextualização do setor da construção e a sustentabilidade**. Belo Horizonte: Fundação Dom Cabral, 2011.

LORENZETTI, M. S. B. **A Rio mais 10 e os governos locais**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2002.

MALHEIROS^a, T. F.; COUTINHO, S. M. V.; PHILLIP JR., A. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. In: **Indicadores de Sustentabilidade e Gestão Ambiental**. PHILLIPI JR, A.; MALHEIROS, T. F. Barueri, SP: Manole, p. 31-76, 2012.

MALHEIROS^b, T. F.; COUTINHO, S. M. V.; PHILLIP JR., A. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. In: **Indicadores de Sustentabilidade e Gestão Ambiental**. PHILLIPI JR, A.; MALHEIROS, T. F. Barueri, SP: Manole, p. 77-87, 2012.

MALHEIROS^c, T. F.; COUTINHO, S. M. V.; PHILLIP JR., A. Indicadores de sustentabilidade: uma abordagem conceitual. In: **Indicadores de Sustentabilidade e Gestão Ambiental**. PHILLIPI JR, A.; MALHEIROS, T. F. Barueri, SP: Manole, p. 1-29, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7^a ed, São Paulo: Atlas, 2010.

MARREWIJK, M. V. Concepts and definitions of CSR and Corporate Sustainability: between agency and communion. **Journal of Business Ethic**, v. 44, p. 95-105, 2003.

MAYERS, M. D.; NEWMAN, M. The qualitative interview in IS research: examining the craft. **Information and Organization**, v. 17, p. 2-26, 2007.

MEADOWS, D.; RANDERS, S. J.; BEHRENS, W. **The limits to growth: a report for the Club of Rome's project on the predicament of mankind**. London: Earth Island, 1972.

MEBRATU, D. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environmental Impact Assessment Review**, Gattikon, v.18, n.6, p.493-520, 1998.

MELLO, L. F.; OJIMA, R. **Além das certezas e incertezas: desafios teóricos para o mito da explosão populacional e os acordos internacionais**. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais - ABEP, Caxambu- MG, 2004.

MERRIAN, S. B. **Qualitative research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: Jossey-bass, 2009.

MINISTERIO DAS CIDADES. **Plano nacional de habitação**. Brasília: Ministério das Cidades/ Secretaria Nacional de Habitação, 2009

MINISTERIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Saúde e segurança no trabalho**. Disponível em: < http://portal.mte.gov.br/seg_sau/seguranca-e-saude-no-trabalho.htm>. Acessado em: 11 de dezembro de 2013.

MUNCK, L.; GALLELI, B.; SOUZA, R. B. Competências para a sustentabilidade organizacional: a proposição de um framework representativo do acontecimento da ecoeficiência. **Produção**, v. 23, n. 3, p. 652-669, jul./set., 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Além da Rio +20: avançando rumo a um futuro sustentável**, 2012. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/rio20/alem-da-rio20-avancando-rumo-a-um-futuro-sustentavel/>>. Acessado em: 20 de março de 2013.

ORTIZ, O.; CASTELLS, F.; SONNEMANN, G. Sustainability in the construction industry: a review of recent developments based on LCA. **Construction and Building Materials**, v. 23, p. 283, , 2009.

PERROW, C. B. Una sociedad de organizaiones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, v. 59, p. 19-55, 1992.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MYERS, R.; PIRES, A. P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Dados do setor da construção civil**, 2011. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/noticias/>>. Acessado em: 19 de dezembro de 2013.

PRODANOV, C. G.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

QUENTAL, N.; LOURENÇO, J. M.; SILVA, F. N. Sustainable Development policy: goals, targets and political cycles. **Sustainable Development**, v. 19, p. 15-29, 2011.

RABELO, L. S.; LIMA, P. V. P. S. Indicadores de sustentabilidade: a possibilidade da mensuração do desenvolvimento sustentável. **Revista Eletrônica do Prodemá**, v. 1, n.1, p. 55-76, 2007.

RUSSEL, D. The United Kingdom's Sustainable Development strategies: leading the way or flattering to deceive?. **European Environment**, v. 14, p. 189-200, 2007.

SACHS, I. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, v. 9, n. 25, p. 29-63, 1995.

SACHS, I. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3ª Ed. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 2006.

SHEN,L. TAM, V. W. Y.; TAM, L.; JI, Y. Project feasibility study: the key to successful implementation of sustainable and socially responsible construction management practice. **Journal of Cleaner Production**, v. 18, p. 254-259, 2010.

SHRIVASTAVA, P.; HART, S. Creating sustainable corporations. **Business Strategy and the Environment**, v. 4, p. 154-165, 1995.

SILVA, L. S. A.; QUELHAS, O. L. G. Sustentabilidade empresarial e o impacto no custo de capital próprio das empresas de capital aberto. **Gestão & Produção**, v. 13, n. 3, p. 385-395, set/dez, 2006.

SILVA, R. G.; FERREIRA, R. G. S.; MARTINS, M. F.; OLIVEIRA, V. M. **O ecodesign como ferramenta de gestão ambiental aplicada ao setor da construção civil: o caso do condômino horizontal Campina Grande Home Resort em Campina Grande – PB.** In: IX Encontro Nacional da ECOECO. Brasília – DF, 2011.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam.** Porto Alegre: Penso, 2011.

STEURER, R.; LANGER, M. E.; KONRAD, A.; MARTINUZZI, A. Corporations, stakeholders and sustainable development I: a theoretical exploration of business society relations. **Journal of Business Ethics**, v.61, n.3, p.263-281, 2005.

SZÉKELY, F.; KNIRSCH, M. Responsible leadership and corporate social responsibility: metrics for sustainable performance. **European Management Journal**, Oxford, v.23, n.6, p. 628-647, 2005.

TACHIZAWA, T.; POZO, H. Gestão socioambiental e desenvolvimento sustentável: um indicador para avaliar a sustentabilidade empresarial. **Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 1, n. 1, dez., p. 35-54, 2007.

TAYRA, F.; RIBEIRO, H. Modelos de indicadores de sustentabilidade: síntese e avaliação crítica das principais experiências. **Saúde e Sociedade**, v. 15, n. 1, jan./abr., p. 84-95, 2006.

TELLO, R.; RIBEIRO, F. B. **Guia CBIC de boas práticas em sustentabilidade na indústria da construção civil.** Nova Lima: Fundação Dom Cabral, 2012.

TSAI, C. Y.; CHANG, A. S. Framework for developing construction sustainability items: the example of highway design. **Journal of Cleaner Production**, v. 20, p. 127-136, 2012.

VALDES-VASQUEZ, R.; KLOTZ, L. E. Social Sustainability Considerations during Planning and Design: Framework of Processes for Construction Projects. **Journal of Construction Engineering Management**, jan., p. 80-89, 2013.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2010.

WILSON, M. Corporate Sustainability: What it is and where does it come from?. **Ivey Business Journal**. Mar./Abr., 2003.

YATES, J. K. Sustainable methods for waste minimization in construction. **Construction Innovation**, v. 13, n. 3, p. 281-301, 2013.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª Ed. Porto Alegre, 2001.

ZAMCOPÉ, F. C.; ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R. Construção de um modelo para avaliação da sustentabilidade corporativa: um estudo de caso na indústria têxtil. **Revista Gestão e Produção**, São Carlos, v. 19, n. 2, p. 303-321, 2012.

ZUO, J.; ZILANTE, G.; WILSON, L.; DAVIDSON, K. PULLEN, S. Sustainability policy of construction contractors: A review. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v. 16, p. 3910-3916, 2012.

Anexo A - CARACTERÍSTICAS DOS INDICADORES, CALLADO (2010)

DIMENSÃO AMBIENTAL

Nome do indicador: Sistemas de Gestão Ambiental (SGA)

Parâmetro: Analisar a complexidade de práticas de gestão ambiental.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui SGA nem práticas de gestão ambiental implementadas.

Desempenho intermediário: A empresa possui práticas de gestão ambiental ou está implementando um SGA.

Desempenho superior: A empresa possui um SGA implementado.

Nome do indicador: Quantidade de água utilizada

Parâmetro: Analisar a utilização de água em suas atividades.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve aumento de quantidade de água utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: A quantidade total de água utilizada pela empresa se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve uma redução da quantidade de água utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Processos decorrentes de infrações ambientais

Parâmetro: Analisar a presença de processos instaurados por não-conformidades ambientais.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa possui mais de um processo instaurado por organizações ambientais.

Desempenho intermediário: A empresa possui um processo instaurado por organizações ambientais.

Desempenho superior: A empresa não possui processo instaurado por organizações ambientais.

Nome do indicador: Treinamento, educação e capacitação em aspectos ambientais

Parâmetro: Analisar as políticas de treinamento, capacitação e educação de funcionários.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui programas de treinamento, educação ou de capacitação de funcionários sobre aspectos associados ao meio ambiente.

Desempenho intermediário: A empresa possui programas de treinamento, educação e de capacitação sobre aspectos associados ao meio ambiente desenvolvidos por empresas terceirizadas ou contratadas.

Desempenho superior: A empresa possui programas de treinamento, educação e de capacitação sobre aspectos associados ao meio ambiente desenvolvidos pela própria empresa.

Nome do indicador: Economia de energia

Parâmetro: Analisar o consumo de energia.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve aumento do consumo de energia utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: A quantidade total de energia utilizada pela empresa se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve uma redução do consumo de energia utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Desenvolvimento de tecnologias equilibradas

Parâmetro: Analisar as práticas relativas às estratégias voltadas ao desenvolvimento de tecnologias em equilíbrio com o meio ambiente.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui ações de desenvolvimento de tecnologias voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades.

Desempenho intermediário: A empresa adquire tecnologias desenvolvidas por outras empresas voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades.

Desempenho superior: A empresa desenvolve projetos próprios de tecnologias voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades e/ou a empresa não desenvolve atividades que causam impactos ambientais. A empresa não desenvolve atividades que causam impactos ambientais.

Nome do indicador: Ciclo de vida de produtos e serviços

Parâmetro: Analisar ciclo de vida de produtos comercializados pela empresa em relação ao meio ambiente.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente.

Desempenho intermediário: A empresa desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente, mas não são convertidas em ações e políticas empresariais.

Desempenho superior: A empresa desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente, e são convertidas em ações e políticas empresariais.

Nome do indicador: Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano

Parâmetro: Analisar o consumo de combustíveis fósseis em relação ao nível histórico esperado.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve um aumento do consumo de combustíveis fósseis utilizados em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: O consumo de combustível fóssil se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve uma redução do consumo de combustíveis fósseis utilizados em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Reciclagem e reutilização de água

Parâmetro: Analisar a reciclagem e reutilização de água.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não recicla nem reutiliza água em suas atividades.

Desempenho intermediário: A empresa possui ações esporádicas de reciclagem e reutilização de água.

Desempenho superior: A empresa possui políticas contínuas de reciclagem e reutilização de água. A empresa não utiliza água em suas atividades operacionais.

Nome do indicador: Acidentes ambientais

Parâmetro: Analisar os acidentes ambientais registrados no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Registro de mais de um acidente ambiental no último ano.

Desempenho intermediário: Registro de um acidente ambiental no último ano.

Desempenho superior: Não houve registro de acidentes ambientais no último ano.

Nome do indicador: Fontes de recursos utilizados

Parâmetro: Analisar a natureza das principais fontes de energia primária (renováveis e não-renováveis).

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa apresenta uma matriz energética composta exclusivamente por fontes de energia não-renováveis.

Desempenho intermediário: A empresa apresenta uma matriz energética composta por fontes de energia renováveis e não-renováveis.

Desempenho superior: A empresa apresenta uma matriz energética composta predominantemente por fontes de energia renováveis.

Nome do indicador: Redução de resíduos

Parâmetro: Analisar as práticas associadas à redução de emissão de resíduos sólidos, líquidos e gasosos gerados por suas atividades.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa atualmente não possui ações voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos).

Desempenho intermediário: A empresa possui ações esporádicas voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos).

Desempenho superior: A empresa possui políticas voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos). A empresa não emite resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) em suas atividades operacionais.

Nome do indicador: Produção de resíduos tóxicos

Parâmetro: Analisar as práticas de monitoramento e controle da geração de resíduos tóxicos.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa gera resíduos tóxicos, mas não possui práticas de monitoramento e controle.

Desempenho intermediário: A empresa gera resíduos tóxicos, mas possui práticas de monitoramento e controle.

Desempenho superior: A empresa não gera resíduos tóxicos.

Nome do indicador: ISO 14001

Parâmetro: Analisar a situação da empresa em relação à utilização das normas ISO 14001.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui a certificação ISO 14001, nem está em processo de implementação.

Desempenho intermediário: A empresa não possui a certificação ISO 14001, mas está em processo de certificação.

Desempenho superior: A empresa já possui a certificação ISO 14001.

Nome do indicador: Qualidade do solo

Parâmetro: Analisar a geração de danos causados ao solo, bem como as ações adotadas para a redução de seus impactos.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos ao solo, mas não são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.

Desempenho intermediário: As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos ao solo, mas são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.

Desempenho superior: As atividades desenvolvidas pela empresa não geram danos ao solo.

Nome do indicador: Qualidade de águas de superfície

Parâmetro: Analisar a geração de danos às águas de superfície, bem como as ações adotadas para a redução de seus impactos.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos às águas de superfície, mas não são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.

Desempenho intermediário: As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos às águas de superfície, mas são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.

Desempenho superior: As atividades desenvolvidas pela empresa não geram danos às águas de superfície.

DIMENSÃO ECONÔMICA

Nome do indicador: Investimentos éticos

Parâmetro: Analisar a natureza de critérios adotados para a análise de investimentos.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A análise de investimento utiliza critérios exclusivamente técnicos e econômicos.

Desempenho intermediário: A análise de investimento utiliza critérios técnicos e econômicos, mas eventualmente considera aspectos sociais e ambientais.

Desempenho superior: A análise de investimento sempre utiliza critérios técnicos e econômicos associados a aspectos sociais e ambientais.

Nome do indicador: Gastos em saúde e em segurança

Parâmetro: Analisar os gastos da empresa com aspectos associados à saúde de seus funcionários.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui gastos com planos de saúde de seus funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui gastos com planos de saúde de alguns funcionários, dependendo da função exercida.

Desempenho superior: A empresa possui gastos com planos de saúde de todos os funcionários, independente da função exercida.

Nome do indicador: Investimentos em tecnologias limpas

Parâmetro: Analisar os investimentos em tecnologias limpas (energia solar, redes elétricas controladas por computadores, carros elétricos, biocombustíveis e materiais limpos).

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não faz investimentos em tecnologias limpas.

Desempenho intermediário: A empresa investe esporadicamente em tecnologias limpas.

Desempenho superior: A empresa possui políticas de investimento em tecnologias limpas.

Nome do indicador: Nível de endividamento

Parâmetro: Analisar o endividamento da empresa a partir da relação entre o passivo exigível e o ativo total.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve um aumento do nível de endividamento da empresa em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: O nível de endividamento da empresa se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve uma redução do nível de endividamento da empresa em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Lucratividade

Dimensão de sustentabilidade: econômica

Parâmetro: Analisar a lucratividade da empresa a partir da relação entre o lucro líquido e o faturamento total.

Categorias:

Desempenho inferior: Houve uma redução da lucratividade da empresa em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: O nível de lucratividade da empresa se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve um aumento da lucratividade da empresa em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Participação de mercado

Parâmetro: Analisar a participação de mercado que a empresa possui.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve uma redução da participação de mercado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: A participação de mercado se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve um aumento da participação de mercado em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Passivo ambiental

Parâmetro: Analisar as agressões ocorridas contra o meio ambiente (água, solo e ar) e seus eventuais gastos necessários para reabilitá-lo, bem como multas e indenizações em potencial.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa possui passivos ambientais, mas não assume responsabilidades sobre eles.

Desempenho intermediário: A empresa possui passivos ambientais, mas assume responsabilidades sobre eles.

Desempenho superior: Não possui passivos ambientais.

Nome do indicador: Gastos em proteção ambiental

Parâmetro: Analisar os investimentos realizados pela empresa que estão associados à prevenção de acidentes e proteção ambiental.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui investimentos associados à prevenção de acidentes e proteção ambiental.

Desempenho intermediário: A empresa possui ações esporádicas associadas à prevenção de acidentes e proteção ambiental.

Desempenho superior: A empresa possui programas de ação contínua associadas à prevenção de acidentes e proteção ambiental.

Nome do indicador: Auditoria

Parâmetro: Analisar a realização de serviços de auditoria realizados no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui contratos com empresas de auditoria.

Desempenho intermediário: A empresa contrata serviços de empresas de auditoria esporadicamente.

Desempenho superior: A empresa mantém contratos permanentes com empresas de auditoria.

Nome do indicador: Avaliação de resultados da organização

Parâmetro: Analisar os procedimentos adotados pela empresa acerca da avaliação de resultados e mensuração do seu desempenho.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui processos formais de avaliação de resultados ou de mensuração de desempenho.

Desempenho intermediário: A empresa esporadicamente avalia resultados e mensura seu desempenho.

Desempenho superior: A empresa possui processos formais de avaliação de resultados ou de mensuração de desempenho.

Nome do indicador: Volume de vendas

Parâmetro: Analisar o comportamento do volume de vendas apresentado pela empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve uma redução do volume de vendas em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: O volume de vendas se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve um aumento do volume de vendas em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Gastos com benefícios

Parâmetro: Analisar os gastos com pensões e demais benefícios.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a nenhum de seus funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a alguns funcionários.

Desempenho superior: A empresa possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a todos os funcionários.

Nome do indicador: Retorno sobre capital investido

Parâmetro: Analisar o retorno sobre o capital investido na empresa a partir da relação entre o lucro líquido e o ativo total

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve uma redução de retorno sobre o capital investido em comparação aos últimos três anos.

Desempenho intermediário: O nível de retorno sobre o capital investido se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

Desempenho superior: Houve um aumento de retorno sobre o capital investido em comparação aos últimos três anos.

Nome do indicador: Selos de qualidade

Parâmetro: Analisar a posse de selos de qualidade para seus produtos, serviços e processos.

Categorias de desempenho

Desempenho inferior: A empresa não possui nenhuma certificação de qualidade para seus produtos, serviços ou processos.

Desempenho intermediário: A empresa possui certificação de qualidade de âmbito local/regional para seus produtos, serviços ou processos.

Desempenho superior: A empresa possui certificação de qualidade de âmbito nacional/internacional para seus produtos, serviços ou processos.

DIMENSÃO SOCIAL

Nome do indicador: Geração de trabalho e renda

Parâmetro: Analisar a importância de ações desenvolvidas pela empresa para fins de desenvolvimento da comunidade local através da geração de trabalho e renda.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Abaixo de 30% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional.

Desempenho intermediário: Entre 30% e 70% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional.

Desempenho superior: Acima de 70% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional.

Nome do indicador: Auxílio em educação e treinamento

Parâmetro: Analisar os recursos utilizados para capacitação de funcionários.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários, dependendo de cargo e/ou função exercida.

Desempenho superior: A empresa possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários, independente de cargo e/ou função exercida.

Nome do indicador: Padrão de segurança de trabalho

Parâmetro: Analisar a utilização de padrões rígidos em questões associadas à segurança de trabalho no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não adota normas ou padrões referentes à segurança de trabalho.

Desempenho intermediário: A empresa possui normas ou padrões referentes à segurança de trabalho, mas não possui certificação.

Desempenho superior: A empresa possui certificação acerca das normas ou padrões referentes à segurança de trabalho.

Nome do indicador: Ética organizacional

Parâmetro: Analisar a utilização de normas ou códigos de conduta profissional no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui nenhuma orientação formal sobre ética e conduta profissional.

Desempenho intermediário: A empresa possui orientações sobre ética e conduta profissional referentes a temas/áreas específicas.

Desempenho superior: A empresa possui código de ética e de conduta profissional.

Nome do indicador: Interação social

Parâmetro: Analisar as ações e iniciativas da empresa voltadas para sua integração com a sociedade.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui nenhum projeto ou ação concreta voltada para a promoção de sua integração com a sociedade.

Desempenho intermediário: A empresa possui projetos esporádicos voltados para a promoção de sua integração com a sociedade.

Desempenho superior: A empresa possui diretriz e programas contínuos voltados para a promoção de sua integração com a sociedade.

Nome do indicador: Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira

Parâmetro: Analisar as ações da empresa voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui ações voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui ações esporádicas voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.

Desempenho superior: A empresa possui programas estruturados voltados para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.

Nome do indicador: Políticas de distribuição de lucros e resultados entre funcionários

Parâmetro: Analisar as práticas de distribuição de lucros e resultados entre os funcionários da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não distribui lucros e resultados entre funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui políticas informais de distribuição de lucros e resultados entre funcionários.

Desempenho superior: A empresa possui políticas formais de distribuição de lucros e resultados entre funcionários.

Nome do indicador: Conduta de padrão internacional

Parâmetro: Analisar a adoção de condutas sociais de acordo com padrões estabelecidos internacionalmente por intermédio de organismos internacionais, a exemplo da ONU, da FAO e da OECD.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não conhece as condutas sociais de padrão internacional.

Desempenho intermediário: A empresa conhece, mas não adota condutas sociais de padrão internacional.

Desempenho superior: A empresa conhece e adota condutas sociais de padrão internacional.

Nome do indicador: Capacitação e desenvolvimento de funcionários

Parâmetro: Analisar as políticas de capacitação e desenvolvimento de funcionários.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui políticas (formais e informais) de capacitação de funcionários.

Desempenho intermediário: A empresa possui políticas informais de capacitação de funcionários.

Desempenho superior: A empresa possui políticas formais de capacitação de funcionários.

Nome do indicador: Acidentes fatais

Parâmetro: Analisar a ocorrência de acidentes fatais associados ao trabalho.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: Houve mais de um acidente fatal associado ao trabalho no último ano.

Desempenho intermediário: Houve um acidente fatal associado ao trabalho no último ano.

Desempenho superior: Não houve acidentes fatais associados ao trabalho no último ano.

Nome do indicador: Contratos legais

Parâmetro: Analisar as características dos contratos que regem a relação entre proprietários e funcionários da empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui contratos de trabalho.

Desempenho intermediário: A empresa possui contratos de trabalhos, mas nem todos se encontram em situação regular.

Desempenho superior: A empresa possui contratos de trabalho e todos se encontram em situação regular.

Nome do indicador: *Stress* de trabalho

Parâmetro: Analisar a maneira pela qual a empresa lida com o stress no ambiente de trabalho.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: A empresa não possui ações voltadas aos males causados pelo *stress* no ambiente de trabalho.

Desempenho intermediário: A empresa possui ações esporádicas voltadas aos males causados pelo *stress* no ambiente de trabalho.

Desempenho superior: A empresa possui programas de prevenção e redução dos males causados pelo *stress* no ambiente de trabalho.

Nome do indicador: Segurança do produto

Parâmetro: Analisar as informações apresentadas nos rótulos elaborados pela empresa.

Categorias de desempenho:

Desempenho inferior: O rótulo dos produtos não apresenta todas as informações obrigatórias exigidas por órgãos competentes.

Desempenho intermediário: O rótulo dos produtos apresenta todas as informações obrigatórias exigidas por órgãos competentes.

Desempenho superior: O rótulo dos produtos além de apresentar todas as informações obrigatórias exigidas por órgãos competentes apresenta ainda diversas informações adicionais ao usuário/consumidor.

Anexo B – QUESTIONÁRIO INFORMAÇÕES SOBRE OS INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE, CALLADO (2010)

DIMENSÃO AMBIENTAL

1. Sistemas de Gestão Ambiental (SGA)

Parâmetro: Analisar a complexidade de práticas de gestão ambiental.

Categorias de desempenho:

- A empresa não possui SGA nem práticas de gestão ambiental implementadas.
- A empresa possui práticas de gestão ambiental ou está implementando um SGA (**descrever as práticas**).
- A empresa possui um SGA implementado.

2. Quantidade de água utilizada

Parâmetro: Analisar a utilização de água em suas atividades.

Categorias de desempenho:

- Houve aumento de quantidade de água utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.
- A quantidade total de água utilizada pela empresa se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.
- Houve uma redução da quantidade de água utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

3. Processos decorrentes de infrações ambientais

Parâmetro: Analisar a presença de processos instaurados por não-conformidades ambientais.

Categorias de desempenho:

- A empresa possui mais de um processo instaurado por organizações ambientais (**apresentar os processos**).
- A empresa possui um processo instaurado por organizações ambientais (**apresentar o processo**).
- A empresa não possui processo instaurado por organizações ambientais.

4. Treinamento, educação e capacitação em aspectos ambientais

Parâmetro: Analisar as políticas de treinamento, capacitação e educação de funcionários.

Categorias de desempenho:

- A empresa não possui programas de treinamento, educação ou de capacitação de funcionários sobre aspectos associados ao meio ambiente.
- A empresa possui programas de treinamento, educação e de capacitação sobre aspectos associados ao meio ambiente desenvolvidos por empresas terceirizadas ou contratadas (**descrever os programas**).
- A empresa possui programas de treinamento, educação e de capacitação sobre aspectos associados ao meio ambiente desenvolvidos pela própria empresa (**descrever os programas**).

5. Economia de energia

Parâmetro: Analisar o consumo de energia.

Categorias de desempenho:

- Houve aumento do consumo de energia utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.
- A quantidade total de energia utilizada pela empresa se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.
- Houve uma redução do consumo de energia utilizada pela empresa em comparação aos últimos três anos.

6. Desenvolvimento de tecnologias equilibradas

Parâmetro: Analisar as práticas relativas às estratégias voltadas ao desenvolvimento de tecnologias em equilíbrio com o meio ambiente.

Categorias de desempenho:

- A empresa não possui ações de desenvolvimento de tecnologias voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades.
- A empresa adquire tecnologias desenvolvidas por outras empresas voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades (**apresentar os projetos desenvolvidos**).

() A empresa desenvolve projetos próprios de tecnologias voltadas aos impactos ambientais causados por suas atividades e/ou a empresa não desenvolve atividades que causam impactos ambientais (apresentar os projetos desenvolvidos). A empresa não desenvolve atividades que causam impactos ambientais.

7. Ciclo de vida de produtos e serviços

Parâmetro: Analisar os ciclos de vida de produtos comercializados pela empresa em relação ao meio ambiente.

Categorias de desempenho:

() A empresa não desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente.

() A empresa desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente, mas não são convertidas em ações e políticas empresariais (**apresentar as pesquisas que estão sendo desenvolvidas**).

() A empresa desenvolve pesquisas associadas às relações entre os ciclos de vida de seus produtos e o meio ambiente, e são convertidas em ações e políticas empresariais (**apresentar as pesquisas que estão sendo desenvolvidas**).

8. Quantidade de combustível fóssil utilizado por ano

Parâmetro: Analisar o consumo de combustíveis fósseis em relação ao nível histórico esperado.

Categorias de desempenho:

() Houve um aumento do consumo de combustíveis fósseis utilizados em comparação aos últimos três anos.

() O consumo de combustíveis fósseis se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.

() Houve uma redução do consumo de combustíveis fósseis utilizados em comparação aos últimos três anos.

9. Reciclagem e reutilização de água

Parâmetro: Analisar a reciclagem e reutilização de água.

Categorias de desempenho:

() A empresa não recicla nem reutiliza água em suas atividades.

() A empresa possui ações esporádicas de reciclagem e reutilização de água (**apresentar as ações desenvolvidas**).

() A empresa possui políticas contínuas de reciclagem e reutilização de água (**apresentar as políticas**). A empresa não utiliza água em suas atividades operacionais.

10. Acidentes ambientais

Parâmetro: Analisar os acidentes ambientais registrados no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

() Registro de mais de um acidente ambiental no último ano (**descrever os acidentes**).

() Registro de um acidente ambiental no último ano (**descrever o acidente**).

() Não houve registro de acidentes ambientais no último ano.

11. Fontes de recursos utilizados

Parâmetro: Analisar a natureza das principais fontes de energia primária (renováveis e não-renováveis).

Categorias de desempenho:

() A empresa apresenta uma matriz energética composta exclusivamente por fontes de energia não-renováveis.

() A empresa apresenta uma matriz energética composta por fontes de energia renováveis e não-renováveis.

() A empresa apresenta uma matriz energética composta predominantemente por fontes de energia renováveis.

12. Redução de resíduos

Parâmetro: Analisar as práticas associadas à redução de emissão de resíduos sólidos, líquidos e gasosos gerados por suas atividades.

Categorias de desempenho:

() A empresa atualmente não possui ações voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos).

() A empresa possui ações esporádicas voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) (apresentar as ações).

() A empresa possui políticas voltadas para reduzir a emissão de resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) (apresentar as políticas). A empresa não emite resíduos (sólidos, líquidos ou gasosos) em suas atividades operacionais.

13. Produção de resíduos tóxicos

Parâmetro: Analisar as práticas de monitoramento e controle da geração de resíduos tóxicos.

Categorias de desempenho:

- () A empresa gera resíduos tóxicos, mas não possui práticas de monitoramento e controle.
- () A empresa gera resíduos tóxicos, mas possui práticas de monitoramento e controle (**descrever o processo de monitoramento**).
- () A empresa não gera resíduos tóxicos.

14. ISO 14001

Parâmetro: Analisar a situação da empresa em relação à utilização das normas ISO 14001.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui a certificação ISO 14001, nem está em processo de implementação.
- () A empresa não possui a certificação ISO 14001, mas está em processo de certificação.
- () A empresa já possui a certificação ISO 14001.

15. Qualidade do solo

Parâmetro: Analisar a geração de danos causados ao solo, bem como as ações adotadas para a redução de seus impactos.

Categorias de desempenho:

- () As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos ao solo, mas não são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.
- () As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos ao solo, mas são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados (**descrever as providências que estão sendo tomadas**).
- () As atividades desenvolvidas pela empresa não geram danos ao solo.

16. Qualidade de águas de superfície

Parâmetro: Analisar a geração de danos às águas de superfície, bem como as ações adotadas para a redução de seus impactos.

Categorias de desempenho:

- () As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos às águas de superfície, mas não são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados.
- () As atividades desenvolvidas pela empresa geram danos às águas de superfície, mas são tomadas providências no sentido de diminuir os impactos causados (**descrever as providências que estão sendo tomadas**).
- () As atividades desenvolvidas pela empresa não geram danos às águas de superfície.

DIMENSÃO ECONÔMICA

17. Investimentos éticos

Parâmetro: Analisar a natureza de critérios adotados para a análise de investimentos.

Categorias de desempenho:

- () A análise de investimento utiliza critérios exclusivamente técnicos e econômicos.
- () A análise de investimento utiliza critérios técnicos e econômicos, mas eventualmente considera aspectos sociais e ambientais (**apresentar os critérios utilizados**).
- () A análise de investimento sempre utiliza critérios técnicos e econômicos associados a aspectos sociais e ambientais (**apresentar os critérios utilizados**).

18. Gastos em saúde e em segurança

Parâmetro: Analisar os gastos da empresa com aspectos associados à saúde de seus funcionários.

Categorias de desempenho:

- A empresa não possui gastos com planos de saúde de seus funcionários.
- A empresa possui gastos com planos de saúde de alguns funcionários, dependendo da função exercida (**qual foi o critério utilizado**).
- A empresa possui gastos com planos de saúde de todos funcionários, independente da função exercida.

19. Investimentos em tecnologias limpas

Parâmetro: Analisar os investimentos em tecnologias limpas (energia solar, redes elétricas controladas por computadores, carros elétricos, biocombustíveis e materiais limpos).

Categorias de desempenho:

- A empresa não faz investimentos em tecnologias limpas.
- A empresa investe esporadicamente em tecnologias limpas (**apresentar os investimentos**).
- A empresa possui políticas de investimento em tecnologias limpas (**descrever a política utilizada**).

20. Nível de endividamento

Parâmetro: Analisar o endividamento da empresa a partir da relação entre o passivo exigível e o ativo total.

Categorias de desempenho:

- Houve um aumento do nível de endividamento da empresa em comparação aos últimos três anos.
- O nível de endividamento da empresa se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.
- Houve uma redução do nível de endividamento da empresa em comparação aos últimos três anos.

21. Lucratividade

Parâmetro: Analisar a lucratividade da empresa a partir da relação entre o lucro líquido e o faturamento total.

Categorias:

- Houve uma redução da lucratividade da empresa em comparação aos últimos três anos.
- O nível de lucratividade da empresa se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.
- Houve um aumento da lucratividade da empresa em comparação aos últimos três anos.

22. Participação de mercado

Parâmetro: Analisar a participação de mercado que a empresa possui.

Categorias de desempenho:

- Houve uma redução da participação de mercado em comparação aos últimos três anos.
- A participação de mercado se manteve inalterada em comparação aos últimos três anos.
- Houve um aumento da participação de mercado em comparação aos últimos três anos.

23. Passivo ambiental

Parâmetro: Analisar as agressões ocorridas contra o meio ambiente (água, solo e ar) e seus eventuais gastos necessários para reabilitá-lo, bem como multas e indenizações em potencial.

Categorias de desempenho:

- A empresa possui passivos ambientais, mas não assume responsabilidades sobre eles (**discriminar os passivos ambientais reconhecidos pela empresa**).
- A empresa possui passivos ambientais, mas assume responsabilidades sobre eles (**discriminar os passivos ambientais reconhecidos pela empresa**).
- Não possui passivos ambientais

24. Gastos em proteção ambiental

Parâmetro: Analisar os investimentos realizados pela empresa que estão associados à prevenção de acidentes e proteção ambiental.

Categorias de desempenho:

- A empresa não possui investimentos associados à prevenção de acidentes e proteção ambiental.
- A empresa possui ações esporádicas associadas à prevenção de acidentes e proteção ambiental (**descrever as ações**).

() A empresa possui programas de ação contínua associadas à prevenção de acidentes e proteção ambiental **(descrever os programas)**.

25. Auditoria

Parâmetro: Analisar a realização de serviços de auditoria realizados no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui contratos com empresas de auditoria.
- () A empresa contrata serviços de empresas de auditoria esporadicamente **(descrever os serviços contratados)**.
- () A empresa mantém contratos permanentes com empresas de auditoria **(descrever os contratos)**.

26. Avaliação de resultados da organização

Parâmetro: Analisar os procedimentos adotados pela empresa acerca da avaliação de resultados e mensuração do seu desempenho.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui processos formais de avaliação de resultados ou de mensuração de desempenho.
- () A empresa esporadicamente avalia resultados e mensura seu desempenho **(qual a periodicidade e o tipo de avaliação apresentada)**.
- () A empresa possui processos formais de avaliação de resultados ou de mensuração de desempenho **(descrever as avaliações)**.

27. Volume de vendas

Parâmetro: Analisar o comportamento do volume de vendas apresentado pela empresa.

Categorias de desempenho:

- () Houve uma redução do volume de vendas em comparação aos últimos três anos.
- () O volume de vendas se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.
- () Houve um aumento do volume de vendas em comparação aos últimos três anos.

28. Gastos com benefícios

Parâmetro: Analisar os gastos com pensões e demais benefícios.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a nenhum de seus funcionários.
- () A empresa possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a alguns funcionários **(qual foi o critério utilizado e descreva os planos e benefícios)**.
- () A empresa possui ou oferece planos de pensões e aposentadorias e demais benefícios a todos funcionários **(descrever os planos e benefícios)**.

29. Retorno sobre capital investido

Parâmetro: Analisar o retorno sobre o capital investido na empresa a partir da relação entre o lucro líquido e o ativo total

Categorias de desempenho:

- () Houve uma redução de retorno sobre o capital investido em comparação aos últimos três anos.
- () O nível de retorno sobre o capital investido se manteve inalterado em comparação aos últimos três anos.
- () Houve um aumento de retorno sobre o capital investido em comparação aos últimos três anos.

30. Selos de qualidade

Parâmetro: Analisar a posse de selos de qualidade para seus produtos, serviços e processos.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui nenhuma certificação de qualidade para seus produtos, serviços ou processos.
- () A empresa possui certificação de qualidade de âmbito local/regional para seus produtos, serviços ou processos **(que certificações a empresa possui)**.
- () A empresa possui certificação de qualidade de âmbito nacional/internacional para seus produtos, serviços ou processos **(que certificações a empresa possui)**.

DIMENSÃO SOCIAL

31. Geração de trabalho e renda

Parâmetro: Analisar a importância de ações desenvolvidas pela empresa para fins de desenvolvimento da comunidade local através da geração de trabalho e renda.

Categorias de desempenho:

- () Abaixo de 30% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional.
- () Entre 30% e 70% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional.
- () Acima de 70% do total de seus funcionários são oriundos da comunidade local e regional

32. Auxílio em educação e treinamento

Parâmetro: Analisar os recursos utilizados para capacitação de funcionários.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários.
- () A empresa possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários, dependendo de cargo e/ou função exercida (**qual foi o critério utilizado e descrever o tipo de auxílio concedido**).
- () A empresa possui auxílio financeiro para capacitação de seus funcionários, independente de cargo e/ou função exercida (**descrever o tipo de auxílio concedido**).

33. Padrão de segurança de trabalho

Parâmetro: Analisar a utilização de padrões rígidos em questões associadas à segurança de trabalho no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não adota normas ou padrões referentes à segurança de trabalho.
- () A empresa possui normas ou padrões referentes à segurança de trabalho, mas não possui certificação (**descrever as normas e padrões utilizados**).
- () A empresa possui certificação acerca das normas ou padrões referentes à segurança de trabalho (**descrever a certificação**).

34. Ética organizacional

Parâmetro: Analisar a utilização de normas ou códigos de conduta profissional no âmbito da empresa.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui nenhuma orientação formal sobre ética e conduta profissional.
- () A empresa possui orientações sobre ética e conduta profissional referentes a temas/áreas específicas.
- () A empresa possui código de ética e de conduta profissional.

35. Interação social

Parâmetro: Analisar as ações e iniciativas da empresa voltadas para sua integração com a sociedade.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui nenhum projeto ou ação concreta voltada para a promoção de sua integração com a sociedade.
- () A empresa possui projetos esporádicos voltados para a promoção de sua integração com a sociedade (**descrever os projetos sociais**).
- () A empresa possui diretrizes e programas contínuos voltados para a promoção de sua integração com a sociedade (**descrever as diretrizes e programas sociais desenvolvidos**).

36. Empregabilidade e gerenciamento de fim de carreira

Parâmetro: Analisar as ações da empresa voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui ações voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários.
- () A empresa possui ações esporádicas voltadas para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários (**descrever as ações**).

() A empresa possui programas estruturados voltados para a promoção da empregabilidade, bem como para o gerenciamento no fim de carreira de seus funcionários (**descrever os programas**).

37. Políticas de distribuição de lucros e resultados entre funcionários

Parâmetro: Analisar as práticas de distribuição de lucros e resultados entre os funcionários da empresa.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não distribui lucros e resultados entre funcionários.
- () A empresa possui políticas informais de distribuição de lucros e resultados entre funcionários (**descreva as políticas informais**).
- () A empresa possui políticas formais de distribuição de lucros e resultados entre funcionários (**descreva as políticas formais**).

38. Conduta de padrão internacional

Parâmetro: Analisar a adoção de condutas sociais de acordo com padrões estabelecidos internacionalmente por intermédio de organismos internacionais, a exemplo da ONU, da FAO e da OECD.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não conhece as condutas sociais de padrão internacional.
- () A empresa conhece, mas não adota condutas sociais de padrão internacional.
- () A empresa conhece e adota condutas sociais de padrão internacional (**apresentar as condutas adotadas**).

39. Capacitação e desenvolvimento de funcionários

Parâmetro: Analisar as políticas de capacitação e desenvolvimento de funcionários.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui políticas (formais e informais) de capacitação de funcionários.
- () A empresa possui políticas informais de capacitação de funcionários (**apresentar as políticas**).
- () A empresa possui políticas formais de capacitação de funcionários (**apresentar as políticas**).

40. Acidentes fatais

Parâmetro: Analisar a ocorrência de acidentes fatais associados ao trabalho.

Categorias de desempenho:

- () Houve mais de um acidente fatal associado ao trabalho no último ano.
- () Houve um acidente fatal associado ao trabalho no último ano.
- () Não houveram acidentes fatais associados ao trabalho no último ano.

41. Contratos legais

Parâmetro: Analisar as características dos contratos que regem a relação entre proprietários e funcionários da empresa.

Categorias de desempenho:

- () A empresa não possui contratos de trabalho.
- () A empresa possui contratos de trabalhos, mas nem todos encontram-se em situação regular.
- () A empresa possui contratos de trabalho e todos encontram-se em situação regular.

Apêndice A - CARTA DE CONVITE AS EMPRESAS

Prezados (as) senhores (as),

Estamos realizando uma pesquisa para fins de elaboração de uma dissertação de mestrado, como cumprimento obrigatório a conclusão do curso, realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A mesma refere-se a um estudo da sustentabilidade empresarial em indústrias moveleiras da cidade de Campina Grande – PB, tendo como objetivo geral “analisar o nível de sustentabilidade de indústrias que integrem o setor moveleiro de Campina Grande-PB, através da aplicação do GRID de sustentabilidade e da percepção dos seus principais *stakeholders*”.

O sucesso da pesquisa depende da contribuição das empresas, especificamente de pessoas que conheçam a organização como um todo. Assim, solicitamos sua compreensão e colaboração para responder ao nosso questionário e participar de uma entrevista, de maneira que possamos alcançar os objetivos propostos.

Informamos que o tempo estimado para a realização da entrevista não ultrapassará os 30 (trinta) minutos, assim como o preenchimento do questionário também possui tempo estimado para preenchimento de 30 (trinta) minutos. As informações contidas no questionário serão manipuladas unicamente pela pesquisadora e seu orientador, e que não haverá divulgação do nome da empresa no trabalho escrito, bem como do nome do respondente.

Desde já agradecemos a sua colaboração e esperamos contar com o seu apoio e aceite na participação dessa pesquisa. Pedimos, por gentileza que qualquer dúvida entre em contato conosco através dos contatos abaixo discriminados:

Telefone residencial: (083) 3066-0233

Telefone celular: (083) 8829-5600

E-mail: angelicacarina@gmail.com

Atenciosamente,

Angelica Carina de Andrade Farias

Mestranda em administração

Programa de Pós Graduação em Administração - PPGA

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Aldo Leonardo Cunha Callado

Doutor em administração

Programa de Pós Graduação em Administração - PPGA

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Apêndice B – CARACTERIZAÇÃO DO ENTREVISTADO REPRESENTANTE DA EMPRESA

1. Nome:

2. Função na empresa:

3. Tempo na Empresa:

4. Sexo:

5. Formação acadêmica:

6. Experiência profissional

7. Há quanto tempo está no atual cargo?

Apêndice C – CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA

1. Qual é a estrutura societária da empresa?

- Capital aberto
 Capital fechado
 Outra

2. Qual o porte da organização

- Pequeno porte
 Médio porte
 Grande porte

3. A administração da empresa

- Familiar
 Profissional contratado

4. Histórico da organização (ano de fundação, unidades de produção, localização de unidades)

5. Quais os valores que orientam a empresa?

6. Em quais mercados a empresa atua? (municipal, estadual, nacional)

7. Quanto tempo de atuação em Campina Grande?

8. Qual o público alvo da empresa? (classes sociais, estado civil, etc.)

9. A empresa constrói prédios residenciais, comerciais, etc.?

10. Qual a principal matéria-prima que a organização utiliza? (cimento, arei, ferro, etc.)

11. Quantos imóveis já foram entregues? E quantos estão em andamento?

12. Quantos empregados a empresa possui?

13. Qual a perspectiva para o ano de 2013? (crescimento, algum contrato especial, etc)
